



Ao seu
ENCONTRO
ABBI
GLINES

AUTORA DE *PAIXÃO SEM LIMITES*



ARQUEIRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Ao seu
ENCONTRO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos

desafios e contratempos da vida.



Ào seu
ENCONTRO
ABBI
GLINES



Título original: *When You're Back*

Copyright © 2015 by Abbi Glines

Copyright da tradução © 2017 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com Atria Books, uma divisão da Simon & Schuster Inc.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Cássia Zanon

preparo de originais: Tais Monteiro

revisão: Cristhiane Ruiz e Rebeca Bolite

diagramação: Abreu's System

adaptação de capa: DuatDesign

imagens de capa: brickrena/ Shutterstock e savageultralight/ Shutterstock

adaptação para ebook: [Hondana](#)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Star Books Digital

The logo graphic consists of a stylized teal book shape with a purple and pink square to its right.

G476a Glines, Abbi

Ao seu encontro [recurso eletrônico]/ Abbi Glines; tradução de Cássia Zanon. São Paulo: Arqueiro, 2017.
recurso digital

Tradução de: *When you're back*

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-8041-655-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Zanon, Cássia.
II. Título.

16-
37447

813

CDD:

CDU:

821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Ao exército de Abbi, o melhor Street Team do mundo. Nunca imaginei que teria um grupo como este apoiando meus livros e sempre por perto para me animar quando as coisas ficam difíceis. Amo todos vocês e sou muito grata a cada um.

REESE

Fazia 22 dias, cinco horas e trinta minutos que eu havia me despedido de Mase no aeroporto O'Hare. Quando teve certeza de que eu estaria a salvo na casa do meu pai, em Chicago, com minha recém-encontrada família, Mase retornou à fazenda dos pais, no Texas, que simplesmente não funcionava sem ele.

Fiquei muito tentada a voltar com ele. Estava pronta para começar minha vida nova com Mase e ansiosa para fazer da casa dele a nossa casa. Mas eu precisava resolver isso primeiro.

Pouco mais de um mês antes, um senhor italiano bem-vestido e refinado havia aparecido na minha porta em Rosemary Beach, onde eu trabalhava como faxineira para algumas das famílias mais ricas da cidade. Não muito depois de eu ter conhecido Mase, o pai que eu jamais tinha visto – e que nem sabia se estava vivo – voltou à minha vida, querendo fazer parte dela.

Mase esteve comigo o tempo todo, segurando minha mão ao longo de todo o processo. Benedetto ficou conosco em Rosemary Beach por uma semana e então voamos todos juntos para Chicago.

Logo descobri que eu tinha não apenas um pai, mas também um irmão. Raul é um rapaz muito bacana, dois anos mais novo que eu. Ele possui um dom especial para me fazer rir. Também tenho uma avó, ou *nonna*, como prefere ser chamada. Ela adorava sentar e conversar comigo por horas. Ouvi histórias do meu pai de quando ele era mais jovem e vi fotos da infância de Raul. Ela também me contou sobre sua insistência obstinada para convencer Benedetto a tentar me encontrar. Ele tinha motivos de sobra para não ir atrás de mim, era o que sempre dizia a todo mundo. Minha vontade era odiá-lo por não ter me procurado quando eu era mais jovem, mas não consegui. Minha vida havia me levado até Mase.

O tempo que passei com eles foi realmente maravilhoso, mas a saudade de Mase era imensa. Conversar com ele todas as noites não era suficiente. Eu precisava que ele estivesse ao meu lado. Precisava dele mais do que de um pai, de um irmão e de uma *nonna*. Mase era a minha família, a primeira pessoa com quem eu de fato podia contar depois de uma vida inteira sofrendo abusos por parte da minha mãe e do meu padrasto.

Agora, enfim, eu estava em casa – ou no lugar prestes a se transformar em lar antes de meu pai aparecer. Mase e eu planejavamos morar juntos, mas isso ainda não havia se concretizado.

Não avisei a ele que voltaria mais cedo. Queria fazer uma surpresa.

O taxista parou em frente à casa dos pais de Mase, na enorme fazenda deles. Dei uma olhada na casa escura e logo vi que estava vazia. Ótimo. Minha surpresa era apenas para Mase. Paguei a corrida, peguei minha única mala e me apressei

na direção dos estábulos. A caminhonete de Mase estava estacionada do lado de fora, junto de outra que não reconheci.

Larguei a mala perto da caminhonete dele e segui o caminho pela pequena colina até os estábulos. Sabia que ele estaria lá, pois tinha me dito que não iria treinar cavalos naquele dia. Meu coração batia acelerado e minhas mãos ansiavam por tocá-lo. Eu estava grata por ter tido aquele tempo com minha família, mas não queria me afastar de Mase de novo. Se ele não pudesse ir comigo até Chicagó na próxima vez, eu não iria. Eles teriam que ir me ver ali.

Uma risada de mulher veio dos estábulos quando me aproximei. Será que ele estava no meio de alguma reunião? Eu não queria interrompê-lo caso fosse um cliente. Não poderia me jogar em seus braços se ele estivesse negociando um cavalo com seu proprietário. Parei do lado de fora.

– Não, Mase, naquela noite você me prometeu que iríamos cavalgar hoje. Não pode desistir agora por causa do trabalho. Eu quero meu passeio – disse a mulher.

A voz dela me fez sentir um arrepio na espinha. Era muito jovem e sedutora. E ela o conhecia muito bem.

– Eu sei que prometi, mas tenho trabalho me esperando. Você precisa ter paciência – respondeu ele.

– Eu vou dar um ataque se você não cumprir a promessa – ameaçou ela.

– Sem joguinhos hoje, Aida. Tenho coisas sérias para resolver. Você tomou todo o meu tempo nos últimos dois dias – disse ele numa voz que me fez recuar.

Eu conhecia aquela voz. Ele falava assim comigo.

– Mas eu estou entediada, e você sempre sabe como me divertir – argumentou ela.

– Sério, preciso que você me dê um tempo pra resolver as coisas hoje. À noite a gente se diverte. Podemos sair pra comer alguma coisa. Posso até levar você pra dançar.

Meu coração se partiu. O que eu estava ouvindo não dava margens a dúvidas. Mase estava saindo com outra mulher e se importava com ela. Pude perceber isso na voz dele.

Uma vez, imaginei que ele estava me traindo. Não queria passar por essa experiência de novo, mas o que mais isso podia significar? Olhei para a caminhonete estacionada ao lado da dele e depois de volta para a porta que levava ao interior dos estábulos.

Meu coração estava me mandando sair correndo dali e deitar em posição fetal para não desmoronar. Mas minha cabeça me dizia que eu precisava encarar aquilo. O que quer que fosse. Eu devia ao menos dar a Mase a chance de se explicar antes de ir embora.

Toda a empolgação que eu estava sentindo momentos antes desapareceu completamente. Fui tomada por emoções que nem sequer poderia começar a decifrar.

A risada da mulher veio até o lado de fora, seguida pela risada baixa de Mase, que sempre me aquecia. Ele estava se divertindo. Ficar com aquela mulher o deixava feliz. Será que eu me afastei por tempo de mais? Será que ele precisou de outra pessoa?

Ou será que se deu conta de que eu não era tão especial como ele pensava?

– Olá. Precisa de ajuda? – ouvi a voz da mulher perguntar.

Levantei a cabeça e a vi de pé na porta dos estábulos, como se estivesse para ir embora. Ela era alta, com longos cabelos louros presos num rabo de cavalo. Não estava usando maquiagem e ainda assim era deslumbrante. Lábios carnudos e dentes brancos perfeitos. Os olhos verdes grandes pareciam brilhar de felicidade. Mase tinha esse efeito sobre as mulheres.

– Quer falar sobre algum cavalo? – perguntou ela enquanto eu continuava em silêncio, olhando-a fixamente.

A calça jeans que ela vestia era justa e evidenciava o quadril esbelto e as coxas esguias. Era magra como uma modelo. Eu não era.

– E-eu, hã... – gaguejei.

Como eu poderia falar com aquela mulher? Eu devia ter ido embora. Confrontar Mase enquanto ela estava ali, parecendo uma Barbie, ia ser impossível. Ele olharia para nós duas lado a lado e veria qual era a melhor escolha.

– Você se perdeu? – tentou ela mais uma vez.

Sim. Eu estava completamente perdida. Tudo o que pensava ser verdade, tudo o que pensava ser meu, não era.

– Talvez – murmurei, então balancei a cabeça. – Não. Estou procurando...

– Reese! – A voz de Mase ressoou atrás da mulher e, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele passou por ela e me abraçou. – Você chegou! Por que não avisou que estava vindo? Eu teria ido pegar você. Meu Deus, como você está cheirosa. Morri de saudade disso. Estava morrendo de saudade de você!

Por cima do ombro dele, olhei para a mulher, que não sorria mais. Ela me encarava com jeito de poucos amigos.

– Eu queria... Eu queria fazer uma sur-surpresa – gaguejei, sem saber ao certo o que pensar.

Tinha ouvido os dois juntos. Sabia que ele havia passado algum tempo com aquela mulher e que ela obviamente não me queria ali.

Mase agarrou meu rosto e colou a boca à minha. Por mais insegura e magoada que eu estivesse por causa do que ouvi, deixei tudo para lá. O gosto de Mase e a sensação dos lábios dele nos meus quase me fizeram perder o equilíbrio. Ele engolia minha boca, e eu me agarrei a ele quando senti seu cheiro. O toque daquela língua na minha me fez estremecer. Nada no mundo importava quando eu estava assim com ele.

– *Arram, arram.* Ainda estou aqui, pessoal. Lembram de mim?

A voz da mulher quebrou meu transe delicioso e eu congelei. Ele me soltou, deu uma risadinha e olhou de volta para ela, mantendo os braços firmes em torno de mim.

– Desculpe, Aida, minha mulher voltou pra casa e eu vou estar ocupadíssimo pelas próximas 48 horas. Talvez mais. Vá procurar algo para fazer na casa – disse ele, então beijou a ponta do meu nariz enquanto dava as costas para ela outra vez.

– Meio grosseiro me deixar aqui e não me apresentar sua amiga – retrucou ela, com uma voz claramente desgostosa.

Mase sorriu para mim e piscou.

– Ela é uma diva. Você vai se acostumar. – Então virou-se para ela. – Aida, esta é Reese, a mulher de quem eu não parei de falar. Aquela com quem eu converso por horas todas as noites. – Mase se dirigiu de novo a mim. – Reese, essa é minha prima, Aida. Ela é um pouco mimada, muito dramática e se entedia facilmente.

Prima? Se ela era só isso mesmo, por que me encarava como se eu estivesse no caminho dela?

Olhei de volta para Aida e ela deu um sorriso afetado. Apesar de ficar mais tranquila por saber que eles eram parentes, algo no jeito como ela me olhava parecia desafiador.

MASE

Ter Reese nos braços outra vez ajudou a diminuir a frustração por ela não ter me dito que estava vindo mais cedo para casa. Eu a teria buscado no aeroporto. Não me agradou o fato de ela ter chegado sem ninguém para recebê-la.

– Você pegou um táxi? – perguntei, sem gostar dessa possibilidade também.

Ela assentiu, mas não disse mais nada.

– Queria que você tivesse me ligado.

Puxei-a para mim e a conduzi até minha caminhonete, para levá-la para a nossa casa, onde era o lugar dela.

– Achei que seria divertido fazer uma surpresa.

Ela parecia ausente, como se estivesse chateada. Talvez fosse só o cansaço da viagem.

– Eu diria pra você me ligar da próxima vez, mas não vai haver próxima vez. Nunca mais vamos ficar separados assim. Se quiser ir a Chicago, irei com você.

Reese então pareceu relaxar e chegou mais perto de mim. Era disso que eu precisava. Aida era cansativa e exigente. Tê-la por perto ajudou a diminuir a saudade de Reese, mas só porque ela era a agitação em pessoa e não parava de falar.

Assim que minha mãe voltasse para casa, teria que entreter Aida.

Peguei a mala de Reese e a coloquei na traseira da caminhonete, então deslizei a mão pela sua bunda perfeita e a agarrei. O risinho que ela deixou escapar lançou uma onda de calor pelo meu corpo. Eu precisava da risada dela.

– Não vou deixar você sair do meu lado pelo menos nos próximos dois dias. Estou carente – falei, subindo na caminhonete. – Além disso, na semana passada peguei alguns livros na biblioteca que você já pode ler pra mim.

Ela deitou a cabeça no meu ombro e suspirou de satisfação.

– Eu li pra você quase todas as noites enquanto estive fora.

– Sim, mas não estava nua na minha cama.

Ela riu outra vez, fazendo a minha vida parecer perfeita. Reese era tudo o que eu sempre esperei. Tudo antes dela era chato, até mesmo as garotas. Ninguém havia me feito ficar feliz por acordar todas as manhãs e ver o mesmo rosto. Ou por ir para a cama toda noite com a mesma pessoa.

– Você me quer nua na cama? – perguntou ela num tom divertido.

– Se quero. Quero que você faça tudo nua.

Reese me encarou.

– Você não está falando sério.

Olhei para seu rosto sorridente.

– Estou sim, gata. Quando falo sobre você ficar nua, nunca é brincadeira.

Ela riu outra vez e eu a puxei mais para perto. Era disso que eu precisava.



Reese foi na frente enquanto eu pegava sua mala na traseira da caminhonete. Parei um pouco para vê-la entrar na minha casa, que em breve seria nossa. Tudo parecia diferente com ela ali. Reese trazia calor e a luz do sol.

Ela deu uma olhada para trás e sorriu.

– Você não vem?

– Estava só apreciando a vista – respondi com um sorriso, e a segui.

Assim que passei pela porta, coloquei a mala no chão e a agarrei. Ela deu um gratinho de surpresa quando a ergui para levá-la até o sofá. Afundei com ela no couro surrado, coloquei-a no meu colo e ela se agarrou aos meus ombros.

– Bem-vinda ao lar – falei, antes de capturar os lábios dela com os meus.

O animal dentro de mim queria arrancar as roupas dela e comê-la naquele segundo. Mas o homem que sabia do que ela precisava ia abraçá-la e fazer uns carinhos primeiro.

Nunca quis que ela pensasse que para mim tudo se resumia a sexo. Eu me apaixonei por ela antes mesmo de transarmos. Ela era preciosa demais para ser tratada só como um pedaço de carne... embora o corpo dela inteiro *fosse* divino.

Reese tirou meu chapéu e o jogou no assento ao nosso lado, então afundou os dedos nos meus cabelos. Seus beijos eram maravilhosos, e eu seria capaz de ficar ali beijando-a para sempre. Curvas sensuais nas minhas mãos e lábios de mel eram mais do que eu poderia ter esperado. *Reese* era mais do que eu poderia ter imaginado.

Ela roçou a maciez carnuda dos seus lábios contra meu queixo com a barba por fazer e cobriu meu rosto de beijos.

– Você não fez a barba – sussurrou.

– Eu não sabia que você estava vindo.

– Eu gosto assim. É sexy – murmurou ela, aproximando a boca da minha.

– Vai machucar a sua pele macia – respondi, antes de aprofundar o beijo e mergulhar naquela doçura.

Minhas mãos escorregaram por debaixo da camiseta dela para tocar sua pele quente, e ela estremeceu nos meus braços.

– Acho que seria bom se machucasse um pouquinho. Se for com você, é claro – disse ela, montando em mim.

Seus cabelos escuros caíram sobre os ombros quando ela me deu um sorrisinho tímido e sexy, que fez meu coração bater mais forte.

Segurei o rosto dela entre as mãos, roçando os polegares nas bochechas.

– Eu jamais machucaria esta pele. Seria um crime.

Ela corou e se inclinou para a frente, pressionando o rosto nas minhas mãos.

– Preciso de você – sussurrou.

A fagulha de desejo nos olhos dela era tudo o que eu precisava.

– Levanta os braços. – Sem questionar, ela fez exatamente o que pedi.

Tirei a camiseta dela cuidadosamente e coloquei ao nosso lado. Admirar a visão dela só de sutiã me fez sentir como um adolescente de novo, vendo seios pela primeira vez. Nossa, como eu senti saudade deles.

– Quero chupá-los, mas preciso fazer a barba antes – falei, incapaz de desviar

os olhos.

– Por favor, Mase. Quero sentir sua barba na minha pele. Adoro isso. Adoro.

Ela ia me deixar maluco. Também queria as marcas da minha barba na pele dela. Fiquei culpado por querer machucá-la de alguma maneira, mas ouvi-la implorar por isso era difícil demais de ignorar.

Estiquei os braços por trás dela e abri o sutiã. Meu coração bateu forte quando vi os peitos dela livres. Aqueles mamilos roliços perfeitinhas me queriam tanto quanto eu os queria.

Foda-se. Inclinei a cabeça, levei a boca a um deles e comecei a envolvê-lo com a língua. Os suspiros e grunhidos de Reese liberaram uma descarga de adrenalina que percorreu meu corpo todo enquanto ela puxava meus cabelos com mais força. Minha vontade era mordê-la e ouvi-la gritar de prazer, mas não podia fazer isso. Não queria assustá-la ou machucá-la. Queria que ela sempre se sentisse segura em meus braços.

– Tire a camiseta – disse ela, gemendo baixinho.

Eu faria tudo o que ela quisesse. Afastei a boca, arranquei a camiseta e capturei o mamilo de novo entre os lábios. As unhas de Reese exploravam gentilmente meu peito, e as palmas das suas mãos cobriam meu tórax, enquanto ela sussurrava meu nome de um jeito que me fazia sentir um rei.

Houve um tempo em que ela teria medo disso. Nunca subestimei o fato de ela confiar em mim para lhe dar prazer. Reese já havia sofrido abuso antes, e eu queria garantir que jamais se sentisse assim outra vez. Eu a protegeria de todo o mal. Comigo, ela sempre saberia que estava segura.

Reese começou a mexer os quadris e eu precisei conter um tremor. Meu pau estava a ponto de fazer a calça jeans explodir. A pressão do zíper me causava dor e prazer ao mesmo tempo.

Soltei o mamilo dela para provar sua boca outra vez e inspirei sua doçura. Quando ela protestou, interrompi o beijo e coleí a testa à dela.

– Vamos tirar sua calça – falei, querendo sentir mais o corpo dela.

– Vamos tirar a *sua* – disse ela com um risinho, então saiu de cima de mim e se levantou.

Observei enquanto ela abria a calça e lentamente balançava os quadris para sair dela. Eu estava em transe. Quando a calcinha preta apareceu, a pressão contra o zíper ficou mais intensa. Abri a calça para me aliviar um pouco, mas sem tirar os olhos dela. Ela deslizou a própria calça pelas pernas e a jogou para o lado.

– Agora a calcinha – pedi, mas souo como um grunhido.

O rosto dela ficou vermelho e seus olhos se acenderam de desejo enquanto ela tirava a calcinha também. Agora Reese estava completamente nua para mim. Eu a queria assim pelo resto da vida.

– Você não tirou a calça – apontou ela, olhando para minha cueca boxer, agora à mostra.

– Eu estava tirando, mas você me distraiu.

– Então levanta que eu ajudo você – respondeu ela, sorrindo maliciosamente.

Juro que eu pularia de um penhasco se ela pedisse. Aquele sorrisinho me convenceria a fazer qualquer coisa.

REESE

Mase levantou e meus olhos não conseguiam se desgrudar de seu abdômen tanquinho, tão rígido que era praticamente impossível manter as mãos longe dele.

– O que você quiser – disse ele, olhando para mim como se eu fosse a única mulher no mundo.

Aquele era o Mase que eu conhecia. O homem em quem eu confiava. O homem que eu sabia que jamais me magoaria. Fiquei culpada por ter duvidado dele mais cedo. Nunca tive uma relação saudável e segura, então ainda não sabia como acreditar em uma. Até agora.

Encurtei a distância entre nós e puxei sua calça já aberta para baixo, até perceber que ele ainda estava de botas. Eu adorava aquelas botas.

– Tira logo isso – falei.

Ele deu um sorrisinho e puxou as duas com facilidade.

– Pronto.

Eu tinha a impressão de que Mase faria qualquer coisa que eu pedisse. Era um sentimento poderoso e ao mesmo tempo gratificante. Continuei tirando a calça dele, parando para admirar as coxas musculosas e as panturrilhas perfeitas.

Levantei, olhando para a cueca dele. Senti o rosto esquentar quando peguei nela e comecei a tirá-la com cuidado. A respiração dele ficou mais ofegante, o que me causou um tremor de expectativa. Quando eu ficava muito perto dele – especialmente do seu pênis –, Mase ficava excitado. Era um sentimento poderoso para mim também. Por saber que ele gostava que eu fizesse as coisas devagar, parei e olhei em seus olhos quando sua cueca estava baixa o suficiente para expor toda a sua nudez. Os olhos dele estavam enevoados de tesão.

Me inclinei para a frente e dei um beijo rápido na ponta inchada e vermelha.

– Caralho, gata – grunhiu ele.

Gostei disso. Não, eu *amei* isso.

Tirei a cueca dele, fiquei de pé e toquei em seu abdômen enquanto corria os dedos por seu peito. As mãos dele repousaram nos meus quadris.

– Quero te levar para a cama – disse ele, pressionando meu corpo contra o dele.

– Me leva – sussurrei.

Ele se levantou comigo no colo e me manteve junto ao peito enquanto atravessava a sala, com minhas pernas em torno da cintura dele. Sua boca capturou a minha em um beijo faminto e ele me deitou gentilmente na cama king size.

Olhei-o nos olhos enquanto abria as pernas e estendia as mãos para ele. Queria que Mase cobrisse meu corpo com o dele. Que me completasse.

Ele caiu nos meus braços imediatamente.

– Eu te amo – falou ardentemente, beijando meu pescoço. – Eu te amo tanto que não consigo respirar quando você não está por perto. Você é a coisa mais importante que eu tenho, Reese. É a minha vida.

Ele traçou uma linha de beijos pescoço abaixo até começar a morder minha clavícula.

– Mase – gemi, erguendo os quadris.

Eu queria mais. Queria-o dentro de mim, me preenchendo.

Ele colocou a mão entre as minhas pernas e enfiou um dedo em mim.

– Tão molhada... Puta que pariu – falou, gemendo.

Então meteu o dedo na boca e chupou antes de abaixar o quadril e pressionar a ponta da dureza em mim.

Era disso que eu precisava. Dessa conexão.

Ele afundou lentamente para dentro de mim, me completando com todo o seu tamanho. Os músculos dos braços dele se evidenciaram e Mase fechou os olhos com força. Fiquei observando aquele rosto lindo, o encaixe firme de sua mandíbula e a veia saltada em seu pescoço. Tudo aquilo me fazia delirar de prazer.

Quando ele finalmente estava todo dentro de mim, seus olhos se abriram para me encarar. Havia tanta emoção neles que senti os meus se encherem de lágrimas. Ele não precisava me dizer o que sentia – eu podia ver. Mase estava demonstrando naquele momento, e eu entendia.

– Coloque as pernas em volta da minha cintura – pediu ele num sussurro rouco, a boca roçando minha orelha.

Obedeci.

– Que delícia – murmurou ele, cada vez mais excitado.

Agarrei seus ombros, pronta para ele começar a se mover dentro de mim. Eu sabia que seria incrível. Mais do que incrível, na verdade – não havia como descrever o que eu sentia transando com Mase.

– Fique com as pernas bem abertas, gata. Vou fazer você ficar tão louca que não vai mais conseguir se lembrar nem do seu nome.

Só de ouvir isso eu já me aproximei do orgasmo. Será que isso era possível?

– Assim. Quero levar você à loucura, quero que sinta a mesma coisa que eu sinto quando estou enterrado em você.

Eu ia responder, mas Mase começou a se mexer e eu não consegui mais falar nem respirar normalmente, enquanto me agarrava a ele. Ele gemia e me enviava ondas de calor por todo o corpo.

Quando o primeiro orgasmo chegou, ele me apertou contra o peito e sussurrou que eu era linda, e algumas outras coisas maravilhosas que eu não seria capaz de lembrar, porque suas palavras e o ritmo constante de seus quadris já estavam me levando para o próximo orgasmo. Rápido. Continuei agarrada a ele como se minha vida dependesse disso.

Quando o terceiro orgasmo veio, Mase rugiu e gritou meu nome, e seu corpo estremeceu com o próprio gozo. Ele pressionou o rosto contra o meu pescoço e arfou, desesperado por ar.

Senti-lo gozar me fez estremecer de prazer mais uma vez, antes de nossos corpos relaxarem juntos, os dois corações pulsando violentamente.



O som de alguém batendo na porta interrompeu meus sonhos enquanto eu forçava meus olhos a se abrirem. No escuro, olhei ao redor do quarto, o corpo quente de Mase apertado contra o meu, me envolvendo nos braços. Depois da terceira vez que fizemos amor, caímos no sono.

Mase gemeu e abriu os olhos.

– Mas que diabo...? – falou, com a voz sonolenta.

– Mase! – chamou uma voz feminina que eu reconheci. Era Aida. – Abre a porta. Eu trouxe comida.

– Merda – rosnou ele enquanto saía da cama. Foi até o closet e pegou uma calça jeans e uma camiseta. Quando se virou para mim, abriu um sorriso satisfeito. – Está com fome?

Eu estava com sono, mas também faminta. Não tínhamos jantado ainda. Assenti.

– Vou pegar a sua mala. Pode se vestir devagar. Vou fazer o seu prato – disse ele, se inclinando para me dar um beijo.

Mase saiu do quarto e eu fiquei deitada ali, enrolada nas cobertas com o cheiro dele.

Ouvi Aida na porta da frente enquanto sua voz enchia a casa.

– Por que demorou tanto? Eu trouxe comida. Você devia me agradecer.

– Obrigado – respondeu ele, simplesmente.

– Aonde você vai?

– Pegar a mala de Reese – respondeu ele, enquanto seus passos voltavam ao quarto.

– Caramba, Mase. Você poderia ao menos ter recolhido a calcinha dela antes de me deixar entrar – disse Aida em um tom irritado.

Ela não gostava de mim. Não era só coisa da minha cabeça.

Mase não respondeu. Quando abriu a porta, ele revirou os olhos e sorriu para mim. As roupas que largamos na sala ontem à noite estavam debaixo de seu braço, e ele trazia minha mala na outra mão.

– Deixa ela pra lá.

Ele jogou nossas roupas em cima de uma cadeira e piscou para mim.

– Vista-se e venha comer.

Quando ele saiu de novo, eu me sentei, preocupada sobre como encarar Aida.

Não queria que a prima dele não gostasse de mim, mas não sabia muito bem se teria algum controle sobre isso.

MASE

Minha mãe mandou comida suficiente para alimentar um exército. Peguei dois pratos do armário.

– Agradeça a mamãe. Reese deve estar faminta.

Aida estava sentada no outro lado do balcão com a mão na cintura.

– Você só pegou dois pratos. Reese não vai comer com a gente?

Com a gente? Merda.

Aida não ia embora. Não que eu não gostasse que ela nos visitasse, mas não a queria por ali conosco naquele momento. Reese tinha acabado de voltar. Ainda não estava pronto para dividi-la com ninguém.

– Hã... pensei que você já tivesse jantado.

Ela pareceu magoada.

– Não, eu queria comer com você. Nós sempre jantamos juntos.

Caramba. Isso não ia ser fácil.

Percebi uma movimentação do outro lado da sala e levantei os olhos para ver Reese de pé em uma calça de moletom cortada e uma camiseta justinha. Ela queria ficar sozinho com ela, mas Aida estava ali e eu não podia magoá-la.

Sorri para Reese.

– Venha comer. Estou fazendo o seu prato.

Ela olhou para Aida e então de volta para mim, tensa.

– Ela não pode fazer o próprio prato? – perguntou Aida em um tom de voz sarcástico que não me agradou.

– Pode. Mas não precisa. Não quando estou aqui.

Minha resposta pareceu incomodar Aida, mas ela não disse mais nada. Qual era a dela? Não era de estranhar que Reese estivesse nervosa. Aida não estava alegre como de costume. Reese estava vendo um lado ruim dela.

– Não tem problema. Pode deixar que eu faço isso – disse Reese, vindo na minha direção.

Ela parecia determinada a agradar. Aquela era a Reese que eu havia conhecido, insegura e tímida. Aida não ia fazer essas características voltarem – eu não permitiria.

– Deixa comigo, gata – falei.

Ela foi na direção dos armários.

– Vou servir as bebidas, então. Aida, o que você quer?

Olhei para Aida, que pareceu ainda mais incomodada do que antes ao me ver olhar para Reese. Então sorriu.

– Eu gostaria de chá gelado, por favor.

Mas seu sorriso não parecia sincero. Eu ia ter que conversar com Aida. Havia algo errado com ela.

– Minha mãe mandou chá – falei para Reese, passando o garrafão para ela, do outro lado do balcão. – Vou querer um pouco também.

Reese sorriu para mim, aliviada com alguma coisa, e começou a servir três copos.

– Adoro o chá da sua mãe – comentou.

E minha mãe adorava Reese. Fiquei surpreso por ela mesma não ter levado a comida, mas mandado por Aida.

Passei um prato para Aida antes de pegar o de Reese e ir até a mesa para deixá-lo. Reese estava arrumando os copos. Puxei-a para perto e a beijei.

– Coma bastante. Você precisa de energia – sussurrei no ouvido dela, então voltei para preparar o meu prato.

Aida estava franzindo a testa para mim.

– Vocês precisam fazer isso comigo aqui?

– É minha casa, Aida. Posso fazer o que eu quiser aqui. Se você não gosta, pode ir comer na minha mãe.

Estava cansado daquele sarcasmo. Ela nunca tinha agido assim. Eu não sabia o que estava acontecendo.

– Que grosseria – disse ela, parecendo magoada.

– Quando eu quiser beijar Reese, vou beijar. Acostume-se com isso.

Não esperei que ela respondesse e peguei vários pedaços de frango frito e um biscoito antes de voltar para a mesa.

Reese estava sentada lá, olhando para o prato com as mãos no colo, parecendo um pouco perdida.

– Você não está comendo – falei.

Ela levantou os olhos para me encarar.

– Eu estava esperando vocês dois.

Aida sentou-se do meu outro lado.

– E então, ainda vamos àquele leilão de gado amanhã? Estou esperando por isso a semana inteira.

Mantive meu olhar em Reese.

– Duvido. Acho que Reese não vai querer acordar tão cedo.

– Reese não precisa ir – retrucou Aida.

Ela estava realmente começando a me irritar.

– Ela acabou de chegar. Não vou a lugar nenhum sem ela.

Senti a mão macia de Reese tocar meu braço.

– Se você tem que ir ao leilão de gado, posso acordar cedo. Não precisa deixar de fazer as coisas por minha causa.

Ela estava tentando ao máximo consertar a situação. Eu não queria que ela pensasse que precisava fazer isso. Ali era a casa dela. O lugar dela.

– Minha necessidade de ter você só para mim é o que está me impedindo de fazer as coisas. Não pretendo fazer nada amanhã. Quero ficar sozinho nesta casa contigo.

Reese ficou vermelha e um sorriso se abriu em seu rosto antes de ela baixar o olhar para o prato.

– Isso significa que você não vai ao churrasco na casa dos Stout amanhã? Eles estão contando com você – falou Aida.

Os Stout eram donos de uma das duas maiores fazendas da região. Minha família era dona da outra. Cresci com o filho deles, Hawkins. Não éramos muito amigos, mas ambos sabíamos que assumiríamos o lugar de nossos pais um dia.

Olhei para Reese.

– Você topa um churrasco texano?

Ela concordou.

– Parece divertido.

Ter Reese ao meu lado e apresentá-la às pessoas da cidade fazia a ida ao churrasco parecer mais tolerável.

– Acho que perdi meu parceiro. Com quem vou dançar agora? – perguntou Aida, fazendo beicinho.

Ela estava sendo muito chata. Eu já tinha começado a responder a seu comentário ridículo quando ela largou o garfo no prato e se levantou.

– Você não me quer aqui. Só estou atrapalhando.

Ela se virou e foi até a porta.

Que porra era aquela? O que havia acontecido com a minha priminha divertida? Ela tinha se tornado um bebê chorão. Não parecia a mesma.

– Preciso conversar com ela – falei a Reese. – Não sei o que deu nela.

Reese assentiu e me deu um sorriso forçado. Isso me preocupou. Eu precisava acertar as coisas com Aida para que ela parasse de incomodar Reese.

Fui atrás da minha prima até encontrá-la em sua caminhonete, chorando.

– O que há com você? – perguntei ao chegar perto dela.

Ela olhou para mim com o rosto cheio de lágrimas.

– Eu não... Ela está... Você não tem mais tempo para mim com ela aqui.

– Aida, isso não é uma competição pela minha atenção. Minha vida e meu futuro pertencem a Reese. Ela é parte de mim. Somos um pacote. Imaginei que ficaria feliz por mim, mas você mal falou com Reese. Quero que sejam amigas. Você é parte da família, e ela vai ser também, muito em breve.

Aida limpou as lágrimas e fungou.

– Então nunca mais vamos fazer nada juntos outra vez, só você e eu?

Tentei entender por que ela estava chorando. Sempre dei toda a atenção a Aida quando ela nos visitava. Ela não vinha muito quando éramos crianças, mas, sempre que aparecia, eu a tratava como minha irmã mais nova. Só que as coisas haviam mudado, e nós éramos adultos agora. Ela não era mais uma garotinha. Eu não podia permitir que ela me seguisse por todo lado e não era obrigado a entretê-la sempre.

– Se desse uma chance a Reese, você iria gostar dela. Ela é maravilhosa. Todo mundo que a conhece a adora. Podemos fazer coisas juntos, nós três. Não estou cortando você da minha vida, mas precisa entender que Reese é minha prioridade agora.

Aida soluçou e suspirou.

– Você não vai mais ter tempo para mim.

Ela tinha razão. Eu não poderia mais largar tudo e acompanhá-la a qualquer lugar que ela quisesse.

– Nós crescemos, Aida. Não somos mais crianças. Não sou mais um cara solteiro que tem tempo para fazer o que você quiser. Aqueles dias acabaram.

Ela assentiu e suas lágrimas pareceram secar.

– Tudo bem. Posso aceitar isso. Mas você pode tentar não me ignorar?

– Eu não estou ignorando você.

Aida pareceu satisfeita com isso e começou a abrir a porta da caminhonete. Dei a volta e abri a porta para ela. Ela subiu.

– Seja legal com Reese da próxima vez, está bem? – pedi, antes de fechar a porta e voltar para casa e para a minha garota.

REESE

Terminei de comer sozinha e lavei meu prato e o de Aida antes de voltar para o quarto. Não sabia quanto tempo Mase ia demorar e queria clarear a mente sobre o que estava acontecendo. Eu havia acabado de conhecer uma pessoa do núcleo familiar dele. De que forma poderíamos ser afetados se a prima dele me odiasse? Porque eu tinha certeza absoluta de que ela me odiava, apesar de não saber como resolver isso. Harlow era tão gentil e receptiva comigo, e era irmã dele... Deveria ser mais fácil conquistar a prima.

Quando entrei no chuveiro, a sensação do jato de água quente foi maravilhosa. Assim que fechei a porta, ouvi Mase me chamar.

Antes de eu responder, ele apareceu na porta do banheiro. Veio direto na minha direção e eu fiquei assistindo através do vidro enquanto ele esquadrihava meu corpo como se *eu* fosse sua refeição, não o prato que havia deixado em cima da mesa.

Mase abriu a porta do boxe e nossos olhos se encontraram pouco antes de ele começar a tirar a roupa.

– Deixei a comida na mesa para você – falei, observando-o tirar a calça.

– Não vou conseguir comer sabendo que você está nua e molhadinha no meu banheiro – respondeu ele, entrando embaixo do chuveiro comigo.

– Você não comeu muito – comentei, e minha voz denunciou minha falta de fôlego.

Ele deu um sorrisinho.

– Vire de costas, Reese. Coloque as mãos na parede. Quero beijar a minha pinta.

A pinta dele era a marca abaixo da minha nádega esquerda. Ele era obcecado por ela. E quando queria ser safado, era a primeira coisa que ele beijava.

Meu corpo estremeceu pela expectativa e me virei em direção à parede, me apoiando e empinando a bunda para ele.

O dedo de Mase subia e descia esfregando aquele ponto na minha pele.

– Adoro essa pinta. Me deixa louco – disse ele, e então traçou uma linha com os lábios pelas minhas costas até a bunda, cobrindo-a de beijos e lambidas. – Minha pinta – sussurrou, com o rosto colado à minha pele.

Meus joelhos fraquejaram, e eu tremi toda.

– Abra as pernas – ordenou Mase, e seu tom fez meu estômago se contorcer. Obedeci e torci para não cair no chão. – Minha boceta – falou, pouco antes de sua boca começar a devorá-la.

Ele era dele. Tudo o que diz respeito a mim pertence a Mase Colt Manning. Gritei seu nome quando ele começou a estimular meu clitóris.

– Seja boazinha, gata. Esta é a minha sobremesa.

– Mase – chamei num gemido, sem saber se ia suportar muito mais tempo ali.

– O que foi, gata?

Senti o hálito quente dele na pele sensível e o meu desejo pulsante ficou ainda mais forte.

– Eu não consigo... aguentar mais – implorei, sentindo que meus joelhos iam entregar os pontos.

Com as mãos na minha cintura, Mase me ergueu e me virou de frente para ele.

– Eu seguro você – falou, antes de se abaixar, pegar uma das minhas pernas e colocá-la sobre seu ombro.

Deixei escapar outro gemido ao ver Mase de joelhos daquele jeito.

– Só me deixe amar você – disse ele com um olhar feroz, antes de enterrar o rosto entre as minhas pernas.

Agarrei os ombros dele e gritei quando ele me levou a outro reino de prazer.



Meus olhos tremularam quando minhas costas aterrissaram na cama macia. Olhei para Mase. Seu corpo estava seco, mas o cabelo, ainda molhado. O sorriso divertido dele me fez querer ainda mais, embora eu não estivesse certa de que *aguentaria*.

Ele puxou as cobertas e engatinhou até mim, então cobriu a nós dois.

– Estou feliz por você ter voltado – falou, me abraçando apertado. – Deve ter sido um orgasmo e tanto.

Franzi a testa.

– Foi... mas...

Eu não conseguia lembrar o que tinha acontecido. Eu me fragmentei em um milhão de pedaços e Mase continuou me chupando até eu perder completamente o fôlego. Fiquei arquejando e implorando por ar e então... nada.

– Ou você está exausta ou então eu sou o rei do sexo – disse ele, parecendo muito satisfeito consigo mesmo.

– O que aconteceu? – perguntei, afinal.

Mase abaixou a cabeça e beijou a minha testa.

– Você desmaiou depois de gozar e gritar meu nome. Foi incrível.

– Ah, meu Deus – murmurei. – Eu não sabia que isso era possível.

– Nem eu – falou ele, ainda sorrindo.

– Você continuou e continuou e...

– Você tem gosto de pãozinho de canela e, quando goza, parece um creme doce. Eu não consigo parar. Estava gostoso demais.

Enterrei meu rosto no peito dele. Estava envergonhada e satisfeita.

Ele riu e me apertou mais forte.

– Falei que essa bocetinha ia mandar em mim.

Eu o cheirei e cheguei mais perto.

- Durma, gata. Você está exausta. Descanse um pouco.
- Eu te amo – falei, afastando a cabeça para olhar para ele.
- E isso faz de mim o cara mais feliz do mundo.

O olhar dele me aqueceu, por dentro e por fora. Deitei a cabeça em seu peito e o sono veio rápido.

MASE

No dia seguinte, descobri que Aida e eu seríamos os únicos da família Colt na festa dos Stout. Meu padraсто precisava ir a Austin a negócios e minha mãe foi com ele. Ela ligou e pediu que levássemos Aida. Não queria que a sobrinha dirigisse até lá sozinha. Eu ainda não tinha certeza de que Aida trataria Reese bem, mas a convidei para ir conosco mesmo assim.

Depois de fazer amor com Reese na mesa da sala após o café da manhã, em seguida no sofá enquanto tentávamos assistir a um filme e mais uma vez na cama quando ela foi deitar para tirar uma soneca, Reese realmente precisava de um descanso. Eu a acordei uma hora antes de sairmos, para ela ter tempo de se arrumar.

Escutei uma batida na porta e, quando abri, vi Aida sorrindo para mim. Ela usava um vestido vermelho que parecia caro demais e um par de sapatos de salto agulha que na verdade não eram incomuns nesse tipo de festa. Os Stout eram milionários e frequentavam os círculos da elite. Ela parecia feliz e com um humor melhor. Aliviado, dei um passo para trás e a deixei entrar.

– Reese deve estar pronta em alguns minutos – falei.

Assim que eu disse isso, a porta do quarto se abriu e eu me virei para ver Reese de minissaia jeans e um par de botas. Tudo o que vi foram as pernas dela. Caramba, as pernas dela realmente estavam de fora. E eram *minhas*. Os homens não iam conseguir tirar os olhos delas.

Ao erguer os olhos, percebi que ela também vestia uma bela blusa branca amarrada na cintura. O tecido realçava o brilho dourado de sua pele bronzeada. Quando a encarei, quase perdi o fôlego. Seus cabelos escuros e compridos estavam presos de lado e pendiam sobre o ombro. Como sempre, ela usava pouquíssima maquiagem. Eu não seria capaz de deixá-la longe da minha vista esta noite.

– Você está maravilhosa, gata. Talvez a gente devesse ficar em casa – falei, pensando seriamente no caso.

Os olhos de Reese brilharam e um sorriso se insinuou nos cantos de seus lábios.

– Hã, sim... Acho que a minissaia ficou boa – disse Aida, hesitante.

O rosto de Reese se fechou imediatamente e a preocupação tomou conta dele. Eu sabia que o guarda-roupa dela era limitado. Reese não tinha roupas de grife como as outras mulheres que estariam naquele churrasco, mas nenhuma conseguiria ofuscá-la. Um vestido caro não era páreo para ela.

– Pensei que fosse um churrasco. Posso vestir algo mais arrumado. Eu não sabia...

– Você está perfeita. Tão perfeita que eu não vou sair do seu lado a noite toda

– garanti.

Ela olhou de Aida para mim, ainda parecendo insegura.

– Ele tem razão. Você está ótima. Precisamos ir, ou chegaremos mais atrasados do que a etiqueta permite – disse Aida, ao meu lado.

Fui até Reese e a puxei para perto.

– Você está de tirar o fôlego. Eu juro.

Deslizei a mão pelas costas dela e a guiei até a porta.

Aida forçou um sorriso e se virou para sair.

– Ela está tão arrumada... Eu deveria vestir algo melhor. Também tenho um sapato de salto – disse Reese.

– Não. Ela está arrumada demais – garanti.

Reese não relaxou, como se não estivesse certa de que deveria acreditar em mim.

Aida seguiu para a porta do carona da minha caminhonete e a abriu para subir primeiro. Parei por um momento, então levei Reese para o lado do motorista e a ajudei a subir na cabine, para que ficasse no meio. Não quis magoar Aida pedindo que ela saísse e deixasse Reese sentar ali. Entrei depois de Reese e me acomodei.

– Não vou conseguir mexer no rádio – observou Aida, evidentemente incomodada.

Não acreditei que ela tivesse de fato cogitado se sentar entre mim e Reese, mas não tive certeza.

– Que bom – respondi.

Nunca gostei que Aida controlasse o rádio.

Assim que cheguei à via principal, deslizei a mão até a coxa nua de Reese e apertei. Esse pequeno gesto pareceu fazê-la relaxar um pouco.

– Quem estará na festa? Apenas as pessoas da cidade? – perguntou ela.

– Todos com quem os Stout fazem negócios. Banqueiros, advogados, fazendeiros e também o pessoal que tem franquias da cadeia de restaurantes deles. Eles vêm de toda parte – explicou Aida, parecendo satisfeita.

Reese ficou tensa novamente.

– Você faz os Stout parecerem mais importantes do que de fato são – falei para Aida, dirigindo a ela um olhar irritado.

Aida deu de ombros.

– E são, para quem não tem estrelas do rock como o país.

– Meu pai é um fazendeiro – retruquei, incomodado por ela mencionar Kiro.

Eu não falava muito sobre meu pai biológico. Ele não fazia parte da minha vida; fora meu padrasto quem realmente me criou. Minha única conexão com Kiro era Harlow. Ele teve uma presença muito maior na vida da minha meia-irmã.

– Que seja, Mase. Você tem a fama correndo nas veias. Aceite isso – disse Aida, com um sorrisinho sarcástico.

Reese alisou a saia, nervosa. Agora ela estava preocupada com o maldito churrasco. Eu preferia esquecer aquela coisa ridícula. Não preferia forçá-la a fazer nada que a incomodasse.

– Podemos ir pra casa se você quiser. Você decide – falei para ela, apertando

sua coxa outra vez.

– O quê? Não, não podemos! Não vou perder essa festa de jeito nenhum – decretou Aida.

Ela estava passando dos limites resmungando daquele jeito com aquela voz aguda.

– Eu quero ir – disse Reese, se encostando em mim.

– Se a qualquer momento você decidir que quer ir pra casa, basta me dizer. Eu arranjo uma carona para Aida – falei, ignorando o olhar que minha prima lançava para mim.

Reese não disse nada, apenas se encostou ainda mais em mim.

Os grandes portões de ferro estavam abertos e havia dois homens altos de terno na entrada. Parei e baixei o vidro.

– Nome? – perguntou o homem.

– Mase Colt – respondi, deixando Manning de fora.

A maioria das pessoas ali me conhecia como Colt.

Ele assentiu.

– Bem-vindo, Sr. Colt. Pode ir.

Segui pelo extravagante caminho de tijolos até a frente da casa de três andares, maior do que a maioria das casas das redondezas. O manobrista estava esperando, mas eu não ia deixar um rapazinho de smoking estacionar minha caminhonete.

Ele se aproximou com um sorrisinho forçado.

– Pode deixar que eu estaciono – informei.

Ele pareceu confuso.

– Hã, bem, é ali à frente... mas é um pouquinho longe.

Ele apontou para um lugar à esquerda da casa, onde vários carros já estavam estacionados.

– Obrigado – respondi, e então olhei de volta para Reese e Aida. – Vocês podem descer aqui para não precisarem andar.

Reese esticou a mão e pegou meu braço.

– Eu fico com você. Não me importo de caminhar.

Aida revirou os olhos e abriu a porta.

– Vou descer.

O manobrista correu para terminar de abrir a porta e ajudá-la a descer. Assim que ele fechou, fui até a área do estacionamento. Nunca gostei de deixar minhas chaves com um estranho. Um homem deve ser capaz de estacionar o próprio carro.

REESE

O quintal onde o churrasco acontecia parecia saído de uma revista. Lanternas pendiam de carvalhos imensos, iluminando o espaço conforme o anoitecer avançava, e havia luzes brancas cintilantes penduradas entre uma árvore e outra, criando um caprichoso dossel sobre as mesas e cadeiras brancas estofadas, que não pareciam adequadas para uma área externa.

Uma banda no palco tocava de tudo, de country a música clássica. Havia até uma pista de dança, com o mesmo dossel de luzes que decorava a área das mesas.

Mas o que mais chamava atenção eram as roupas das mulheres. A hesitação de Aida ao me ver tinha razão de ser – uma saia jeans não combinava com o ambiente. Nem mesmo os homens estavam usando jeans. Eu devia ter prestado mais atenção ao fato de Mase estar usando calça social cáqui com botas em vez da calça jeans de sempre. A camisa social azul-clara também era a peça mais arrumada que eu já o vira vestir. Por que não insisti para que ele me deixasse voltar e trocar de roupa?

A mão dele permaneceu nas minhas costas enquanto me guiava por entre a multidão. As pessoas estavam de pé em grupos, com taças de champanhe na mão, conversando. Diamantes brilhavam nos pulsos, mãos, orelhas e pescoços das mulheres. Será que Mase nunca tinha ido a um desses “churrascos” antes? Imagino que tivesse comparecido a muitos. Por que dissera que Aida estava arrumada demais?

– Mase Colt – chamou um homem alto de voz grave, ombros largos e cabelos grisalhos enquanto se aproximava de nós. – Que bom ver você. Eu não estava aqui no último leilão. Hawkins disse que tudo correu tranquilamente, como sempre.

– Sim, senhor. Meu pai ficou satisfeito – respondeu Mase.

Era a segunda vez naquela noite que se referiam a ele como Colt e não Colt Manning. Eu nunca o vira rejeitar o sobrenome antes.

A atenção do homem se voltou para mim e, por um momento, tive vontade de correr para debaixo de uma mesa.

– E vejo que você veio acompanhado por uma linda mulher.

A mão de Mase continuou nas minhas costas.

– Sim, senhor. Esta é Reese Ellis. Reese, este é Arthur Stout, um dos nossos parceiros de negócios e anfitrião deste *modesto* churrasco.

Arthur riu.

– Na verdade, isso é culpa da minha mulher. Ela não sabe fazer nada pequeno. É um prazer conhecer você, Reese. Já era hora de Mase arranjar uma namorada. Todo bom homem precisa de uma boa mulher ao seu lado. Digo isso

a Hawkins há anos, mas ele não me escuta.

– Quando ele encontrar a mulher certa, você não vai precisar dizer nada. Vai simplesmente acontecer – falou Mase, fazendo meu coração bater mais forte e aquecendo meu peito.

Arthur sorriu e concordou.

– É verdade, é assim mesmo. Deus sabe que foi assim com a mãe dele. Que Deus a tenha. Ela levou parte de mim quando deixou este mundo.

– Arthur, querido, você precisa conhecer Chantel. Ela é do clube. Ainda há pouco comentei com você sobre o adorável chá que tomamos outro dia – disse uma mulher que parecia apenas alguns anos mais velha do que eu.

O diamante na mão dela cintilou.

– Estou indo, querida – respondeu ele. – Preciso ir. Divirtam-se, vocês dois.

Eu o observei se afastar e então olhei para Mase, um pouco confusa.

– Piper é a segunda mulher dele. A primeira morreu há dez anos, de câncer. Ele se casou com Piper há quatro anos – explicou Mase, compreendendo a minha confusão.

– Mas ela parece tão jovem... – sussurrei, vendo a mulher pegar o braço daquele homem que devia ter mais de 60 anos.

– Ela tinha 22 anos quando se casou com ele. O filho dele, Hawkins, é um ano mais velho do que ela.

Eca.

Mase olhou para o meu rosto e riu.

– Venha, vamos beber alguma coisa. Stout começou a fabricar a própria cerveja há uns sete anos. Ele tem algumas sidras de que você pode gostar; sei que não é fã de cerveja.

Fui com ele até o bar extravagante.

– Aí está você! Conversei com Aida ainda há pouco e ela me disse que você estava aqui. Fiquei imaginando se tinha se escondido.

Mase parou e virou a cabeça na direção da voz, assim como eu. Um homem atraente, com cabelos loiros curtos e olhos azul-claros, vinha até nós.

– Mas ela não me contou que você veio acompanhado – continuou o homem ao parar na nossa frente, olhando para mim com um sorriso satisfeito.

– Hawkins – falou Mase, num tom mais duro do que o que usara com o pai dele.

Hawkins abriu ainda mais o sorriso e finalmente olhou para Mase.

– Por favor, diga que é outra prima sua.

A mão de Mase deslizou pelas minhas costas, agora me pegando pela cintura e me puxando na direção dele.

– Não. Ela é minha namorada.

Hawkins continuou sorrindo.

– Reese, este é Hawkins Stout. Hawkins, esta é Reese Ellis – apresentou Mase, parecendo incomodado.

O sujeito estendeu a mão para mim.

– É um prazer conhecer você, Reese Ellis – falou.

Estendi a mão para cumprimentá-lo, me perguntando se ele a apertaria, mas ele a levou até o rosto e a beijou. Fiquei paralisada. Não estava esperando isso.

Mase pigarreou e Hawkins virou-se com ar de divertimento para ele.

– Calma. Eu entendi – disse ele com um sorriso irônico, então deu um passo para trás. – Aproveitem a noite. Temos várias cervejas novas de que vocês vão gostar.

– Estamos indo para o bar agora – respondeu Mase.

Hawkins me lançou um último sorriso antes de pedir licença e ir cumprimentar outros convidados.

Isso começou a dizer alguma coisa, mas resolvi ficar quieta. Como Mase não falou nada, fui com ele na direção do bar.

Ele pediu uma cerveja e eu escolhi uma sidra de mirtilo depois de experimentar algumas. Assim que pegamos nossas bebidas, nos viramos e demos de cara com Aida vindo na nossa direção... ou na direção de Mase. Ela parecia contrariada. Muito contrariada.

– Estou precisando de você – disparou.

– Qual é o problema? – perguntou Mase.

Ela olhou incisivamente para mim e depois de volta para ele, suplicante.

– Não dá pra falar aqui. Por favor – implorou.

Mase assentiu.

– Tá bom. Aonde você quer ir?

– A algum lugar onde possamos ficar a sós. Eu só... Não posso...

Ela cobriu a boca e fechou os olhos dramaticamente. Não sei se acreditei que algo estivesse errado de fato.

Mase apontou para a casa.

– Vamos entrar.

Ela concordou, então Mase pôs a mão nas minhas costas e foi andando comigo. Eu sabia que esta não era a ideia que Aida tinha de “a sós”. Ela estava começando a falar quando notou a minha presença.

Seu rosto se contorceu outra vez.

– Não posso falar sobre isso na frente dela. Só com você.

Mase balançou a cabeça, como se estivesse pronto para discutir.

– É Heath. Ele está aqui com *ela* – disse Aida com um arquejo.

Mase franziu a testa.

– Sei que você está sofrendo, Aida, mas não posso deixar Reese sozinha. Ela não conhece ninguém aqui.

Essa era minha chance de ganhar a simpatia de Aida, ainda que só um pouquinho.

– Pode, sim, Mase. Estou com minha bebida e posso sentar numa dessas belas poltronas e esperar. Vá com ela. Ela está chateada.

Mase não pareceu convencido.

Aida arquejou de novo.

– Por favor, Mase. Estou precisando muito da sua ajuda.

– Pode ir – repeti.

Finalmente Mase suspirou e deu um beijo na minha testa.

– Estarei de volta rapidinho – sussurrou ele.

Assenti e ele seguiu Aida até a casa. Observei-os entrar e então me virei para examinar o entorno. Eu estava numa festa cheia de estranhos e ainda não havia

ninguém sentado. Talvez as mesas estivessem interditadas até que fôssemos comer.

Caminhei até as sombras, aonde as luzes das árvores não chegavam. Podia ver a casa dali e, quando Mase voltasse, eu saberia.

Apenas quando saí da luz e meus olhos se acostumaram à escuridão foi que percebi que não estava sozinha. Parei. Deveria me preocupar? Ou só pedir desculpas e procurar outro lugar para ficar?

– Ele larga você sozinha por causa de outra mulher e você vem se esconder no escuro – disse uma voz grave.

Eu só conseguia distinguir, contra um fardo de palha, uma forma masculina com uma cerveja na mão. Estudei-o rapidamente para ver se devia ter medo. A primeira coisa que percebi foi a calça jeans, então a camisa social branca parecida com a de Mase. Mas as mangas estavam arregaçadas até os cotovelos. O único traço dele que eu podia ver com nitidez eram os olhos verdes, que pareciam queimar com uma luz interna.

– Já decidi? – perguntou o homem, me fazendo perceber que o estava encarando.

– O quê? – indaguei, confusa.

Ele emitiu um ruído baixo que pareceu uma risada. Inclinou a cabeça e percebi que seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo. Apesar da escuridão, pude perceber algumas mechas mais claras nos cabelos. Ele parecia passar bastante tempo ao sol.

– Se você está segura perto de mim. É isso que está tentando decidir, não é?

Eu *estava* segura perto dele?

– Se quer saber, eu diria que é discutível – falou.

– O que é discutível?

Ele tomou um gole de cerveja e me estudou por um momento antes de responder.

– Se está segura ou não perto de mim. – Riu outra vez, embora fosse um som baixo e difícil de escutar. – Você tem um rosto expressivo.

Como ele poderia ter visto meu rosto ali no escuro?

O sujeito se empertigou e passou o tornozelo esquerdo por cima do direito. Olhei para suas botas e vi que não eram como as de Mase. Pareciam coturnos.

– Por que você está aqui no escuro? – perguntei, sem pretender realmente dizer aquilo em voz alta.

Ele levantou a cerveja.

– Bebendo em paz.

Assenti. Fazia sentido. Talvez ele também não gostasse de multidões.

– Por que *você* está aqui no escuro? – perguntou.

Olhei de volta para a casa, ainda nem sinal de Mase.

– Eu... Meu namorado foi resolver uma coisa. A prima dele está chateada.

O homem ficou me encarando enquanto bebia sua cerveja. Isso me deixou nervosa. Ele parecia capaz de ler todos os meus pensamentos.

– Mas ele sabe que você não está se sentindo confortável no meio de um grupo de pessoas que não conhece. Um homem não deveria largar sua mulher sozinha.

Ele não sabia nada da situação. Quem era ele para julgar algo que não entendia?

– A prima dele está chateada. Eu disse para ele ir.

– Isso não muda o fato de que ele não devia ter deixado você.

Não gostei daquele sujeito. Seria melhor encarar as pessoas do que me esconder ali com ele.

– Não faça suposições sobre o que não sabe – falei, irritada, antes de me virar e voltar para a parte iluminada, a tempo de avistar Mase me procurando.

Ele desceu os degraus de dois em dois e passou direto por várias pessoas que tentavam falar com ele. Quando seu olhar finalmente pousou em mim, pareceu aliviado.

Corri na direção dele, decidindo que não falaria nada sobre o homem na escuridão.

MASE

Notei que Aida estava fazendo drama. Ela havia começado a sair com Heath, primo de Hawkins, quando veio nos visitar no ano passado, mas a história significou mais para ela do que para ele. Então ela terminou porque ele a traiu com uma ex-amiga dela. Eu a alertei que Heath não era flor que se cheirasse. Agora, um ano depois, ela fazia aquele drama? Ela sabia que ele estaria ali.

Detestei ter deixado Reese sozinha, mas sabia que Aida não ia sossegar até que eu lhe desse atenção. Depois, corri os olhos pela multidão à procura de Reese, e ela não estava onde disse que estaria. Várias pessoas me chamaram, mas eu estava determinado a encontrá-la e concentrei a atenção nisso. Quando me virei e a vi caminhando na minha direção, dei um suspiro de alívio. Ela estava bem.

– Desculpe por isso – falei, colocando a mão na cintura dela e a puxando para mim. – Aida estava só sendo dramática.

– Tudo bem. Não me importei nem um pouco. Só fiquei andando por aí, vendo a festa.

Olhei de volta para o lugar de onde ela tinha surgido e vi um homem saindo das sombras. Ele estava me encarando com um sorriso malicioso, mas não o reconheci. Estava de calça jeans e coturnos e tinha um rabo de cavalo maior do que o meu quando eu usava os cabelos compridos.

– River, venha aqui, quero lhe apresentar uma pessoa – berrou Arthur Stout.

Eu me virei e vi Arthur caminhando na minha direção enquanto cumprimentava o homem do rabo de cavalo.

River não parecia estar com pressa.

Quando ele nos alcançou, Arthur deu um tapinha nas costas dele.

– Mase, quero que conheça River Kipling. Ele está administrando a Stout and Hawkins Steakhouse em Key West. Incluiu frutos do mar frescos no cardápio, e agora é nossa franquia de maior sucesso. Eu o trouxe aqui para fazer o mesmo com a franquia de Dallas. Ele sabe tudo sobre frutos do mar. River, este é Mase Colt. Ele é nosso principal fornecedor de carne bovina. A fazenda Colt só trabalha com qualidade total. Você precisa visitar o lugar e ver o que ele está fazendo lá.

– De Key West para Dallas. É uma grande mudança de cenário – comentei, não gostando da forma como o olhar dele continuava em Reese nem da maneira como ela ficou tensa ao meu lado.

– Alguns cenários são melhores do que outros – disse ele, com os olhos fixos nela.

Não gostei nem um pouco disso.

– Pretendo levá-lo à sua fazenda na semana que vem, Mase – disse Arthur. – Agora quero apresentá-lo a algumas pessoas. Termine sua cerveja e leve essa

moça bonita para a pista de dança.

Em seguida, virou-se para River e se afastou com ele, que ainda olhou mais uma vez para Reese.

– Não gosto dele – disse ela, decidida.

Olhei para ela.

– De quem?

– Desse tal de River. Não fui com a cara dele.

Sorrindo, eu me abaixei e a beijei. Eu queria aqueles lábios. Também queria Reese encostada em uma parede, com a minissaia levantada em torno da cintura. As botas poderiam ficar.

– Também não o adorei.

Duas horas depois, forcei sorrisos e falei com todas as pessoas a quem meu padraço gostaria que eu desse atenção. Reese ficou do meu lado o tempo inteiro. Eu precisava lembrar a mim mesmo toda hora para não ficar furioso quando os olhares masculinos pousavam nas pernas dela. Ela as estava exibindo nesta noite, e eu deveria esperar por isso. Mas não precisava gostar dessa merda.

Reese havia me surpreendido e pedido costeletas no jantar. Tenho certeza de que era a única mulher saboreando costeletas. Vê-la comendo foi sexy demais, e eu tive dificuldade para me concentrar no meu próprio prato. Meus olhos ficavam indo para sua boca e sua língua, que toda hora lambia o molho dos lábios.

Eu estava pronto para partir, e comecei a tentar localizar Aida. Queria deixá-la ali, assim não precisaria lidar com ela querendo ficar lá em casa com a gente. Eu tinha planos para Reese e aquela saia... e aquelas botas.

– Vamos dançar – falou Aida, me pegando pelo braço.

Ela havia se aproximado de mim por trás.

– Estou querendo ir embora – respondi.

Ela fez beicinho.

– Você não dançou comigo a noite inteira. A gente sempre dança nessas festas.

Já ia negar outra vez quando Reese deu um passinho para longe de mim.

– Pode ir dançar. Vou ficar esperando bem aqui.

– Viu? Ela não se importa. Vamos.

O humor de Aida estava bem melhor do que quando tínhamos chegado ao churrasco. Até um pouco demais. Suas mudanças de humor nos últimos dois dias estavam me deixando maluco. Eu não estava acostumado a tê-la por perto durante tanto tempo. Ela em geral vinha duas vezes por ano e passava poucos dias conosco, apesar de ter ficado um pouco mais no último verão.

Eu não queria dançar com ela. Não havia dançado nem com Reese, principalmente por achar que ela entraria em pânico com a ideia de dançar no meio de toda aquela gente. Era óbvio que Reese não se sentia confortável perto de estranhos. Então, dançar com Aida parecia errado.

– Por favor, por favor, por favor – implorou Aida, me puxando. – Depois que dançarmos, podemos ir embora.

Iríamos embora na hora em que eu quisesse.

– Pode ir – disse Reese, me empurrando gentilmente.

Merda. Eu não queria ir. Aida e eu aprendemos a dançar com minha mãe quando éramos crianças, e isso divertia Aida quando ela era mais nova. Ela não gostava de fazer as coisas que eu adorava, como pescar, fazer trilhas e acampar. Harlow gostava, mas Aida sempre foi diferente. Ela gostava de atenção.

Minha prima continuava suplicando e puxando meu braço. Eu não ia me livrar daquilo.

– Está bem. Só uma música – respondi, e ela sorriu alegremente.

Olhei para Reese enquanto Aida me puxava para a pista.

– Já volto.

Reese assentiu e sorriu para mim.

Aquilo era uma má ideia.

REESE

– Ele sempre dança com a prima assim? – perguntou uma voz grave.

Apesar de só ter visto o cara uma vez – duas, tecnicamente –, soube quem era sem me virar.

– Sim – respondi, apesar de não ter ideia.

Eles realmente estavam chamando atenção. Eu não imaginava que Mase dançasse tão bem. As pessoas haviam parado de conversar e estavam assistindo aos dois. Uma música se transformou em duas.

– Ele não é muito esperto – disse River Kipling, com a fala arrastada.

Lá vinha ele de novo, para me deixar irritada. Eu me virei para fuzilá-lo com o olhar. À luz, ele era muito mais atraente. Tinha um ar descontraído e parecia indiferente à festa ao redor.

– Ele é brilhante – respondi.

River riu e balançou a cabeça.

– Você é uma figura, Reese Ellis.

Não soube ao certo o que ele quis dizer com isso, mas não liguei. River falava coisas maldosas sobre Mase. Eu não gostava dele. Nem um pouco.

– Eles gostam de dançar – acrescentei, sentindo ainda mais necessidade de defender Mase.

– Então ele devia ter dançado com você. É um desperdício ter você ao lado dele e perder a chance de girá-la na pista.

Mase não havia me convidado para dançar. Pensei que talvez não gostasse, mas ele estava dando um show com Aida. Eu o vi levantá-la e fazer um tipo de rodopio. A plateia aplaudiu, em êxtase.

– Ela dança melhor do que eu – admiti. – Eu não conseguiria fazer uma coisa dessas.

Pensei que isso fosse calar River Kipling, mas me enganei.

– Isso parece trabalho, não diversão. Agarrar uma mulher e sentir o corpo roçar no dela, o tesão de saber que não se pode tocar nada do jeito que gostaria... – Ele fez uma pausa. – É por isso que dançamos.

Eu queria que ele calasse a boca. Não precisava dele falando merda no meu ouvido. Estava tentando encontrar uma forma de me adaptar ao mundo de Mase. Aquele cara não estava ajudando, mas colocando dúvidas na minha cabeça. A música terminou e Mase fez que não com a cabeça quando Aida obviamente implorou para dançarem mais uma.

No momento em que se virou para mim, notei que ficou tenso ao notar River ao meu lado.

– Aposto que agora ele vai parar de dançar. De nada, disponha – disse River, parecendo se divertir.

Olhei de novo para o sujeito quando saiu. Ele preenchia bem a calça jeans e caminhava de um jeito charmoso. Por outro lado, era irritante.

– Ele estava incomodando você? – perguntou Mase, deslizando as mãos pelas laterais do meu corpo.

Esqueci o homem inoportuno e olhei para Mase.

– Não, ele só comentou que vocês dançavam bem.

Mase torceu o nariz.

– Pois é, me desculpe, ela me fez dançar duas músicas. Ela já está vindo, então podemos ir.

Assenti.

A risada de Aida soou às nossas costas enquanto andávamos até a caminhonete.

– Adoro dançar – gritou ela, bem alto, na escuridão. – Precisamos fazer isso mais vezes.

Mase não respondeu. Foi comigo até o lado do motorista e abriu a porta, então me levantou e me colocou no assento, como se eu não fosse capaz de fazer isso sem ajuda.

– Eu sei sentar sozinha, você sabe, né? – provoqueei.

Ele se inclinou para dentro.

– Mas se você tivesse subido sozinha, sua saia ia levantar, e eu veria minha pinta. Como Aida está conosco, não ia poder lambê-la.

Meu rosto ficou vermelho e eu estremeci, pensando como era bom quando ele fazia isso.

– Ah – foi o que consegui responder, sem fôlego.

– Isso mesmo, *ah* – repetiu ele. – Quando chegarmos em casa, vou colocar você de quatro para poder ver minha pinta.

A expectativa fez meu coração bater mais rápido.

– Então tá – falei, sem saber o que responder.

– Precisamos sair para dançar no fim de semana que vem – disse Aida, abrindo a porta do carona e subindo.

Mase me empurrou para o lado e sentou.

– Reese pode ir junto, para ver. Podemos dançar a noite toda – acrescentou Aida.

Eu não ia ficar assistindo aos dois dançarem a noite inteira, mas não disse nada.

– Que bom que você gostou, Aida – respondeu ele.

– Adorei! Ninguém dança tão bem quanto você – disse ela. Então senti o olhar de Aida sobre mim. Virei o rosto para ela e vi um sorrisinho afetado em seus lábios. – Imagino que Reese não saiba dançar, já que você não dançou com ela nenhuma vez.

Isso doeu. Um pouco.

A mão de Mase deslizou sobre a minha coxa.

– Ela sabe dançar.

– Ah... Bem, então você não deve gostar de dançar com ela. Não tem problema, Reese. Eu e Mase dançamos juntos a vida inteira e nossos corpos se encaixam perfeitamente.

Não gostei da forma como ela disse isso. Havia algo estranho no tom dela.

– Eu adoro dançar com Reese. Pare com isso, Aida.

Isso ainda não respondia à minha dúvida. Eu estava começando a achar realmente que Aida tinha razão. Ele não teve vontade de dançar comigo porque estava acostumado a se exibir, e eu não poderia me exibir com ele.



Mase deixou Aida na casa da mãe dele com um “boa noite”, e eu sabia que aquilo era seu jeito de mostrar a ela que não a queríamos em casa conosco. Comecei a pensar no que ele tinha dito sobre me colocar de quatro e me contorcei um pouco no banco.

– Não convidei você pra dançar hoje porque imaginei que não gostaria de fazer isso na frente de toda aquela gente. Você parecia nervosa, e eu não queria aumentar a tensão. Mas não há nada neste mundo de que eu gostaria mais do que colar meu corpo ao seu.

Ele esperou Aida sair para se explicar, e eu gostei disso. Não queria que ela soubesse que eu havia me sentido intimidada por eles dançarem. Me aproximei e dei um beijo no braço dele.

– Você tem razão. Eu teria ficado nervosa.

– Sentir o seu corpo se movendo contra o meu é o maior afrodisíaco que existe. Se tivesse dançado com você, eu não teria conseguido ficar lá. Talvez antes de chegarmos à caminhonete eu já tivesse metido a mão debaixo da sua saia pra pegar essa sua bunda deliciosa.

Desta vez, eu ri. Gostei dessa desculpa. Fez com que eu me sentisse bem melhor.

– Por que não entramos e você me mostra exatamente o que quer que eu faça? Lembro que tinha algo a ver com me colocar de quatro...

Os olhos de Mase se incendiaram de desejo e ele me arrancou de dentro da caminhonete.

– Não sei se vou aguentar até lá – respondeu ele pouco antes de cobrir minha boca com a dele.

Me segurei em seus braços e afundei nele. Os beijos de Mase sempre faziam meus joelhos fraquejarem. Nada mais no mundo importava quando a língua dele estava dentro da minha boca. Ele tornava tudo perfeito simplesmente ao me beijar.

Deixei escapar um gritinho de protesto quando ele interrompeu o beijo, mas seus olhos brilharam de excitação e possessividade.

– Se vire e apoie as mãos no banco – falou ele, num tom imperativo que me deu um frio na barriga.

– Aqui fora? – perguntei.

Ele me devolveu um sorriso malicioso.

– Não tem ninguém aqui fora, e é só um joguinho, gata. Eu juro.

Aquela expressão dele podia me convencer a fazer qualquer coisa. Então me virei e obedeci.

– Caralho – murmurou Mase enquanto deslizava as mãos pelas minhas coxas até levantar minha saia e expor minha bunda.

Então ele passou o dedo pela minha pinta e ficou um tempão explorando a região, que estava um pouco sensível por causa da barba por fazer dele na noite anterior.

– Não gosto de ver você de saia curta – falou. – Fico preocupado que você se abaixe e mais alguém veja isso. É tudo meu. Não quero que ninguém mais veja.

Fechei bem os olhos e respirei fundo. Ele ia me deixar louca com esse papo sensual antes de fazer qualquer coisa.

– Abra mais as pernas – ordenou.

Suas mãos seguraram minhas coxas e as abriram até que eu estivesse completamente exposta. Deixei escapar um gemido quando seu dedo passou, bem devagar, pelo calor entre as minhas pernas.

– Tão molhadinha – sussurrou, dando um beijo na parte interna da minha coxa. – Tão macia.

– Ai, meu Deus – gemi, sentindo minhas pernas perderem a firmeza.

– Não sou Deus, gata – falou Mase, numa voz divertida. Ri e me agarrei com mais força ao banco. – Mas estou prestes a nos levar para o céu.

Ouvi seu zíper se abrir.

Ele ia transar comigo ali fora.

– Sei que falei só em brincar, mas você está muito molhada e com cheiro de creme doce. Preciso meter em você.

A voz dele era grave, mas gentil.

Então Mase agarrou minha cintura e afundou lentamente dentro de mim enquanto eu balbuciava seu nome. Ser preenchida por ele era incrível. Eu havia esperado por esse momento a noite inteira. Toda vez que ele me lançava aquele sorrisinho sexy ou que eu distinguia seus músculos sob a camiseta, eu sonhava acordada com seu corpo forte pairando sobre o meu, flexionando-se enquanto ele entrava e saía de mim.

Uma de suas mãos acariciou minha bunda.

– Que delícia – grunhiu ele.

Eu concordava plenamente. A única coisa que eu adorava mais do que isso era ele mesmo.

MASE

Ao longo da semana seguinte, fiz muito pouco na fazenda. Quando não estava passando cada segundo que podia com Reese, havia Aida, que estava sempre precisando de mim para alguma coisa. Como Reese insistiu para eu ir, levei minha prima um dia para andar a cavalo até seu lugar favorito, perto do lago. Então, em outro dia, Aida quis ir ao leilão de gado comigo. Eu queria levar Reese, mas ela disse que preferia ficar em casa lendo e que eu devia ir com Aida.

Sabia que Reese estava fazendo o máximo para que Aida gostasse dela. Por isso, constantemente, me empurrava para que eu fizesse coisas com minha prima exigente. Eu só não podia garantir que Aida estava reconhecendo isso da forma como devia. Sempre que tinha chance, ela reclamava de Reese ou do tempo que eu passava com ela. Estava ficando cansado de defender Reese o tempo todo. Aida teria que mudar de atitude, ou eu não a deixaria chegar perto de Reese outra vez.

Se Aida achava que era uma competição, precisava saber que já havia perdido. Ela era minha prima. Tinha feito a mesma coisa com Harlow certa vez, quando as duas vieram para cá ao mesmo tempo. O fato de eu dar atenção a Harlow também não havia sido bem aceito por Aida naquela vez, mas éramos crianças e eu simplesmente ignorei. Agora tínhamos crescido, e ela estava agindo de um jeito maluco.

Minha principal preocupação era que Reese ficasse entediada por passar o tempo todo na fazenda, então, quando recebi a ligação de Harlow nos convidando para a festinha de 1 ano de Lila Kate, dali a quatro dias, fiquei aliviado por ter uma desculpa para escapar. Já havia passado da hora de Aida voltar para casa.

Blaire e Rush Finlay ofereceram o jardim com piscina para a festa e, já que a casa era praticamente na praia, Harlow havia escolhido luau como tema. Eu nem havia percebido que já fazia um ano que eu era tio. O tempo tinha passado voando.

Reese ficou animada por voltar a Rosemary Beach, o que só me deixou preocupado. Ela não tinha nada para fazer no Texas. Quando eu não estava com ela, ela ficava sozinha. Detestava a ideia de Reese estar solitária ou triste. Precisava dar um jeito nisso. Talvez fosse uma boa ideia ela voltar a estudar para terminar o ensino médio.

Apesar de eu preferir não depender do meu pai – quero dizer, o biológico –, minha irmã nem sempre cooperava comigo nesse sentido. O jatinho do Slacker Demon estava programado para nos levar até a Flórida dali a poucos dias. Como a banda do nosso pai ainda fazia turnês longas o tempo todo, o jato particular era uma necessidade para eles. Não para mim. Eu poderia discutir com Harlow, mas

sabia que no final ela venceria. Como o jatinho aterrissaria em Dallas de qualquer maneira para pegar uma convidada de Blaire e Rush, ela queria que Reese e eu aproveitássemos a oportunidade.

Organizei tudo relacionado ao trabalho de modo que Reese e eu pudéssemos viajar no dia anterior à festa. Também planejávamos passar uns dias na cidade depois. Eu sabia que ela ia querer ver Jimmy. Ele era seu amigo mais próximo, e ela conversava com ele ao menos uma vez por semana por telefone.

Quando chegamos à Flórida, havia um Mercedes prateado nos esperando no aeroporto, que Harlow tinha mandado para que eu fosse até a cidade. Eu sabia que era coisa do meu pai, mas por consideração a Harlow mais do que a mim. Ela era a única dos três filhos de Kiro – incluindo a mim e à meia-irmã de Harlow, Nan – que ele havia ajudado a criar, então ela realmente o via como pai. Ele a amava mais do que a todos, mas, também, ela era fácil de se amar. Caramba, até Reese entrar na minha vida eu também a amava mais do que aos outros. A única que se ressentia desse favoritismo era Nan.

Reese tocou no estofamento de couro cor de creme do Mercedes e sorriu.

– Nossa, esse carro é incrível – disse ela, admirada.

Reese ficou assim o dia todo. O jato a deixou de boca aberta por uns bons cinco minutos. Observá-la explorando a cabine com uma admiração infantil já tinha valido a experiência, mesmo que fosse uma cortesia de Kiro.

– Tenho certeza de que isso aqui também é coisa de Kiro – expliquei. – Se eu estivesse pagando, estaríamos em uma caminhonete Dodge.

– E-ele, hã, *ele* vai estar lá? Na festa? – perguntou ela, quase com receio.

Como se a pergunta fosse me incomodar.

Fiz que sim com a cabeça.

– Ele não perderia o aniversário da neta por nada neste mundo. Pelo menos não da neta que Harlow lhe deu. E ela será a única. Harlow não pode mais ter filhos. Ela quase morreu no parto de Lila Kate.

– Então Harlow é a preferida dele?

Dei uma risada. Isso era um eufemismo.

– Harlow é a única filha que a amada esposa do meu pai, Emily, deu a ele. Kiro idolatrava Emily. Ainda idolatra, embora ela tenha sofrido uma lesão cerebral em um acidente há alguns anos e não consiga falar ou fazer qualquer coisa sozinha.

Reese franziu a testa.

– E Nan?

Suspirei.

– Nós nem sabíamos que Nan era nossa irmã até poucos anos atrás. Kiro não a reconheceu, e a mãe mentiu para ela sobre quem era seu pai. Foi uma bagada em série. E Nan é uma vóbera. Você sabe disso. Já lidou com ela. Ela odeia Harlow porque nosso pai a ama. Não é uma boa situação familiar.

– Que triste – disse Reese simplesmente.

Olhei para ela.

– O que é?

Ela me encarou com um ar abatido.

– Descobrir que seu pai verdadeiro é um cara que você não conhece e, ainda

por cima, que ele não a reconhece e que idolatra outra filha. Isso deixaria qualquer um infeliz. Deve doer muito. Imagino que ela tenha sofrido bastante com feridas emocionais na vida.

Ela estava mesmo achando justificativas para Nan? Ninguém tinha desculpa para ser maldoso e cruel. E, no entanto, Reese estava ali, sentindo pena da minha meia-irmã, mesmo depois de trabalhar como faxineira de Nan por um tempo e vivenciar a maldade dela diretamente. Ela estava sendo compreensiva com uma pessoa como aquela.

– Talvez você mude de ideia depois de passar mais tempo com ela. Se isso vier a acontecer.

– Ela não vai estar na festa?

Eu duvidava.

– Antes de Grant conhecer Harlow, ele teve uma história com Nan. Isso não ajudou nada na relação das duas. O fato de Nan ter doado sangue para Harlow durante o parto de Lila Kate fez uma enorme diferença e ao menos mostrou que ela tem um pouco de humanidade, mas duvido que seja o suficiente para Grant convidá-la para o aniversário da filha. Além disso, Kiro e Nan não se dão bem. Toda vez que ficam no mesmo ambiente, a situação termina em gritaria.

Reese não me perguntou mais nada, mas pude notar que sua mente estava a mil. Ela estava tentando juntar tudo de modo a fazer sentido. O problema era que nada fazia sentido neste lado da minha família. Kiro havia ferrado com tudo anos atrás. Harlow e a filha dela eram as únicas pessoas que me interessavam nessa parte da família. E Grant, às vezes. Ele havia se mostrado digno da minha irmã, mas eu ainda estava de olho nele. Eu o mataria se ele a magoasse.

REESE

Fiz faxina em casas maravilhosas, mas nenhuma se comparava a esta. A casa dos Finlay era imensa e deslumbrante. Dava direto na praia, e carros caros lotavam a entrada de veículos. Estávamos hospedados na casa de Grant e Harlow, mas eles haviam saído cedo para arrumar algumas coisas. Tínhamos nos oferecido para cuidar de Lila Kate, mas Grant dissera que ela ficaria inquieta se ele não estivesse por perto. Mase observou que era mais provável que o próprio Grant ficasse inquieto. Vê-lo junto com a filha enquanto ela balançava o corpinho de um lado para outro tentando andar era adorável. Ele não tirava os olhos dela, pronto para pegá-la a qualquer momento se ela caísse. Nas poucas vezes em que ela realmente caiu, ele reagiu na velocidade de um raio, resgatando-a e vendo se estava tudo bem enquanto beijava seus joelhos gordinhos.

– Kiro chegou. Dean deve estar com ele, já que vieram de limusine – disse Mase com indiferença.

Eu ia conhecer duas lendas da música, Mase, porém, seguia sem se abalar. Mas, se Kiro o havia ignorado durante a maior parte de sua vida, eu entendia por que ele não estava empolgado em vê-lo. De qualquer maneira, eu não sabia se ia gostar do sujeito. Mase dissera muitas coisas que depunham contra ele.

Antes que eu pudesse descer do Mercedes, Mase estava ali para me dar a mão e me ajudar a sair. Aceitei, já que estava segurando a enorme caixa rosa com bolinhas marrons que continha o presente de aniversário de Lila Kate. Tínhamos ido a Dallas comprar o presente perfeito para o primeiro aninho de sua sobrinha. Quando vimos um par de botas de caubói cor-de-rosa com um chapéu de couro da mesma cor, Mase fez questão de levar os dois. Eram presentes perfeitos para Lila Kate de seu tio.

Comprei um cavalo de pelúcia para combinar com o novo look. Mase comentou que a ensinaria a cavalgar um dia, mas, depois de observar Grant com a filha, duvidei que Lila Kate fosse algum dia subir no lombo de um cavalo. Não acho que Grant conseguiria lidar com isso.

– Vamos nos divertir – disse Mase com uma piscadela.

Alisei meu vestido amarelo depois que ele pegou o presente das minhas mãos. Como era um luau, coloquei minha melhor roupa de verão e sandálias de tirinhas. Harlow estava usando um vestido parecido, então não me preocupei em estar malvestida.

– Tem um monte de gente aqui – comentei, olhando em volta enquanto carros continuavam a chegar.

– Sim, Grant passou a maior parte da vida em Rosemary Beach. Ele é amigo de todo mundo.

Mase bateu à porta uma vez e uma mulher que poderia ser modelo de lingerie a abriu com um sorriso radiante.

– Mase, bom dia – disse ela, então virou aqueles olhos verdes estonteantes para mim. – Oi, Reese. Como estão?

– Obrigada por me receber, Blaire. Que ótimo ver você outra vez.

Blaire deu um passo para trás e fez sinal para entrarmos.

– Eu, você, Harlow, Bethy e Della precisamos marcar logo um programa só de meninas, um dia inteiro juntas. Mesmo que para isso precisemos ir para o Texas – disse Blaire, parecendo decidida.

Eu nunca tinha tido um dia só de meninas. Parecia divertido.

– Harlow está lá fora e Grant está na piscina com Lila Kate, Rush e Nate. Vão lá ver todo mundo. Eu tenho que ficar aqui recebendo as pessoas. Vou colocar os presentes de vocês junto com os outros.

– Obrigado, Blaire – disse Mase, então colocou a mão nas minhas costas e me guiou pela encantadora casa dos Finlay em direção a um quintal impressionante, com uma escada que descia até uma piscina que parecia a de um resort de luxo.

Havia gente por todo lado. Algumas mulheres estavam de biquíni, enquanto outras usavam vestidos de praia curtos, como o meu. Os homens de calção pareciam todos modelos de produtos esportivos. Corri os olhos pela multidão, procurando um rosto familiar que não fosse o de Harlow.

Meus olhos foram parar numa pessoa que eu não esperava encontrar ali. De calção de banho, sentado em uma cadeira exibindo um bronzado que a maioria dos homens não tinha, ele dava a impressão de que morava em um barco. Seus cabelos estavam exatamente como eu lembrava do churrasco. Castanhos com reflexos, presos em um rabo de cavalo frouxo, que parecia não ter sido penteado. Mesmo com os óculos de aviador, pude sentir seu olhar em mim. Que diabo ele estava fazendo ali?

– Mase, que bom ver você – disse uma voz feminina atrás de nós, e me virei para ver um rosto conhecido. Eu já havia sido apresentada a Della Kerrington, mas desta vez ela carregava uma trouxinha em um cobertor azul. – E Reese. – Seu sorriso genuíno fez com que eu me sentisse imediatamente confortável perto dela. – Estou muito feliz por vocês estarem aqui.

Mase baixou a cabeça em direção ao bebê nos braços dela.

– Parabéns. Soube que esse carinho nasceu no mês passado.

Della olhou para a trouxinha e sorriu.

– Sim. Ele veio um mês antes, mas é perfeito, e eu nunca fui tão feliz. Ele nos completa.

– Qual o nome dele? – perguntou Mase.

– Cruz. Cruz Woods Kerrington.

– Nome bacana. Gostei – disse Mase.

– Eu também. E parabéns – acrescentei.

Della sorriu calorosamente.

– Obrigada a você dois. Quero passar um pouco mais de tempo com você, Reese. Mas neste momento tenho um menininho faminto para alimentar – disse ela, antes de entrar na casa.

– Gosto dela – falei, observando-a se afastar.

– Sim, ela é a melhor coisa que já aconteceu ao Kerrington. O cara era um galinha antes dela – contou Mase, piscando para mim.

Eu ri enquanto ele deslizava a mão pela minha cintura e me guiava escada abaixo em direção à piscina. Procurei a cadeira em que antes tinha visto aquele rosto familiar, mas ela estava vazia. Estranho.

– Olha eu pulando, papai! – gritou uma voz fininha, e quando eu me virei vi um lindo menininho de pé sobre um monte feito de pedras.

Ele parecia pequeno demais para estar lá em cima, mas tinha um brilho de determinação no olhar.

– Estou olhando. Capricha – respondeu um homem fora da piscina.

Eu estava preocupada demais com o menininho para desviar os olhos dele e ver quem era o pai. Será que a mãe sabia que ele estava ali?

O menino me lançou um sorriso enorme que deixou claro que era um conquistador, ainda que fosse só uma criancinha. Então ele saltou bem alto, dobrou o corpinho no ar e girou duas vezes antes de mergulhar na água.

Todo mundo aplaudiu, inclusive eu. Fiquei maravilhada.

Sua cabecinha emergiu e o orgulho irradiava do seu rosto. Foi incrível.

– Eu falei que conseguia dar dois giros – disse ele, olhando para Grant.

Então nadou até a borda e levantou a mãozinha num “toca aqui” para um homem tatuado e musculoso. Sem Rush Finlay se virar, soube exatamente quem ele era. Eu já o vira antes em revistas e na TV. Era o filho de Dean Finlay. Ele se virou para provocar Grant, que estava rindo.

– Não duvide do meu menino – falou ele, fazendo Grant balançar a cabeça enquanto ria.

Rush se virou para nadar até a escada quando seus olhos se ergueram e encontraram Mase. Se eu não estivesse completamente apaixonada por Mase, teria de dizer que aquele homem era a coisa mais linda que eu já tinha visto na vida. Mas eu amava Mase, e ninguém se comparava a ele. Rush teria de vir em um apertado segundo lugar.

– Mase – falou Rush, com um sorrisinho, saindo da água.

Precisei desviar o olhar, porque, sério, ele estava forçando a barra. Até saindo da água o cara era estiloso.

– Menino talentoso esse seu – respondeu Mase.

– Muito. Puxou ao pai – disse Rush.

– E ele gosta de lembrar todo mundo disso – gritou Grant do outro lado da piscina.

Me obriguei a virar e encarar Rush Finlay molhado. Ainda bem que ele estava enrolado em uma toalha. Mas isso não eliminava as gotas escorrendo do seu peito.

Rush voltou a atenção para mim.

– Reese – falou, me surpreendendo por saber meu nome. – Legal conhecer você.

– Legal conhecer você também – consegui dizer.

Então ele se virou de novo para Mase.

– Já viu Kiro?

Mase balançou a cabeça.

– Ainda não.

– Ele está lá dentro, com Emily. Não quer que ela fique aqui fora tomando muito sol.

Mase arregalou os olhos.

– Emily está aqui?

Rush correu a mão pelo cabelo curto e molhado e assentiu.

– Está. Ele não quis que ela perdesse o aniversário da netinha.

Uau. Com tudo o que Mase me contou sobre a mãe de Harlow, nunca teria imaginado que Kiro fosse tirá-la de uma instituição médica especializada em Los Angeles, nem por um dia.

– Acho que agora que o mundo sabe que ela está viva, ele se sente seguro em levá-la aos lugares – comentou Mase, com um olhar preocupado.

– Meu pai disse que acha que este será o último ano que Kiro vai gravar com o Slacker Demon. Ele acha que Kiro está pronto pra deixar a banda. Acho que todos estão. Já estão nessa há 25 anos, afinal.

– Está na hora de eles se aposentarem – concordou Mase.

– Só que o mundo da música não vai concordar – disse Rush. – Mas se eles acham que está na hora, então precisam parar. Só não sei se meu pai já chegou a esse ponto.

Os dois continuaram conversando e eu voltei a atenção para os outros. Corri os olhos pela piscina e por um conjunto de tendas montadas ali perto e encontrei os óculos de aviador outra vez. Ele ainda estava me observando.

MASE

Não tínhamos visto Harlow desde que chegamos à festa, mas agora sabíamos que ela devia estar com os pais. Ficar perto de Emily era difícil para ela, pois havia passado a maior parte da vida acreditando que a mãe estava morta e, quando descobrira que ela estava bem viva, mas incapaz de se comunicar ou fazer qualquer coisa, foi duro lidar com a situação. Será que Kiro tinha pensado em Harlow quando decidiu trazer Emily para cá?

Frustrado, procurei alguém em quem confiasse para fazer companhia a Reese, para que eu pudesse procurar minha irmã e me certificar de que ela estava bem. Se nosso pai tivesse estragado esse dia dela, eu ia ficar muito irritado. Para variar um pouco, ele precisava pensar em alguém além de si próprio.

Blaire saiu da casa e eu toquei no cotovelo de Reese.

– Preciso encontrar Harlow e me certificar de que ela está bem com a mãe aqui. É tudo muito novo pra ela, e eu estou preocupado. Vou deixar você com a Blaire por uns minutos. Tudo bem?

Reese assentiu.

– Claro.

Blaire nos viu caminhar na direção dela e veio a nosso encontro.

– Eu ia entrar e ver se está tudo bem com Harlow. Não a encontrei aqui fora, e como sei que Emily está aqui também... – parei de falar, sabendo que a Blaire entenderia minha preocupação.

Ela assentiu.

– Vá lá. É bom porque assim eu conheço Reese melhor. Vamos beber uns Mai Tais e conversar.

Olhei para Reese e ela fez um gesto para eu ir.

– Ela vai me dar uns Mai Tais – disse. – Vou ficar bem. Vá.

Agora que estava seguro de deixá-la, fui atrás da minha irmã.



Não demorei muito para encontrá-la. Ela estava na cozinha, olhando para o nada. Era disso que eu tinha medo. Harlow não deveria ter que lidar com essa merda no dia do aniversário da filha. Claro, era a mãe dela, mas ninguém lhe dera tempo suficiente para assimilar o fato de ter uma mãe e menos ainda de aceitar que nosso pai a mantivera isolada e em segredo para todo mundo.

– Harlow – chamei baixinho, sem querer alarmá-la.

Ela se virou, e seus olhos estavam cheios de lágrimas represadas.

– Oi – murmurou.

– Vou dizer a ele para ir embora. Kiro não deveria ter feito isso com você – falei, numa voz que traía minha raiva.

Ela balançou a cabeça.

– Não, não é isso. Ele me avisou que ia trazê-la. Não estou chorando por causa dela. Estou chorando por causa dele. Ver Kiro com ela é de partir o coração, Mase. Você não viu. Existe esse lado do nosso pai que até recentemente eu nem sabia que existia. Quando a gente o vê com ela, tudo faz sentido. O jeito *dele* faz todo o sentido. Ela era tudo para ele, e ele a perdeu de forma muito trágica depois de muito pouco tempo. Eu olho para ele e penso... e se eu não tivesse sobrevivido? E se eu tivesse morrido naquela sala de parto? E se Grant fosse obrigado a criar Lila Kate sem mim? Será que ele teria conseguido ser esse pai amoroso e incrível que mostrou ser ou teria se tornado o que Kiro se tornou? – Ela fungou e secou os olhos. – Você guarda muita mágoa dele, e eu entendo. Sei que ele não foi legal com você nem com a sua mãe. Mas ele estava despedaçado, e, por um momento, minha mãe o salvou, apenas para ele perdê-la em seguida. Kiro não sabe como ser feliz. Ele perdeu o amor da vida dele.

Comecei a argumentar que o filho da puta tinha filhos e responsabilidades para levar em consideração, mas parei, porque vi o rosto de Reese na minha frente. Eu a havia encontrado. Ela mudou o meu mundo e, mesmo depois de muito pouco tempo, eu sabia que ela era meu futuro. E se eu a perdesse? E se amanhã ela tivesse ido embora? Como eu continuaria? Será que algum dia me recuperaria?

– Como ele é com ela? – perguntei, precisando saber se Kiro era capaz de amar dessa forma.

Ainda assim, eu queria que o homem que me deu a vida tivesse algumas qualidades que o redimisse. Cresci achando que ele não tivesse nenhuma.

Harlow sorriu e seus olhos demonstraram muita emoção.

– Ele a trata como se ela fosse preciosa. A coisa mais importante e preciosa do mundo. Escova os cabelos dela e conta histórias do passado. Ele a chama de anjo. É... é lindo. Queria que ele tivesse tido uma chance de viver com ela. Acho que nós dois teríamos crescido com um pai muito diferente. Talvez até Nan fosse outra pessoa por causa disso.

Será que amar alguém pode destruir uma pessoa tão completamente? Nunca havia pensado muito nisso, no entanto, mais de uma vez me perguntei se Kiro tinha alma. Eu observava a maneira como ele vivia e me perguntava como minha mãe podia ter cometido um erro tão grande dormindo com aquele cara, ainda que uma vez só.

Mas se ele tinha perdido a alma quando seu futuro com Emily fora por água abaixo, então isso o fazia menos monstruoso aos meus olhos. Isso o tornava humano – não o deus do rock que o mundo conhecia, mas um homem que havia amado com todo o seu coração e perdido esse amor.

– Kiro nos ama. Ama você. Tem orgulho de você. Eu o ouvi falar para Emily... minha mãe... sobre você outro dia. Aparentemente, minha mãe também amava você. Ele estava contando a ela que belo jovem você havia se tornado e como ela estaria orgulhosa do menino que ela adorava. Ele não demonstra as emoções muito bem, mas Emily é o amor dele. É a única ligação que tem com a

felicidade. Eu a quero aqui com ele.

Eu jamais tive a chance de ouvir Kiro me dizer que tinha orgulho de mim. Engoli a emoção entalada em minha garganta e assenti.

– Tudo bem. Então vamos lá para fora comigo, aproveitar a festa da sua filha. Vamos celebrar a vida. A sua e a dela.

Harlow sorriu e passou os braços em torno de mim.

– Você é outro motivo para eu amar meu pai. Ele me deu o melhor irmão do mundo.

Meus olhos não se encheram de lágrimas.

Bem, talvez um pouquinho.

REESE

Blaire pegou um Mai Tai para cada uma de nós na tenda e me levou até um par de espreguiçadeiras. Apontou para o monte de pedras.

– Você não vai querer perder isso.

Voltei a atenção para lá enquanto tomava um gole da bebida. Nate Finlay estava no alto da rocha outra vez, mas agora segurava a mão de um homem mais velho. Mesmo sem o corpo esguio e musculoso, coberto de tatuagens e braceletes dourados, eu conhecia aquele homem.

– Dean Finlay – falei.

Eu sabia que ele estaria ali, mas não esperava vê-lo dessa maneira.

– É – respondeu Blaire, numa voz divertida.

Nate gritou “Vamos lá!”, e ambos mergulharam na água.

– Ele está tentando fazer Dean dar cambalhotas no ar com ele, mas Dean se recusava. Disse que quebraria algo importante se tentasse – explicou Blaire.

Eu ri, pensando em como seria divertido ver Dean dando uma cambalhota no ar depois de saltar de um monte de pedras.

– Você pegou minha espreguiçadeira – disse uma voz grave atrás de mim.

Eu a reconheci imediatamente.

Não sabia se devia olhar ou não. Ainda não conseguia imaginar por que ele estava ali. Fiquei esperando que Mase o notasse e dissesse alguma coisa, mas ele não notou.

– Seja bonzinho, Capitão. Se quiser se juntar à gente, pode ficar naquela espreguiçadeira – disse ela, apontando para outra, do meu outro lado.

Capitão? Mas eu pensei que o nome dele fosse River Kipling. Nenhum desses nomes tinha nada a ver com Capitão.

– Reese, esse é meu irmão, Capitão. Ele é um convencido, cem por cento do tempo – apresentou Blaire.

Irmão dela? O quê?

– Não sou nada convencido, maninha. Já falei, eu apenas digo o que penso. Não faço rodeios. Não faz sentido desperdiçar saliva.

Blaire deixou escapar um risinho e revirou os olhos.

– Na verdade ele é um cara legal, depois que a gente o conhece.

Eu já o tinha conhecido e não concordava sobre ele ser um cara legal. Mas o cara que eu conheci não me contou seu apelido.

– Eu, hã... – murmurei.

Será que devia dizer a Blaire que o havia conhecido?

– O que ela está tentando dizer é que já nos conhecemos. Estávamos na festa que meu novo parceiro de negócios organizou, mas eu me apresentei como River Kipling. – Ele se virou para mim. – Este é meu nome oficial, mas todos me

chamam de Capitão.

Os olhos de Blaire se arregalaram e ela se endireitou na espreguiçadeira.

– É mesmo?

Fiz que sim com a cabeça. Quis acrescentar que ele tinha agido como um babaca na festa, mas fiquei calada. Eu gostava de Blaire. Não queria insultar o irmão dela.

– Seu namorado voltou a dançar com a prima dele? – perguntou Capitão, ou River, ou qualquer quer que fosse o nome pelo qual atendesse.

Eu realmente não gostava daquele cara. Dei um sorriso tenso e fiz que não com a cabeça. Apesar de eles *terem* ido passear a cavalo e ido a um leilão de gado juntos. Eu tinha dito a Mase para ir a fim de conquistar Aida, mas isso não ajudou em nada. Ela ainda olhava para mim com raiva ou disparava risinhos triunfantes sempre que saía de casa a sós com Mase, como se tivesse vencido algum tipo de competição. Era estranhíssimo.

– Eu ficaria de olho neles – disse ele. – Perguntei a Hawkins sobre os dois e ele disse que Aida não é prima de Mase de verdade. É sobrinha do padrasto dele, e também é adotada. A garota parece estar de olho no seu homem.

– Capitão, já chega. Mase está totalmente apaixonado pela Reese. Ela se mudou para Dallas para morar com ele. Mase a protege da forma como Rush me protege. Não fique colocando minhocas na cabeça dela.

Gostei das palavras de Blaire, mas se o que Capitão disse era verdade, então... seria possível que Aida sentisse algo mais por Mase? Será que ela queria mais? Eu me retrai só de pensar. Seria complicado demais se fosse verdade.

– Você ainda não viu a prima dele – falou Capitão. – Cabelos louros compridos, pernas, cheia de curvas. Uma mulher que chama a atenção.

Mas que inferno! Ele estava tentando me assustar? E por que aquele homem me detestava tanto? Eu não havia feito nada para ele. Desde que o conheci, ele tinha sido grosseiro.

– Então, Reese, o que você faz na fazenda durante o dia? – perguntou Blaire, claramente tentando mudar de assunto.

Além de transar com Mase, ficar andando de um lado para outro e limpar a casa, eu não fazia nada, na verdade. Precisava fazer alguma coisa. Não gostava de viver às custas de Mase. Queria ganhar meu próprio dinheiro e conseguir meu diploma do ensino médio. Planejava conversar com Mase sobre isso quando voltássemos. Eu precisava de um plano de vida.

– Passei um mês com minha família em Chicago, mas, desde que voltei, só tenho passado meu tempo com Mase e ficado pela fazenda. Preciso arranjar um emprego. Ainda não comecei a procurar, mas estou pensando em algum trabalho de limpeza, talvez. E quero voltar a estudar.

Não mencionei que por estudo eu estava me referindo ao diploma do ensino médio, seguido de uma faculdade à distância, se eu conseguisse economizar o suficiente.

– Você gosta de limpar casas? – perguntou Blaire.

Na verdade, não, mas por ora era só isso que eu podia fazer. Agora que sabia ler melhor, eu tinha outras opções. Minha preocupação era se conseguiria focar em ler e escrever sob pressão, caso tivesse algum estresse no trabalho.

– Não é meu sonho, mas sou boa nisso. Se algo melhor aparecer, vou agarrar. Quero fazer algo diferente de limpar casas.

Blaire sorriu.

– Sei bem como é. Eu também ansiava por parar de vender bebidas em um carro de golfe na época em que trabalhava no clube, então entendo você completamente.

– Reese.

Ouvir a voz de Mase foi um alívio, e, quando levantei o olhar, ele estava na minha frente, de pé. Seu olhar voltou-se para Capitão.

– Kipling, não é? – disse ele, confuso e um pouco irritado.

– Colt, não é? Ouvi dizer que na verdade é Manning – respondeu Capitão, fitando Mase com uma expressão entediada.

– Mase, esse é meu irmão, Capitão, mas seu nome verdadeiro é River Kipling – explicou Blaire.

– Irmão? – perguntou Mase, dirigindo um olhar curioso a ela.

Ela assentiu.

– Mundo pequeno, né? – comentou Capitão.

– É – concordou Mase, então estendeu a mão para mim. – Obrigado, Blaire, por cuidar da minha gata e fazer companhia a ela. Harlow está bem e vem pra cá curtir a festa da filha agora.

Blaire pareceu aliviada.

– Que bom.

Deslizei minha mão para a de Mase e me levantei.

– Gostei de conversar com você – falei a Blaire, evitando contato visual com Capitão.

Acho que escutei um risinho discreto por meu óbvio corte nele, mas ignorei.

– Estarei na fazenda na semana que vem com Hawkins pra ver a operação bovina – disse Capitão a Mase.

Mase assentiu.

– Nos vemos lá, então.

Pude notar que eu não era a única que não gostava de Capitão River Kipling.

Atravessamos o quintal e Mase foi pegar outra bebida para mim. Quando se voltou para me entregar, seus olhos se focaram em algo, ou alguém, atrás de mim.

– Kiro – disse ele apenas.

Kiro. Kiro Manning. Eu tinha visto Dean Finlay pular de um monte de pedras com seu neto e agora Kiro Manning estava ali atrás de mim.

– Que bom que você conseguiu vir. Harlow queria você aqui – respondeu uma voz grave.

Mase o encarou.

– Eu nunca decepciono minha irmã.

O homem atrás de mim deu um som irônico e os músculos de Mase se tensionaram. Passei a mão pelo braço dele para tentar acalmá-lo.

– Não vai me apresentar sua amiga? – perguntou Kiro.

Eu ainda não tinha me virado para olhar para ele.

Mase olhou para mim e eu virei o rosto para Kiro. Ele era exatamente como

em todas as fotos que eu tinha visto e se movia do mesmo jeito que nos cliques. Mas também havia abandonado seu filho por anos. Eu não podia perdoá-lo por isso.

– Kiro, esta é minha namorada, Reese. Reese, este é meu pai, Kiro Manning.

Kiro sorriu para mim e balançou a cabeça.

– Esse rapaz nunca apresentou nenhuma garota como namorada. Você deve ser especial.

– Hã, é... um prazer conhecer você.

Kiro deu uma risadinha. Parecia tanto com o sorriso de Mase que eu fiquei encarando-o por um momento, fascinada.

– Preciso buscar minha neta e ver se consigo afastá-la de Grant por tempo suficiente para levá-la lá dentro para ver Emmy – disse ele, e então sumiu.

Mase não pareceu nada surpreso com a partida abrupta do pai. Em vez disso, tocou nas minhas costas e me guiou para outro lugar.

– Vamos encontrar alguma coisa para comer.

MASE

Passar um tempo com minha irmã e com minha sobrinha era legal, e eu havia sentido saudade delas, mas já estava mais do que pronto para voltar ao Texas com Reese. Não estava sendo fácil transar na casa da minha irmã, e eu queria Reese só para mim. Harlow passava o tempo todo afastando-a de mim. Eu sabia que Reese precisava de amizades femininas – ela nunca teve uma amiga de verdade, e eu sabia que seria bom para ela –, mas sentia falta de tê-la junto comigo.

Assim que voltamos para casa, suspirei de alívio. Peguei a bagagem da mão dela e coloquei-a no chão antes de puxar Reese firmemente para mim. Fiquei tentando a fazer isso no avião, mas imaginei que ela ficaria com medo de que algum comissário nos escutasse lá atrás, então a deixei se enrolar em mim e dormir.

Mas estávamos na privacidade do nosso lar agora, e eu queria vê-la nua.

– Tire a roupa – falei e arranquei a camiseta pela cabeça.

Reese riu de pé ali, enquanto eu tirava as calças.

– Não estou brincando, gata. Preciso de você agora.

Dessa vez ela não riu. Em vez disso, tirou a blusa e se livrou da saia. Exatamente do que eu precisava.

– Não vou deixar você sair deste quarto até amanhã, e isso na melhor das hipóteses – avisei.

Ela mordeu o lábio inferior e terminou de tirar a calcinha. Aquela vista nunca perdia a graça.

– Prove – provocou.

Eu a levantei e a joguei sobre o ombro. Dei uma palmada em sua bunda nua, fazendo-a gritar. Quando chegamos ao quarto, coloquei-a no meio da cama.

– Vamos trepar primeiro, depois eu brinco – prometi.

Ela me disparou um sorriso provocante e rolou para o lado, levantando a bunda no ar enquanto se acomodava sobre as mãos e joelhos. Passei as mãos pela sua bunda carnuda e atrás de suas coxas.

– Você queria trepar. Então me come – disse ela, virando a cabeça para olhar para mim.

Reese estava sendo ousada. Tomando a iniciativa. Minha garota delicada estava sendo safada. Caralho, eu adorava aquilo. Me inclinei e beijei o ombro dela.

– Como você quer ser comida, gata? Devagarinho?

Reese balançou a cabeça.

– Não, quero que você me coma do jeito que quiser.

Foi uma resposta cheia de tesão. Mas a primeira coisa que fiz foi beijar

minha pinta. Reese riu enquanto eu dedicava atenção extra àquele ponto antes de enfiar a mão entre a sedosa pele da parte interna de suas coxas.

– Tudo bem trepar primeiro? Tem certeza? – perguntei, percorrendo com os lábios os lugares onde tinha acabado de passar as mãos.

– Tudo. Me fode primeiro – disse ela, com um gemido baixinho.

O desejo dela era uma ordem.

Me aproximei por trás, segurei seus quadris e comecei a entrar nela, devagar no início, até ela ter me acomodado por completo. Então fiz o que ela queria, mas esperei até escutar meu nome várias vezes e o corpo dela tremer para soltar meu próprio grito de prazer.



Arthur Stout ia me encontrar no celeiro hoje. Ele havia ligado no dia anterior, dizendo que queria falar comigo sobre a compra do meu cavalo quarto de milha mais velho e manco, para sua mulher usar na escola de equitação da fazenda deles. Normalmente, eu só negociava gado com os Stout, mas de vez em quando a esposa dele precisava de uma montaria confiável para suas aulas. Arthur sempre me procurava, e agora eu tinha dois animais que julgava interessantes para a Sra. Stout, para ele analisar.

Tinha dado um beijo em Reese e a deixado na cama antes de o sol nascer. Não gostava de saber que ela ficaria ali durante a maior parte do dia a não ser que saísse para me ver. Ela não precisava daquele isolamento. Aida tinha ido visitar vovó Colt por alguns dias com minha mãe, e era um alívio saber que eu não precisaria lidar com seus dramas enquanto imaginava como tornar a vida de Reese mais agradável.

O F-450 de Arthur parou, e eu bati a poeira das mãos e caminhei até lá para encontrá-lo. Tinha dado banho e escovado Buttercup e Rose para ele inspecionar. Ambos fariam 14 anos. Estavam na idade perfeita para novos aprendizes.

– Bom dia, Mase – cumprimentou ele, descendo a colina para vir ao meu encontro.

– Bom dia – respondi, inclinando meu chapéu para trás para vê-lo melhor.

– Mas já é de tarde para um fazendeiro, não é, rapaz? – retrucou ele, rindo.

Eram apenas nove da manhã, mas ele tinha razão. Acordávamos cedo o bastante para que nove horas fossem mais como o meio-dia da maioria das pessoas. Quando ele chegou à colina, olhou adiante para ver minha pista de doma e assentiu.

– Parece bom. As coisas devem andar bem para você. Fico feliz de ver.

– Sim, senhor. Os negócios estão crescendo.

– Bom, muito bom – disse ele, então tirou o chapéu e secou o suor da testa com a manga. – Vim ver aqueles cavalos, como falei por telefone, mas também tenho outra proposta pra você. O negócio da minha mulher está crescendo, e ela está precisando de ajuda na parte do escritório. Receber e fazer ligações. Ler e responder e-mails. Até mesmo limpar os arreios e coisas assim. – Ele fez uma pausa e colocou o chapéu de volta. – Soube que sua namorada estava procurando

um emprego. Gostei da garota e acho que ela trabalharia bem com Piper.

Onde ele teria escutado que Reese estava procurando um emprego? Ela não havia me falado nada disso. Eu também não estava certo de que a queria na propriedade dos Stout. Não com Hawkins por perto.

– Não tenho certeza de que ela esteja procurando um emprego. Ela não mencionou nada do tipo. Não sei onde você conseguiu essa informação, mas ela está pensando em voltar a estudar. Agradeço a oferta, de qualquer forma.

Arthur pareceu decepcionado, mas assentiu.

– Entendi. Só achei que devia conferir. Piper entrevistou algumas mulheres e ou elas eram... mais velhas ou a trataram como, hum, bem, digamos que simplesmente não funcionou. Ela precisa de alguém que seja mais da idade dela.

Assenti, mas não estava gostando da ideia.

– Pronto pra ver as meninas? – falei, seguindo para os estábulos, sem esperá-lo.

Reese não estava procurando trabalho. Se estivesse, teria me dito. Não teria?

REESE

Afofei as almofadas no sofá mais uma vez antes de continuar arrumando a sala. Passei o dia inteiro limpando a casa e pensando em como dizer a Mase quanto gostaria de um emprego. Também queria meu diploma do ensino médio e depois fazer um curso universitário a distância, mas, para isso, eu precisava de uma renda fixa.

Ficar ali o dia inteiro não ia ser suficiente. Mesmo com a pausa de duas horas de almoço de Mase, eu precisava de algo para fazer o restante do dia. Dizer a Mase que eu queria ganhar meu próprio dinheiro e pagar minhas contas não ia dar certo. Eu era capaz de sentir isso. Ele assumiria seu lado homem das cavernas e diria que era capaz de tomar conta de mim. Eu precisava de outra justificativa. Precisava de um propósito. Precisava mostrar que queria sair para o mundo e fazer alguma coisa.

Mase é um homem sensato. Ele me ouviria e entenderia.

Antes que eu ficasse mais nervosa, a porta se abriu e Mase entrou. Estava sujo, suado e muito sexy. Era meu caubói particular, e eu adorava isso. Ver o sorriso em seu rosto era tudo que eu precisava. Aquele sorriso fazia todo o resto parecer menos importante. Eu queria contrariá-lo? Queria discutir naquela noite? Ou apenas me aconchegar em seus braços e falar sobre outras coisas? Coisas que o fizessem feliz?

Sim... não... argh! Precisava falar com ele. Precisava encarar isso. Era a minha vida. A nossa vida. Eu tinha que encontrar meu rumo nela.

– Quero arranjar um emprego – disparei, com medo de não conseguir dizer se esperasse. – Quero um emprego, o diploma do ensino médio e depois fazer um curso universitário a distância.

Pronto. Falei.

Mase parou e me analisou. Não disse nada por um momento, e fiquei com medo de aquilo ter parecido ingratidão ou infelicidade. Eu não estava infeliz. Eu o amava. Adorava estar com ele. Só precisava de algo mais do que simplesmente ficar ali o tempo todo.

– Você quer um emprego? – perguntou ele. – Para quem contou isso?

– Só pra você – respondi.

Não achava que tivesse dito a outra pessoa, mas talvez houvesse comentado com Blaire. Ou teria sido com Harlow? Não conseguia lembrar.

– Por que você quer um emprego?

– Quero ter meu dinheiro. Não quero que você pague pelos meus estudos e... – abri os braços – por tudo. Quero contribuir. Ficar aqui o dia inteiro é... É não fazer nada de útil, na verdade. Eu preciso trabalhar. Preciso conseguir meu diploma.

Mase deixou escapar um suspiro e pôs as mãos na cintura, olhando as botas por um instante. Estava chateado. Eu o havia deixado chateado. Era isso que eu não queria que acontecesse. Abri a boca para me desculpar, quando ele voltou a olhar para mim.

– Tudo bem. Eu entendo. O que você acha de atender telefonemas, responder a e-mails e limpar estábulos de cavalos?

O quê? Ele estava tentando me dar um emprego? Não era isso que eu queria dizer. Ele não precisava de mim. Estava criando um emprego para mim. Eu precisava me sentir mais independente do que isso. Precisava dessa segurança.

– Não, Mase. Você não pode criar um emprego para mim. Você não precisa de ajuda. Preciso conseguir alguma coisa fora daqui e trazer dinheiro para casa.

Um sorrisinho apareceu em seus lábios.

– Não seria para mim.

– Ahn?

Ele se abaixou, tirou as botas cheias de lama e as deixou perto da porta, então veio até mim.

– A mulher de Arthur Stout, Piper, dá aulas de equitação nos estábulos deles e está precisando de uma assistente. Arthur ofereceu o emprego a você hoje.

Ele pegou minha mão e a segurou como se examinasse um tesouro inestimável sobre sua palma.

– Você teria de atender telefonemas e tomar notas. Escrevê-las, digo. Precisaria ler e-mails e responder-lhes. Não falei para Arthur sobre sua dislexia. É algo para você conversar com Piper, se quiser o emprego. Acredito que é capaz de fazer isso tudo. Pode ser a melhor assistente do mundo. Mas preciso saber se *você* acredita nisso.

Um emprego que não envolvia limpar banheiros. Um emprego de assistente. Em um escritório. Uau. Isso era mais do que eu imaginava ser capaz de fazer.

– Vou falar com ela – garanti a ele. – Sim, eu quero esse emprego. Seria uma grande evolução em meu currículo.

Ele assentiu.

– Concordo. E acho que você pode fazer isso tudo. Detesto pensar em você longe o dia todo, mas também quero que seja feliz. Quero que tenha tudo o que quiser na vida.

O que eu mais queria era ele. Mase era o que havia de mais importante. Mas eu queria outras coisas também. Este era o primeiro passo na direção de ser eu mesma. Fiquei na ponta dos pés, me pendurei no pescoço dele e o puxei para mais perto.

– Obrigada. Muito obrigada.

Mase deu um beijo no topo da minha cabeça.

– Não me agradeça por querer fazer você feliz. Eu pretendo manter você aqui. E farei o que for preciso para garantir que isso aconteça.

Sorrindo, encostei a cabeça no peito dele.

– Eu estou imundo – falou Mase, passando a mão nos meus cabelos.

– Não me importo. Gosto de você assim. Você é o meu caubói sexy.

Ele riu.

– Caubói sexy, é? – Assenti e ele me apertou com firmeza contra seu corpo. –

Que tal eu fazer uns sanduíches e depois você tomar banho comigo pra garantir que seu caubói fique todo limpinho?

Me inclinei para trás e sorri para ele.

– Que tipo de namorada eu seria se ficasse aqui o dia inteiro e não fizesse um jantar pra você?

– Não senti cheiro de nada – disse ele, olhando para a cozinha.

– Porque o peixe está pronto pra fritar, e os salgadinhos também. Estava esperando você chegar para começar a fritar. Você prepara o chá gelado. Só preciso de uns dez minutos pra aprontar tudo. A salada de repolho já está na geladeira.

Os olhos dele se iluminaram.

– Sêrio? Peixe frito? Que delícia. Vou lavar as mãos e pôr a mesa.

Sorrindo, corri o dedo de cima a baixo pela sua camiseta.

– Por que você não toma uma ducha pra ficar limpinho pro jantar?

– Uma ducha com você seria mais divertido – disse ele, com um beicinho que me fez ter vontade de segui-lo.

– Você vai gostar mais de comer se estiver limpo. A gente pode se sujar de novo depois.

– Continue falando assim e vamos ter que deixar o jantar pra depois.

Rindo, fui para a cozinha tirar o peixe da geladeira antes que Mase conseguisse me agarrar.

– Tá bom – disse ele. – Mas nós vamos nos sujar mais tarde. Você prometeu.

Disparei um sorriso para ele e fui colocar o óleo para esquentar.



Mase havia saído de casa cedo na manhã seguinte, como sempre, mas voltara umas oito e meia para me acordar. Piper ficara empolgada ao saber que eu queria ir lá conversar com ela sobre o trabalho. Estaria me esperando por volta das onze horas. Sorte minha que os horários dela não eram de fazenda. Ela prezava seu sono.

Ele me beijou e repetiu que eu era capaz de conseguir o emprego. Também disse que viria me pegar por volta das dez e quarenta pra me levar lá. Eu não tinha carro ali e, de qualquer maneira, não sabia o caminho. Aí estava outra coisa em que eu ainda não havia pensado. Como iria todo dia até o trabalho? Não poderia simplesmente caminhar.

MASE

Não fui capaz de simplesmente deixar Reese lá. Precisava estar com ela quando fosse falar com Piper. Também queria segurar sua mão durante toda a entrevista, mas sabia que não podia. Se Reese tinha que mostrar a Piper que era capaz de fazer o trabalho, então me ter por perto, mimando-a, não ia ajudar.

Piper abriu um sorriso genuíno para Reese quando nos recebeu e foi muito simpática. Deve ter notado minha relutância em ir embora, porque se virou para mim, disse que Reese estava em boas mãos e que ela me ligaria mais tarde. Foi a deixa para que eu saísse.

Voltei para a fazenda com relutância. A caminhonete da minha mãe estava na entrada de veículos, o que significava que Aida tinha voltado. A de Major estava estacionada ao lado. Eu não o via fazia dois meses. Fui até a casa, precisando de um chá e algo para esvaziar a cabeça e me livrar das preocupações com Reese.

Abri a porta de tela, saí do alpendre e entrei pela porta dos fundos, que dava na cozinha. Major estava sentado à mesa com um prato cheio de biscoitos e calda. Aida estava na frente dele, torcendo o nariz para alguma coisa. Olhei para minha mãe, em pé do outro lado preparando alguma coisa no fogão. No ar pairava um cheiro de bacon.

– Meio tarde para o café da manhã, não é não? – perguntei, tirando o chapéu antes que minha mãe começasse a reclamar e colocando-o no suporte ao lado da porta.

Todos os olhares se voltaram para mim.

– O preferido dela está aqui. Ela precisava me alimentar – respondeu Major, com um sorriso idiota.

Às vezes eu acho que ele realmente acreditava nisso.

– Ah, pare com isso. Mas, sim, Major estava magrinho e com uma cara de faminto, e eu sabia o que daria um pouco de energia a ele – explicou minha mãe.

Major parecia igual à última vez que o vi. Não havia emagrecido nem um grama.

– Claro, claro – falei, revirando os olhos. – Será que seu favorito número dois poderia ganhar um pouco também? – perguntei.

Fui até lá e beijei a bochecha da minha mãe, que apertou meus ombros o mais forte que pôde.

– Você sempre vai ser meu favorito número um, e sabe disso. Senta aí, que vou alimentar você também. E quero saber tudo sobre o novo trabalho de Reese.

– Reese arranhou um emprego? – perguntou Aida, com um olhar que eu não sabia o que significava.

– Você já colocou a garota pra trabalhar? Caramba, rapaz, qual é a sua? Uma

mulher daquelas é pra passar o dia na cama, feliz e bem-cuidada – disse Major, e eu sabia que ele estava falando sério.

– Major Colt, já chega. Não fale assim à mesa – ralhou minha mãe, muito séria.

Ele piscou e jogou um beijinho para ela antes de dar uma mordida em outro biscoito. Como sempre, minha mãe riu. Se tivesse sido eu, ela teria me dado um tapa.

– Reese queria um emprego. Não fui eu que a fiz arranjar um. E Piper Stout ofereceu um trabalho que acho que ela vai gostar.

Major torceu o nariz e tomou um gole de chá.

– Ela vai trabalhar lá nos Stout?

Assenti.

– Você é burro para ca... hã, quero dizer... – Ele segurou a língua quando levantou os olhos para minha mãe e viu que ela o encarava ostensivamente.

– Acho que ela e Piper vão se dar bem.

Major levantou uma sobrancelha.

– Eu não estava me referindo a Piper. Você se lembra do Hawkins, certo?

Essa era minha maior preocupação, mas eu confiava em Reese. Não havia nada de mais naquilo. Eu só não queria que Hawkins a deixasse desconfortável.

– Se em algum momento ele passar dos limites, pode deixar que eu entro em campo. Mas não posso mantê-la trancada longe do mundo. Ela precisa ter vida.

Major deu de ombros e voltou a comer.

– Se você acha isso... Mas, meu velho, sua mulher é um arraso.

Aida deixou escapar uma risada curta, como se o comentário fosse divertido. Major e eu nos viramos para ela.

– O que foi? Você não acha? – perguntou Major.

Ele sempre estava disposto a brigar com Aida. Enquanto eu era o primo que ela crescera adorando, Major era o primo com quem ela crescera brigando.

– Ela é gorda – disse Aida, olhando para mim com um sorriso que devia achar lisonjeiro. Não era. – Você não viu a bunda dela? Sem querer ofender, Mase, mas você merecia coisa melhor.

– Aida! Reese não é gorda. Não acredito que você tenha dito algo tão grosseiro – repreendeu minha mãe, olhando para ela com desaprovação.

Aida deu de ombros.

– Desculpe, eu não queria ser grosseira, mas ela é... um pouco cheia de curvas demais.

Major soltou uma risada.

– Estou tão feliz por ela estar de volta. Estava perdendo essa e ninguém me contou.

Ele continuou gargalhando.

– Acontece que a bunda de Reese foi exatamente o que despertou meu interesse. Ela é perfeita, e é minha. Não quero ouvir você dizer algo negativo sobre o corpo dela nunca mais, está me entendendo?

Os olhos de Aida se arregalaram e ela percebeu que eu nunca havia falado com ela de forma tão agressiva antes. Mas ela falou besteira. Ser cruel era inaceitável. Ser cruel com Reese me colocaria totalmente contra ela.

Major enfim parou de rir.

– Reese tem o corpo de uma estrela pornô, Aida. Você tem o corpo de uma modelo. As mulheres querem o seu corpo. Os homens querem Reese. Simples assim. Mas ver você ficar com ciúme e ser agressiva assim não tem preço.

Aida ficou tensa com o comentário.

– Eu não estou com ciúme!

– Não fale que minha mulher tem corpo de estrela pornô ou vamos ter que sair da cozinha da minha mãe e resolver isso lá fora – adverti.

– Eu não estou com ciúme *dela!* – exclamou Aida.

– Eu só estava fazendo uma comparação. Foi a melhor em que pensei – explico Major, dando de ombros.

– Pois não faça mais – adverti, antes que ele dissesse algo que eu não pudesse perdoar.

– Mase é meu primo! Por que eu teria ciúme de quem ele namora? – disparou Aida, furiosa.

Major virou-se para ela.

– Porque você sempre teve ciúme de qualquer pessoa que o afastasse de você, fosse eu, Harlow ou, caramba, um maldito cavalo. Porque desde que fez 16 anos, seus hormônios irromperam e você soube que os dois não têm o mesmo sangue, se tornou obcecada por ele. Ele não consegue enxergar isso, porque não a vê assim. Mas eu enxergo. Você faz qualquer coisa para chamar a atenção dele. O problema é que não está entendendo, Aida. Ele vê você como prima e nada mais.

O quê? De onde Major havia tirado aquilo? Aida não pensava em mim assim.

Ela se levantou e saiu da cozinha sem dizer uma palavra sequer. *Mas que diabo...?*

– Alguém precisava dizer isso – comentou Major, então se reclinou e tomou um gole de chá gelado.

– É melhor eu ver como ela está – disse minha mãe, desligando o fogão. – Podem vir pegar o bacon.

Observei minha mãe sair porta afora para procurar Aida.

– Você não sabia disso, sabia? – perguntou Major.

Sabia o quê? Que Aida tinha uma queda por mim? Nem fodendo.

– Acho que você está enganado – falei.

Ele riu.

– Não, não estou. Minha mãe me corrigiu ou me repreendeu? Não. Ela foi atrás de Aida. Ela sabe que eu tenho razão. Todos vemos isso. Só você que não.

Merda. O que eu podia fazer? Sabia que Aida estava diferente desde que Reese havia chegado. Quando Aida não estava por perto, eu não pensava nem me preocupava com ela como acontecia em relação a Harlow. Nós não éramos tão íntimos.

– Ela sempre quis fazer tudo só com você. “Me leva para dançar, Mase.” “Vamos andar a cavalo, Mase.” “Um cara me deu o fora, me console, Mase.” Toda essa palhaçada era ridícula, mas você fazia mesmo assim, sem jamais perceber o que ela queria.

Não falei nada porque... temi que ele tivesse razão.

– Caramba, que bom que era de você que ela gostava. Se fosse de mim, eu a teria comido. Não tenho esses escrúpulos. Além do mais, ela é adotada, então também não sou realmente parente dela. E as pernas dela são sensacionais.

Balançando a cabeça, eu me levantei. Não podia ficar ali escutando aquilo. Precisava ficar sozinho para pensar como falar com ela. Aida acabara de tornar as coisas constrangedoras e tinha que voltar para casa. Eu não podia mais tê-la por perto, convivendo com Reese. Não com aquela maluquice toda rolando na cabeça dela.

REESE

– Seu homem é realmente uma espécie rara. Vê-lo todo ciumento e protetor com você é bacana – disse Piper com uma piscadela. Ela estava usando uma calça jeans justa, botas de equitação de couro marrom e uma camisa de flanela amarrada à cintura, evidenciando a barriga chapada. – Este é o escritório onde você vai trabalhar – continuou, apontando para uma grande porta de celeiro. – Vamos entrar e conversar.

– Tudo bem – falei, quando ela se virou e seguiu na direção da porta.

Eu estava nervosa. Desde o momento que Mase soltou minha mão e foi embora, meu coração batia forte no meu peito e tinha um nó na minha garganta. Era isso. Minha chance em um trabalho que poderia realmente me levar a algum lugar na vida.

A porta se abriu e eu demorei um momento olhando ao redor. O teto na verdade eram as vigas de madeira aparentes do telhado. Grandes lâmpadas vintage de bulbo pendiam de longas cordas que desciam de lá de cima, lançando uma luz agradável sobre o escritório. Estantes cheias de livros revestiam a parede dos fundos e três armários altos de arquivos ocupavam o lado esquerdo. Havia um computador com uma tela enorme no centro de uma mesa de madeira de pátina branca. Em frente à mesa, duas cadeiras em couro marrom eram separadas por um pequeno barril redondo que servia de mesa de apoio.

Piper se sentou em uma das cadeiras e me indicou a outra.

– E então – disse ela, cruzando as pernas e pousando um braço na coxa. – Mase contou ao Arthur que você não tem experiência nenhuma com cavalos ou com o tipo de trabalho que eu preciso. Ele falou que você é esforçada e que achava que seria capaz de fazer qualquer coisa que quisesse. O que eu preciso saber é o que você acha que pode fazer. O que gostaria de fazer.

Pronto. Eu teria que contar a ela sobre minha dislexia. Não fazia sentido ir adiante se isso fosse considerado inaceitável. Abri a mão sobre o colo e inspirei profundamente. Não tinha nada do que me envergonhar. Eu não era burra. Aprendi a ler, e minhas habilidades de escrita haviam melhorado desde que Mase tinha começado a me ensinar.

– Primeiro, preciso dizer que eu tenho dislexia. – Não parei para não dar chance de ela começar a falar. – Até conhecer Mase, eu não sabia ler nem escrever. Ele entrou na minha vida e me ajudou a identificar a raiz do meu problema, e então consegui me ajudar. Eu leio diariamente para ele e também escrevo todos os dias em um diário que depois Mase lê para corrigir minha ortografia. Me esforcei para chegar até aqui. Porém, quando estou em uma situação tensa e me sinto pressionada, posso digitar errado ou mesmo paralisar e ficar completamente incapacitada para escrever. Vou entender se você achar

que isso não vai atender as suas necessidades, mas quero este emprego e vou fazer o melhor que puder para deixar você satisfeita.

Piper ficou ali sentada por um momento, sem dizer nada.

Eu me concentrei para não contorcer as mãos. Eu estava nervosa, mas isso era parte da minha vida. Algo com que eu precisava aprender a lidar.

– Este trabalho vai exigir bastante leitura e escrita. Mas, pelo que acabei de ouvir, acredito que ter uma funcionária que queira fazer um bom trabalho e não subestime o emprego é a melhor coisa que posso querer. Vou precisar que você atenda a telefonemas, faça anotações, leia e responda a e-mails e também me ajude com os arreios e a limpeza dos estábulos. Se quiser encarar este desafio, quero oferecê-lo a você. Gosto de guerreiros, Reese Ellis, e você me parece uma.

Senti as lágrimas arderem em meus olhos, mas as reprimi. Fui invadida pelo alívio e sorri. Provavelmente um sorriso bobo, mas não me importei com isso. Eu havia conseguido o emprego. Eu. Eu havia feito aquilo.

– Obrigada – falei, desejando ter palavras para descrever como estava realmente grata.

Piper se curvou e deu um tapinha em meu joelho.

– Não me agradeça ainda. Você pode detestar o trabalho, mas estou torcendo que não.

Eu não ia detestar o trabalho. Ia adorar. Porque era algo que eu havia conseguido sozinha.



Sentada atrás da mesa, sozinha no escritório, chequei o terceiro item da lista à minha frente. Piper havia me mostrado tudo e então me deixou uma relação de coisas que eu precisava fazer naquele dia. Assim que ela saiu, soltei um imenso suspiro de alívio. Estar ali sozinha tornava muito mais fácil ler e escrever. Estava completamente concentrada.

O próximo item da lista era ler e responder aos e-mails. Havia muita gente interessada nas aulas de montaria de Piper. Eu já havia atendido a quatro telefonemas sobre esse assunto. Quando abri a caixa de entrada, havia oito e-mails pedindo informações.

Comecei a ler o primeiro, mas mal tinha terminado quando a porta se abriu após uma batida rápida. Levantei os olhos para ver um rosto familiar, mas não era nenhum que eu esperasse ou quisesse ver naquele momento. Seus cabelos desgrenhados e dourados pelo sol estavam presos outra vez e cobertos por um boné com a aba para trás.

– Você conseguiu o emprego – disse ele, com um olhar presunçoso.

Como ele sabia do emprego? Assenti, mas não disse nada.

Capitão riu e entrou no escritório.

– Gostou? – perguntou, parecendo ter todo o direito de estar ali naquele lugar. Assenti outra vez.

Seu sorriso se alargou, formando uma covinha numa das faces.

– Esse seu silêncio é um desafio, Reese? Porque eu gosto de desafios.

Que homem maldito. Estava determinado a me enlouquecer.

– Na verdade era uma deixa para você ir embora.

Capitão me deu um sorrisinho, foi até uma das cadeiras de couro e afundou nela. Esticou as longas pernas cobertas por uma calça jeans e as cruzou na altura do tornozelo.

– Me disseram para esperar Piper aqui. Ela está com um cliente. Preciso da assinatura dela em uns formulários, e Arthur está em Austin hoje. Quando ele não está, é Piper quem assina os documentos.

Ótimo. Eu não sabia que ver Capitão... River... ou como quer que eu devesse chamá-lo fosse parte das minhas tarefas.

Voltei a atenção novamente para a tela do computador, mas podia sentir seus olhos em mim. Tive dificuldade para me concentrar. Ele parecia tentar memorizar cada traço meu.

– Seu namorado ainda está por aí com aquela prima dele?

Fiquei tensa. Por que ele estava tão decidido a me convencer de algo que não era verdade a respeito deles? Eu sabia que Mase me amava. Também sabia que ele não sentia nenhuma atração por Aida. Apesar de ela poder muito bem sentir por ele.

– Não, mas isso não é da sua conta.

– Não acho que seja. Mas não quero estar longe demais quando Mase ferrar com tudo. Ele tem algo que eu quero.

As palavras na tela ficaram borradas e minha cabeça começou a latejar. Do que ele estava falando? Mase tinha algo que ele queria? Eu? Ele estava falando de mim? Não. Ele gostava de dizer coisas para me perturbar. Não estava flertando comigo. Era um babaca.

– É melhor você esperar sentado. Mase não ferra com nada. Ele é o melhor homem que eu conheço – falei, olhando as letras embaralhadas na tela.

Eu tinha perdido completamente a concentração.

– Nenhum homem é perfeito, querida – disse ele, devagar.

Não gostei de ele me chamar de querida. Também odiei suas insinuações de que Mase pudesse fazer algo errado. Algo para me magoar. Ele não era assim. Só porque Capitão River Qualquer Coisa era um babaca, isso não significava que todos os homens também fossem.

– Mase é – disparei.

Ele não respondeu de imediato, e eu tentei inspirar profundamente e me concentrar nas palavras. Fingir que ele não estava ali.

– Ele salvou você? É por isso que confia tanto nele? Você precisava de um salvador e ele apareceu na hora certa. Foi isso?

Sim, ele me salvou. Ele me amava. Mas isso não era da conta daquele homem. Nada na minha vida era da conta dele.

– Ele mudou o meu mundo.

Capitão soltou um suspiro que chamou minha atenção e eu ergui os olhos para ele. Ele se levantou e eu esperei que aquilo significasse que estava indo embora. Eu tinha coisas a fazer. Ele estava atrapalhando.

– Eu também posso mudar seu mundo, querida. Mas vou esperar minha vez –

falou, e então saiu sem dizer mais nada.

Fiquei encarando a porta fechada sentindo desconfiança, confusão e raiva, tudo misturado. Quem ele pensava que era? E por que estava interessado em mim? Não seria difícil para ele entrar em um lugar e conseguir qualquer mulher que quisesse só estalando os dedos. Ele precisava encontrar alguém que estivesse disponível.

MASE

O sorriso que iluminou o rosto de Reese quando abri a porta do escritório fez desaparecer toda a saudade e a preocupação com ela. Vê-la sorrindo daquele jeito, tão bonita, sentada atrás de uma escrivaninha, fez tudo valer a pena. Ela estava feliz.

– Consegui. Fiz tudo o que estava na lista – anunciou ela, com orgulho na voz. Eu me aproximei quando ela se levantou e pegou a bolsa.

Puxei-a para os meus braços e inspirei seu perfume antes de cobrir sua boca com a minha. Precisava sentir o gosto dela antes de irmos para a caminhonete e voltarmos para casa. Suas mãos subiram e agarraram meus braços. Adorava quando ela fazia isso. Como se ela precisasse se segurar em mim.

Quando achei que era o suficiente para aguentar até chegarmos em casa, dei um último beijo apaixonado em seus lábios e afastei a cabeça para olhar para ela.

– Estou muito orgulhoso de você.

Ela me encarou.

– Também estou orgulhosa de mim.

Era tudo o que eu precisava. Faria qualquer coisa que ela quisesse se pudesse ouvir essas palavras da sua boca. Reese tinha muito do que se orgulhar. Não queria que ela duvidasse de si mesma nunca mais.

– Pronto pra voltar pra casa? – perguntei.

Ela pendurou a bolsa no ombro.

– Pronto.

Deslizei a mão pelas costas dela e saímos. Ela trancou a porta com seu novo molho de chaves, então olhou para mim.

– Piper saiu mais cedo. Ela disse que nos falaríamos amanhã, então não preciso avisar que fui embora.

Ótimo. Quanto antes eu a levasse para casa, melhor.



No caminho, Reese falou sobre o seu dia e sobre todos os e-mails e telefonemas que havia recebido. Parecia entusiasmada, como se tivesse gostado de cada minuto. Deixei a felicidade dela afastar meus pensamentos sobre meu próprio dia. Aida havia passado o dia inteiro fora. Minha mãe disse que eu devia dar um tempo para ela assimilar as coisas, que estava na hora de Aida superar essa paixão que tinha por mim. Trazer isso à tona foi a melhor coisa que Major poderia ter feito por ela. Minha prima precisava deixar isso para trás.

Isso não tornava as coisas mais fáceis, e eu estava preocupado em saber para

onde Aida tinha ido. Ela era jovem, ingênua e tola em relação ao mundo. O fato de ter uma queda por mim só enfatizava isso. Não queria que ela saísse e se ferisse por causa do que sentia por mim. Eu me sentiria culpado.

Quando chegamos à entrada de automóveis, vi que a caminhonete dela estava lá. Eu ia enfrentar aquilo mais cedo ou mais tarde, e não queria que Reese escutasse nada. Aida estava dentro do carro com a cabeça apoiada no volante, como se estivesse chorando. Ótimo.

Estacionei a caminhonete e olhei para Reese, que fitava Aida fixamente. Não queria de jeito nenhum que Reese soubesse que minha prima tinha uma queda por mim. Precisava resolver aquele problema naquele momento, para que pudéssemos seguir em frente. As emoções de Reese não podiam ser afetadas por aquilo. Eu precisava protegê-la.

– Tenho que conversar com ela. Ela está passando por uma situação que só eu posso ajudá-la a superar – expliquei.

Quería entrar e jantar com Reese, então tomar uma longa ducha com ela antes de nos aninharmos e ela ler para mim. Mas isso não seria possível esta noite. Eu precisava enterrar aquilo de uma vez por todas.

Ela assentiu.

– Tudo bem. Vou preparar alguma coisa para jantarmos.

Sua voz pareceu estranha, mas eu provavelmente estava imaginando coisas por conta da minha preocupação com Aida. Eu me inclinei para lhe dar um beijo antes que ela descesse da caminhonete.

Reese saltou antes que eu pudesse alcançá-la.

– Vá fazer o que precisa fazer – falou, subindo a escada sem olhar para mim.

Reese não era assim. Talvez estivesse apenas cansada e querendo chegar logo em casa. Eu queria ir com ela. Que droga, a situação estava horrível de todas as maneiras possíveis.

Fui até a caminhonete de Aida e abri a porta do motorista.

– Chega pra lá, vou dirigir – falei quando ela levantou o rosto inundado de lágrimas.

Ela não discutiu.

– Ponha o cinto – pedi, quando ela não se mexeu.

Em seguida, saí com a caminhonete e peguei a rua principal. Nós tínhamos que conversar, mas eu ia dirigir enquanto isso. Precisava fazer algo diferente de olhar para ela no momento de encarar aquela situação.

– Fale, Aida. Pare de chorar e fale comigo.

Ela fungou e secou as lágrimas do rosto.

– O que você quer que eu diga? Major disse tudo.

Bem, isso esclarecia as coisas.

– Porra, Aida. Sério? Como isso aconteceu?

Ela soltou um suspiro profundo.

– Você era... é... tudo para mim, Mase. Sempre foi. Você está presente quando eu preciso de alguém. Nós nos divertimos juntos. Damos risada. Nós combinamos. Não entendo por que você não consegue ver isso. Ela... ela não combina com você. Eu sim. Conheço você muito melhor do que ela.

Putaquepariu. Como eu não havia percebido isso? Estivera completamente

cego.

– Você é minha prima, Aida. Caramba, eu via você duas vezes por ano quando éramos crianças. Nunca fomos inseparáveis. Do jeito que você fala, parece que fazíamos tudo juntos. Não entendo como ficou com isso na cabeça esse tempo todo. Nunca dei nenhum motivo pra achar que tínhamos algo ou *háviamos tido* algo. A gente mal se via.

Aida suspirou.

– Você não entende. A gente sempre teve uma conexão. Eu podia sentir. Sei que você sentia também. Ela estragou tudo. Você acha que ama Reese. Você só não se lembra do que nós vivemos juntos.

Sim, eu amo Reese. Amo loucamente. Ela é tudo para mim. Isso não vai mudar.

– Aida, Reese é tudo o que eu sempre quis e nem sabia. Não posso viver sem ela. Dizer a si mesma que há, ou houve, algo entre a gente não faz sentido. Você sempre teve ciúme de outras pessoas para quem eu dava atenção. Eu sabia disso. Mas nós éramos crianças, e você era mimada. Eu subestimei ou ignorei isso, mas agora não dá mais para ignorar. Reese é a pessoa mais importante da minha vida.

Aida soluçou mais uma vez.

– Por que essa pessoa não pode ser eu? O que ela tem que eu não tenho? Como posso ser ela? Como posso conquistar o seu amor?

Putá merda.

– Você não pode. Não funciona assim. Você não pode ser como ela e conquistar o meu amor. *Reese* é o meu amor. Você vai encontrar um homem um dia que será isso pra você, e ninguém vai se comparar a ele.

– Não quero nenhum outro. Nunca quis – disse ela com uma voz triste.

– Estou tentando ser compreensivo, mas você está tornando as coisas difíceis. Não consigo entender. Isso não é saudável, Aida. Você precisa enxergar isso.

Ela começou a chorar baixinho outra vez e eu simplesmente continuei dirigindo. Aida precisava enfrentar a verdade e lidar com ela. As luzes de Fort Worth apareceram a distância. Torci para que houvesse um café aberto, porque eu precisava de alguma coisa para me ajudar a passar por aquilo.

– E se ela não for sua pra sempre? E se um dia ela for embora? Ou se você não estiver mais apaixonado por ela? Você não sabe o futuro. Ninguém sabe. As pessoas terminam relacionamentos e até se divorciam. E quando você não a amar mais?

Nada daquilo ia acontecer, e apenas escutá-la falar aquilo já me deixou irritado.

– Não. Eu não sou assim. Eu não desisto. Nunca vou desistir dela.

Aida reclinou a cabeça no banco e soltou um gemido frustrado.

– Como você é teimoso.

Eu quase ri. Ela me chamando de teimoso. Sério?

– Isso precisa acabar, Aida. Não estou brincando. Reese é minha. Minha felicidade. Minha razão pra acordar de manhã. É ela a responsável por cada sorriso no meu rosto. Nada vai mudar isso.

Aida fechou os olhos quando entrei no *drive-thru* do Starbucks. Uma cerveja cairia melhor, mas, como eu precisava dirigir, um café teria que bastar.

– Quer alguma coisa? – perguntei.

– Não – respondeu ela, emburrada.

Pedi meu café e ficamos esperando em silêncio. Assim que ficou pronto, dei meia-volta para a fazenda.

– Ela vai deixar você um dia, e eu terei ido embora. Você vai se arrepender disso. Juro que vai – disse Aida, olhando pela janela.

A única coisa de que eu iria me arrepender era de não ter enxergado todos os sinais e ter deixado aquilo ir tão longe. Aida precisava voltar para casa. A visita dela havia acabado. Torci para que se passassem anos antes da próxima.



Quando enfim cheguei em casa depois de deixar Aida com meus pais, tinha se passado mais de duas horas. Ela quis conversar mais, e eu a escutei, mas a impressão que tive foi a de que não fiz progresso nenhum. Ela continuou dizendo que eu estava estragando tudo. Eu estava começando a achar que minha prima era mentalmente desequilibrada.

Ao abrir a porta, fui invadido pelo cheiro de alho e manteiga. Entrei na cozinha e vi uma panela de água fervente no fogão, com espaguete sendo cozido. Ao lado, torradas de pão francês com alho e manteiga.

Mas Reese não estava.

Fui até o quarto e, assim que cheguei à porta, escutei a voz dela. Parei e percebi que ela estava lendo. Sozinha. Sem mim.

Ela teve seu primeiro dia no trabalho e eu a havia deixado ali. Em vez de fazer beicinho, como a maioria das mulheres faria, ela preparou o jantar e continuou fazendo as coisas que precisava fazer. Senti um nó no estômago e me senti um cretino. Devia estar com ela o tempo todo. Devia ter cozinhado para ela. E devia estar ali com ela enquanto ela lia. Esse era o nosso ritual.

Abri a porta, entrei no quarto e meus olhos a encontraram no mesmo instante. Ela estava deitada de lado na nossa cama, com as pernas encolhidas e o tronco apoiado num braço. Os cabelos estavam presos numa trança e ela vestia uma camiseta regata e calças de pijama. Parou de ler e olhou para mim.

Então sorriu.

Aquele sorriso era tudo o que eu precisava na vida. O sorriso e a presença dela exatamente ali, na minha cama. Nada era tão perfeito como isso.

– Me desculpa.

Minha culpa e meu remorso por tê-la deixado estavam me devorando.

Ela deu de ombros.

– Tudo bem. Ela precisava de você.

Mas Reese também precisava. Nunca quis colocar a necessidade de outra pessoa à frente da dela.

– Eu devia estar aqui com você. Devia ter preparado o seu jantar e ouvido você contar sobre o seu dia. E devia estar nesta cama escutando você ler para mim.

Reese fechou o livro.

– Eu teria gostado disso.

Essa sinceridade acabou comigo. Aquele passeio com Aida não teve nenhuma utilidade a não ser me permitir dizer como eu me sentia. Desperdicei meu tempo. E decepcionei Reese.

– Preciso acordar cedo amanhã. Queria te fazer companhia enquanto você come e toma banho, mas Piper precisa de mim no escritório às oito. Ela marcou algumas aulas bem cedo, então preciso dormir.

Apesar de Reese ter dito tudo sorrindo, havia uma tristeza em seus olhos que fez com que eu me sentisse impotente. Então ela se esticou e se virou de lado, encerrando nossa conversa.

Eu tinha estragado tudo.

REESE

Quando meu relógio começou a tocar, às seis e meia, rolei para o lado e me espreguicei. Os acontecimentos da noite anterior e a tristeza com que fui para a cama estavam de volta. Mase tinha saído com Aida e ficado fora durante horas. Eu havia esperado por mais de uma hora para jantar com ele, até estar faminta demais. Quando terminei de comer e limpar tudo, tomei um banho e ele ainda não havia voltado.

Na hora em que peguei meu livro e comecei a ler, percebi que aquele era um padrão. Quando Aida precisava dele, ele ia. Isso me deixou preocupada. Ela não era parente de sangue, e ele nunca havia me contado isso. Eu soubera por outra pessoa.

Balancei a cabeça, joguei as cobertas para o lado e saí da cama. Eu precisava me concentrar no trabalho. Não em Mase. Não em Aida. Tinha que encontrar uma maneira de enfrentar essa situação. Esperava que ter ido dormir assim que ele havia chegado em casa na noite anterior tivesse enviado a mensagem certa. Ele tinha me deixado chateada. Queria que soubesse disso. Eu não ia deixar o assento da frente para a prima dele para sempre.

Ele era a minha prioridade. Eu não deveria ser a dele?

Fui escovar os dentes e me vestir. O objetivo do dia era provar minha capacidade no trabalho, não ficar emburrada porque meu namorado havia me decepcionado na noite anterior.

Quando saí do banheiro, meu olhar pousou em Mase, na frente do fogão. Ele estava de costas, mas sem dúvida nenhuma estava cozinhando. Cruzei a sala na direção da cozinha esperando ver o que ele estava fazendo.

Ele se virou exatamente quando cheguei e me deu aquele sorriso que fazia meu coração disparar.

– Bom dia, linda. O café da manhã está quase pronto.

Café da manhã? Em geral comíamos cereais ou alguma coisa que a mãe dele, Maryann, nos levava. E ele não deveria estar nos estábulos, trabalhando?

– Sente-se aí que vou trazer seu suco de laranja – disse ele, limpando as mãos no pano de prato pendurado na calça jeans.

Não me mexi. Ainda estava tentando entender o que estava acontecendo.

Ele parou quando viu que eu não saí do lugar.

– Você está bem? – perguntou Mase, parecendo preocupado.

Consegui assentir e fui para a mesa, enquanto ele trazia um copo de suco de laranja.

– Estou passando o café. Já trago.

– O que você está fazendo? – falei.

Ele passou o que parecia ser uma omelete de uma frigideira para um prato,

então se virou para mim e me mostrou.

– Preparando o seu café. Não pude fazer o seu jantar depois do seu primeiro dia de trabalho, então pensei em fazer o café da manhã antes do segundo dia. Não é a mesma coisa, mas quase não consegui pegar no sono ontem à noite. Fiquei olhando você dormir e me recriminando por ter decepcionado você. – Ele veio até mim com o rosto sério. Quando colocou o prato na minha frente, se inclinou e olhou nos meus olhos. – Eu não quero jamais ser o cara que te decepciona, e ontem à noite eu fui esse cara. Não vou ser de novo. Você é a parte mais importante da minha vida.

Meu coração entrou em um ritmo vertiginoso. Eu tinha ficado chateada com ele, mas aquilo fez tudo passar. Aquele era Mase. O homem que eu amava e em quem confiava. Sorri de volta.

– Obrigada – sussurrei.

Ele se inclinou e me beijou docemente.

– Não me agradeça. Eu não mereço – falou com a boca colada à minha. – Fique brava comigo. Atire coisas em mim. Caramba, gata, bata em mim. Mas não me agradeça. Isso me mata.

Levantei as mãos e segurei o rosto dele. Eu adorava aquele rosto.

– Que tal eu dizer que te amo, então? – falei, sorrindo.

Ele fechou os olhos e apoiou o rosto na minha mão.

– Isso sempre é bom.

Tirei a mão e olhei para o prato na minha frente. A omelete que ele fez parecia deliciosa e cheia de queijo, mas também era grande o suficiente para três pessoas.

– Vá pegar outro prato pra comer comigo. Isso é muito grande.

Ele riu.

– É, acho que sim.

Durante a refeição, contei a ele tudo o que queria ter contado na noite anterior. Ele me falou sobre o dia dele, mas vi nos olhos deles que estava deixando algo de fora. E ele não me contou por que Aida tinha ido procurá-lo.

Isso me incomodou.



A manhã havia passado rapidamente. Piper estava ocupada com as aulas, e eu precisei sair para ajudá-la a limpar umas coisas e escovar os cavalos. Ela havia me explicado como fazer e me mostrado uma vez no dia anterior, e eu peguei o jeito rápido. Estava me sentindo bastante competente quando chegou a hora do almoço.

Eu não havia levado muita comida, e estava faminta. Meu sanduíche de peru e a maçã não seriam suficientes. Queria um hambúrguer enorme e uma porção grande de batatas fritas. Não que eu pudesse me dar ao luxo de ingerir essas calorias, mas que eu queria, queria. Talvez até uns cookies de chocolate. Teria que usar a imaginação e comer meu sanduíche fingindo que era algo mais delicioso.

– Você trouxe alguma coisa para comer? – perguntou Piper, enfiando a cabeça pela porta.

Não o que eu queria, pensei.

– Sim – respondi.

– Ótimo. Faça uma pausa para o almoço. Vou subir até em casa para comer com Arthur. Veja você depois, à tarde.

Assenti e ela fechou a porta. Suspirando, peguei minha sacola de papel e a coloquei em cima da mesa. No dia seguinte, levaria um almoço enorme. Algo delicioso. Maravilhoso.

A porta se abriu outra vez e estava esperando ver Piper novamente, mas não era ela; era alguém que eu não queria ver.

– Piper acabou de sair para almoçar – falei, soando mais incomodada do que o necessário.

Capitão sorriu e percebi sua covinha outra vez. Por que os homens tinham covinhas como aquelas? A dele era bem acentuada.

– Trouxe comida – disse ele, segurando uma enorme sacola de papel.

Muito maior que a minha.

– Eu não pedi comida – rebati.

Minha atitude não o deteve. Ele entrou no escritório e fechou a porta atrás de si.

– Não, não pediu, mas eu estava comprando a minha e pensei: ora, faça algo legal por alguém hoje, Capitão. – Ele colocou a sacola em cima da minha mesa. Um cheiro de dar água na boca chegou ao meu nariz. Muito melhor que o meu sanduíche. – Então, quando pedi o melhor hambúrguer do Texas, decidi comprar dois e trazer um pra você. No segundo dia de trabalho, imaginei que precisasse de um agrado.

Ele havia me levado um hambúrguer. Ele estava brincando comigo? Aquele cara lia pensamentos?

Quando Capitão colocou o pacote na minha frente, eu tive certeza de que estava babando. O cheiro era maravilhoso. Ele só estava sendo gentil. Quem era eu para recusar um almoço com o qual acabara de sonhar?

– Eu estava esperando mais comentários sarcásticos. Talvez uma ameaça de jogar o hambúrguer na minha cara. Esse tipo de coisa – disse Capitão, em um tom presunçoso.

Eu devia ter feito aquilo tudo, mas queria a comida. A ideia de comer meu sanduíche de peru agora era uma tristeza.

– E para adoçar a vida depois, trouxe uma fatia de torta de morango – acrescentou.

Não era cookie de chocolate, mas era um bom substituto. Ele abriu meu pacote, como se eu não fosse capaz de fazer isso.

– Você venceu. Estou faminta – falei.

Então ele riu. De verdade. Não uma risada sabichona ou idiota. Gostei da risada dele. Não era feia. Nem de perto tão irritante como ele costumava ser.

– Bem, obrigado. Isso quer dizer que a minha boa ação do dia está feita, e eu posso continuar a ser o babaca de sempre.

Desta vez, eu ri.

Quando ele puxou uma cadeira e começou a abrir seu hambúrguer, percebi que ia ficar. Eu não sabia muito bem se isso era bom. Pareceu um pouco de intimidade demais. Não éramos amigos. Não éramos nada um do outro.

– Pode comer, Reese. Não vou pular por cima da mesa e agarrar você. Só estou comendo o meu antes que esfrie.

Certo. Tudo bem.

Observei-o pegar seu hambúrguer e dar uma mordida. Parecia muito bom. Deixei minhas preocupações de lado e fiz o mesmo. Comemos em silêncio, e decidi que estava tudo bem. Não era nada estranho. E o hambúrguer era a melhor coisa que eu já havia colocado na boca. As batatas também estavam correspondendo às minhas fantasias. Quando eu havia quase terminado, ele falou outra vez:

– Você ficou em casa sozinha ontem à noite? Já que seu namorado estava ocupado tomando um café com a prima?

Ele tinha ido tomar café com ela? Pensei que Aida estivesse chorando. Eles ficaram fora até tarde tomando café?

– Ela estava chateada, e ele queria confortá-la – falei, empurrando a comida para longe.

Não estava mais com fome. Nem mesmo a tentação da torta de morango me apeteceu.

– Hã... ela não parecia chateada quando vi os dois. Acho até que ele estava rindo. Que absurdo ele deixar você em casa à noite. Foi seu primeiro dia de trabalho. Ele devia ter ficado com você.

– Pare com isso – falei, levantando e me afastando dele.

Não queria ouvi-lo dar voz aos meus próprios medos. Já me bastava escutá-los na minha cabeça.

Ele fechou seu saco de comida e se reclinou na cadeira para me olhar.

– Você não lida muito bem com a verdade, não é?

– Eu não tenho problema nenhum com a verdade – respondi, levantando a voz.

Ele estava me irritando de novo. River era bom nisso.

– Então por que eu contar o que vi e dizer a razão de eu achar isso errado incomoda você? Só estou falando a verdade. Qualquer homem que tenha você em casa deve ficar lá, com o rabinho ao seu lado.

Não, não, não. Eu não ia ficar escutando aquilo. Ele estava falando aquelas coisas para me fazer desconfiar de Mase. Eu não ia desconfiar de Mase. Havia feito isso uma vez e quase tinha estragado tudo.

– Ele se sentiu mal por ter saído. Pediu desculpas e até preparou café da manhã pra mim hoje. Mase é um homem bom. Ele me ama. Pare de tentar me fazer duvidar dele.

Capitão levantou e manteve aquele olhar quente em mim. Agora não tinha um risinho sarcástico no rosto nem parecia prestes a dizer mais alguma coisa maldosa. Foi a primeira expressão verdadeira que vi nele.

– Não estou tentando chatear você. Estou só querendo mostrar que nem todos os homens são o que parecem ser. Nenhum é, querida. Sei do que estou falando. E na primeira vez em que olhei em seus olhos, vi uma dor que compreendi.

Antes de você abrir a boca e enfeitiçar minha alma dura e amarga, eu quis proteger você. Não posso evitar.

Eu estava sem palavras. Ele precisava sair dali. Aquele não era um almoço inocente.

– Por favor, vá embora – falei, apontando a porta.

Ele não discutiu. Simplesmente assentiu, se virou e saiu.

Fiquei ali encarando a porta fechada por alguns minutos. Ele era perigoso. Eu não podia deixá-lo chegar perto de mim outra vez. Não queria sua honestidade. Não queria suas verdades. Eu só queria Mase.

MASE

Algo estava incomodando Reese. Desde o momento em que eu a tinha buscado, à tarde, ela parecia estranha. Seu sorriso não era verdadeiro. Ela também parecia carente. Não que eu estivesse reclamando, mas ela não me queria longe dela. Tomamos banho juntos e transamos no banheiro antes de ir para o sofá e ficarmos abraçadinhos.

Agora ela estava sentada no meu colo, com o braço em torno dos meus ombros e a cabeça no meu peito. A culpa pela noite passada ainda me doía no peito. Era por isso que ela estava tão esquisita? Será que estava preocupada que eu fosse deixá-la outra vez? Pensava que precisava ficar agarrada em mim? Eu adorava quando ela ficava assim, mas não queria que fizesse isso por achar que precisava.

Queria que ela soubesse que eu era dela, e só dela. Que não havia necessidade daquilo. Eu não ia a lugar algum. Passei a ponta dos dedos sobre as coxas nuas dela, pensando sobre tudo o que havíamos passado e como ela havia chegado longe.

Reese havia crescido tanto, e eu jamais me perdoaria se meus gestos idiotas tirassem isso dela. Ela era minha, mas eu era igualmente dela. Ninguém mais me teria daquela maneira.

– Eu te amo – sussurrei com o rosto enterrado em seus cabelos.

– Eu também te amo – disse ela, desenhando um coração no meu peito com o dedo.

– Não vou deixar você outra vez – garanti.

Precisava que ela acreditasse em mim.

Reese não respondeu. Em vez disso, continuou desenhando aquele coração no meu peito, sem parar.

– Eu sou seu, Reese. Nunca duvide disso, gata. Sou totalmente seu.

Ela parou de desenhar no meu peito e virou o rosto para olhar para mim.

– E se, um dia, você não for mais meu e não puder evitar?

O que ela queria dizer com aquilo?

– Posso jurar que você sempre será tudo para mim. Ninguém combina comigo como você. Ninguém me faz sentir tão completo. Ninguém jamais fará.

Ela sorriu e deu um beijo no meu peito.

– Eu quero acreditar nisso.

Porra, eu queria que ela acreditasse também. Pensei que não duvidasse mais. Será que minha única trapalhada na noite anterior teria colocado dúvidas na cabeça dela? Feito com que ela desconfiasse de mim?

Segurei o rosto dela e a fiz olhar dentro dos meus olhos.

– Você está me vendo? Este homem na sua frente vai amar você até o dia em

que morrer. Você é o meu único amor, Reese. Meu único amor.

Ela relaxou nos meus braços e se reclinou em meu corpo.

– Tá bom.

Tá bom? Rá! Era só o que ela ia dizer? Tá bom?

– Esse “tá bom” significa que você acredita em mim?

Ela assentiu.

– Eu acredito em você. Eu sempre acredito em você.

Puxando-a com firmeza contra o meu peito, eu a abracei. Ela era o meu lar. Eu sempre estaria com ela. Estava na hora de dar o próximo passo e provar a Reese que eu estava totalmente comprometido. Para sempre.



Reese estava falando com o pai ao telefone naquela manhã. Como não precisava ir trabalhar antes das nove, ela ligou para ele para contar as novidades. Falar com a família não era algo que Reese costumava fazer. Eu imaginava que fosse querer que ela o visitasse outra vez em breve, então eu precisava preparar a fazenda para a minha ausência. Ela não iria sem mim de novo.

– Sim, eu estou adorando. Piper, minha chefe, é ótima. E eu aprendi a escovar cavalos – disse, parecendo feliz.

Só ouvi-la me fazia sorrir. Eu não sabia muito bem o que achava de ele entrar na vida dela como fez no começo. Tive receio de que suas intenções não fossem boas. Mas eram. Ele realmente queria conhecer a filha. Reese precisava daquilo mais do que eu imaginava. O horror do passado dela parecia estar se dissolvendo, embora eu soubesse que aquilo sempre seria parte dela de algum modo. Ela apenas não deixava tudo o que tinha acontecido definir sua vida. Não usava a mãe e o padrasto como desculpa para não realizar mais coisas. Reese acreditava em si mesma.

Depois de levá-la para o trabalho, fui à casa da minha mãe. Não tinha conversado com ela desde aquela história com Aida. Vi que a caminhonete da minha prima não estava lá, mas não perguntei nada. Saber que ela havia ido embora foi mais um alívio.

Mas a caminhonete de Major ainda estava lá. Ele havia passado todo o dia anterior fora, mas aparentemente não saíra da cidade. Estacionei minha caminhonete e entrei na casa.

Major estava tomando café e comendo de novo.

– O que você acha que isto aqui é? Uma pousada? – resmunguei, indo dar um beijo na minha mãe e pegar uma xícara de café.

– Não seja amargo. Tem o suficiente para você também – respondeu ele, com a boca cheia.

– Bom dia, filho – disse minha mãe.

– Bom dia, mãe.

– Reese está no trabalho? – perguntou ela.

Assenti e tomei um gole do café quente.

– Você contou a ela que sua prima tem tesão por você? – quis saber Major.

Se não estivéssemos na cozinha da minha mãe, eu teria enfiado a mão na cara dele.

– Major... – advertiu ela.

Ele levantou as duas mãos num gesto defensivo.

– Só estava perguntando.

– Aida voltou para a casa dos pais dela. Ela trancou a faculdade neste semestre, e eles vão obrigá-la a compensar no verão. O pai dela não gostou de ela ter parado de estudar pra vir pra cá – explicou minha mãe. – Mas ela é jovem e vai aprender. Vamos deixar isso pra lá.

– Então você não contou para Reese, contou? – perguntou Major, sorrindo.

Olhei furioso para ele por cima da xícara de café.

– Eu também não teria contado. É sinistro, se a gente pensar bem.

– Faça o favor de calar a boca? – rosnei.

Ele se levantou com o prato vazio e foi em direção à pia.

– Claro. Vou calar a boca. Arranjei um trabalho e preciso ir.

– Trabalho? – perguntei, surpreso.

– Sim. Estou trabalhando na construção do anexo da Stout and Hawkins. O cara novo que supervisiona o projeto, River Kipling, me contratou. Se essa filial for tão bem-sucedida quanto a de Key West, Arthur vai mandá-lo para Rosemary Beach para construir outra, e eu irei também. Conhecer uma daquelas gostosas de que ouvi falar tanto...

A ideia de River Kipling se mudar para a Flórida, para longe de Dallas, era bastante atraente.

REESE

Piper entrou no escritório uma hora depois de eu chegar, com duas xícaras de café.

– Bom dia – falou, alegremente.

Por mais estranho que fosse imaginá-la casada com Arthur, um homem com idade para ser seu pai, eu realmente gostava de Piper. Ela tinha os pés no chão e era gentil com as crianças para quem dava aula. Fiquei culpada por ter pensado que Arthur havia se casado com ela por sua beleza e juventude, e ela com ele pelo dinheiro. Não via isso em Piper.

– Bom dia – respondi, pegando a xícara que ela me trouxe. – Obrigada. Estava precisando.

– Todo mundo está sempre precisando de uma boa xícara de café. – Ela sentou em uma das cadeiras de couro em frente à mesa. – Então, me diga. Está gostando do serviço?

Eu estava adorando trabalhar ali. Sentia que estava sendo produtiva.

– Estou gostando muito.

Piper tomou um gole e sorriu por sobre a xícara.

– Que bom. Estou muito satisfeita com seu trabalho. Você se dedicou completamente a tudo o que fez. Trabalha como se fosse dona daqui e como se o lugar significasse algo para você. São características difíceis de se encontrar em um funcionário. Espero poder mantê-la por um tempo.

– Obrigada – respondi, sentido meu peito inflar de orgulho.

Havia ficado muito preocupada com a possibilidade de não conseguir realizar as atividades corretamente, mas ali estava ela se dizendo impressionada com meu trabalho. Eu podia fazer aquilo. Mase tinha razão. Ele acreditava em mim, e eu precisava começar a acreditar também.

– Agora que você me mostrou que consegue dar conta das tarefas diárias, preciso acrescentar mais uma coisa à sua lista. Tem um cara trabalhando para o meu marido na construção de uma filial da churrascaria dele aqui em Dallas, e na expansão do cardápio para incluir frutos do mar, coisa que ele já fez com sucesso em Key West. O nome dele é River Kipling. Ele me pediu uma ajuda no preenchimento de recibos e notas fiscais. Até que a expansão esteja concluída, Arthur vai usar meu armário extra de arquivos para organizar tudo isso. Precisamos que você archive os papéis que River trouxer, e ele às vezes pedirá que você faça ligações em nome dele enquanto estiver na obra.

Ah, não. Como eu poderia dizer a ela que não queria trabalhar com River? Ela tinha acabado de dizer que eu estava fazendo um bom trabalho e que me queria ali por um tempo. Eu não podia me recusar a fazer aquilo. Além disso, ele ia apenas largar umas coisas ali de vez em quando. Não era nada de mais. Eu

estava dando mais importância do que precisava àquilo.

– Tudo bem, tranquilo – respondi, não me sentindo nada tranquila.

Ela me deu um sorriso de aprovação e tomou um último gole de café antes de se levantar.

– Ele deve chegar até a hora do almoço para combinar algumas coisas. Falei que você estaria esperando.

Hoje? Já? Eu precisava de mais tempo. Assenti. Foi só o que consegui fazer.

– Ótimo. Bem, preciso voltar ao trabalho. Meu próximo aluno deve chegar em cinco minutos. Tenha um bom dia, Reese.

Acho que murmurei qualquer coisa sobre ela ter um bom dia também, mas não tenho certeza. Minha mente estava imaginando como lidar com River... Capitão. Eu precisava falar com Mase sobre isso. Ele tinha que saber que eu veria River com mais frequência. Mas... e depois? Ele ficaria furioso, e eu provavelmente perderia o emprego.

Eu gostava do meu emprego. Não conseguiria um melhor. Ter aquilo no currículo me proporcionaria mais oportunidades.

Em algum momento, consegui afastar Capitão dos pensamentos por tempo suficiente para me concentrar em meus telefonemas e e-mails. Escovei dois cavalos para Piper, preparei mais um bule de café e levei uma xícara para ela. Pouco antes de eu começar a me aprontar para o almoço, quando Piper já tinha saído com o marido, a porta do escritório se abriu. Não precisei nem olhar para saber quem era.

Os mesmos cabelos despenteados presos em um rabo de cavalo, o mesmo sorriso de espertalhão. Olhei para ele rapidamente antes de voltar a atenção para a tela do computador e terminar de ler um e-mail. Ou pelo menos tentar.

– Ficou irritada com esse acordo? – perguntou ele, se aproximando da mesa e colocando uma sacola em cima dela.

Eu não podia ignorá-lo. Piper havia pedido que o ajudasse. Eu me obriguei a olhar para ele.

– Em que posso ajudar? – falei, me encolhendo por dentro.

Ele deu um sorrisinho.

– Primeiro, trouxe a melhor comida mexicana de Dallas para você. Depois que terminarmos de comer, podemos falar sobre as outras coisas.

Ele havia levado comida para mim outra vez. Não era só uma atitude amigável – eu sabia disso. Estava flertando comigo. Mas eu era de Mase, e aquilo não ia dar certo.

– Já almocei – menti.

Capitão balançou a cabeça, como se estivesse decepcionado comigo.

– Não gosto de mentirosos.

Argh. Ele me irritava.

– Vamos apenas tratar de negócios. O que você precisa que eu archive?

Eu não ia fazer aquele joguinho de gato e rato ou o que quer que ele estivesse tentando.

Ele abriu a sacola e tirou um embrulho que tinha o melhor cheiro do mundo. Desembrulhou o taco, então deu uma mordida antes de se sentar em uma das cadeiras na minha frente. O que ele estava fazendo? Tentando me torturar?

– Estou na minha hora de almoço. Pensei em dividir com você, mas como você quer fingir que já almoçou, não vai se importar que eu coma na sua frente. Estou faminto.

Que ótimo. Tentei respirar pela boca para não sentir o cheiro delicioso do taco, mas ele já tinha chegado às minhas narinas. E eu queria aquilo. Voltando o olhar para o computador, reli a mesma frase três vezes e, em cada uma, entendi coisas diferentes. Ele estava me deixando perturbada, e eu não gostei.

– Pode me jogar outro taco? – perguntou ele, e eu levantei o olhar para vê-lo amassar o embrulho do primeiro.

– Não me disseram que minha nova função incluía alimentá-lo. Pegue você – disparei.

Isso apenas o fez rir. Vi com o canto do olho que ele se levantou e pegou outro taco da sacola. Então o desembulhou e o colocou bem na minha frente, antes de pegar mais um e se sentar outra vez.

– Esses tacos estão uma delícia – comentou.

Tentei não olhar para a comida. Por que ele estava tão decidido a me alimentar? E por que sempre me trazia coisas tão boas para comer? Por que não podia trazer algo de que eu não gostasse? As coisas seriam muito mais fáceis.

– Pode comer, Reese. Não é um pedido de casamento. É só uma porra de um taco, pelo amor de Deus.

Disparei um olhar raivoso, então cedi e peguei o taco para dar uma mordida. Não olhei para ele, e Capitão não comemorou a vitória. Ficamos ali sentados em silêncio até eu terminar de comer, embora tenha me sentido culpada a cada mordida.

– Mais um? – perguntou ele.

Já que tinha comido um, pensei, podia muito bem comer o segundo. Não conversamos. Não discutimos. Foi tranquilo, e eu esperava que o lado profissional da nossa relação fosse assim também.

Em seguida ele limpou o que sobrou do nosso banquete, pegou um envelope grande e colocou na minha frente.

– Esta primeira leva está uma confusão, e tem um monte de recibos. Vou tentar trazê-los a cada dois dias, assim isso não vai acontecer de novo. Outra coisa: você tem celular? Preciso enviar mensagens de texto pra você quando precisar que faça ligações pra mim.

Eu tinha um celular, mas não sabia se receber mensagens de texto dele seria uma boa ideia. Apenas fiquei olhando para ele em silêncio.

Ele suspirou e levantou as sobrancelhas, me dirigindo um olhar exasperado.

– Prefere que eu mande mensagens ou venha aqui pessoalmente toda vez que precisar que você faça alguma ligação pra mim?

Rapidamente dei a ele o número do meu celular, o que o fez dar uma risada.

– Estarei aqui na segunda-feira pra ver outras coisas que preciso que sejam arquivadas.

Assenti. Será que ele podia ir embora agora?

Capitão me deu um sorrisinho e então se virou para sair.

– Gostei de almoçar com você – falou, pouco antes de se retirar.

Ele sempre tinha a última palavra. Que coisa irritante.

MASE

– Sexta à noite. Vamos lá, cara, vamos. Tenho certeza de que Reese vai gostar de um bom bar country. Faz um bom tempo que você não sai comigo. Vamos beber, jogar sinuca e dançar. Vai ser divertido, você vai ver.

Major ficou me importunando, sentado na cerca, enquanto eu trabalhava em um dos meus novos quartos de milha, Bingo.

Eu tinha certeza que Reese não ia gostar de um bar country. Ignorei a sugestão de Major pela quinta vez seguida.

– Você não tem que ir trabalhar? – perguntei, irritado por ele ter ido ali me incomodar.

– Eu vou, depois das duas. Ei, vamos jogar boliche. Posso acabar com vocês dois.

Lancei um olhar fulminante para ele. Eu não iria a nenhuma merda de boliche.

– Você está se sentindo solitário? É isso? Terminou com a Cordelia?

Ele franziu a testa, como se não soubesse ao certo do que eu estava falando.

– Cordelia? Caramba, cara, eu não vejo essa mulher há um mês ou mais. Não era nada duradouro. Era só uma boa foda.

Revirando os olhos, voltei ao trabalho. Às vezes era impossível conversar com ele.

– Você vai sentir minha falta quando eu estiver na Flórida. Sabe que vai. Você devia aproveitar o Majorzinho aqui enquanto pode.

– Já estou enjoado de você. Está sempre na cozinha da minha mãe enchendo o bucho.

– Hum, você está com ciúme porque ela gosta mais de mim?

– Não... mas você já está dormindo com a namorada nova do seu pai? – respondi, imaginando que isso fosse irritá-lo.

Ele havia contribuído para o fim do último casamento do pai dele comendo a madrastra.

Major apenas riu.

– Ainda não.

Se não o conhecesse tão bem, pensaria que estava brincando. Mas, infelizmente, o mais provável era que estivesse falando muito sério.

– O que Reese está achando do trabalho? – perguntou ele, descendo da cerca.

Talvez isso significasse que estava pronto para me deixar em paz.

– Está adorando. Piper é ótima com ela.

– Bom saber que não vou precisar bater em ninguém, então – disse ele com um risinho.

Nem me dei o trabalho de concordar. Ele adorava tentar me enlouquecer.

- Vá trabalhar – falei.
- Não está na hora ainda – retrucou Major.
- Chegue mais cedo.



Eu ia comprar um anel no dia seguinte, ou pelo menos procurar um que combinasse com Reese. Não conseguia imaginar exatamente como seria, mas precisava ser perfeito. Precisava ser a cara dela.

Durante o dia, pensei em várias maneiras de pedi-la em casamento. Queria fazer algo especial, que ela jamais esquecesse e que não se cansasse de contar. Ela merecia o melhor. E eu ia dar isso a ela. Pelo resto da minha vida.

Esses pensamentos ocuparam minha mente o dia todo e impediram que eu morresse de saudade dela. Passava todos os dias ansioso pela hora de ir buscá-la. Conferi o relógio quando começou a chegar perto das cinco, ficando mais inquieto a cada minuto.

Quando abri a porta do escritório, ela estava com a bunda para cima, curvada sobre uma gaveta baixa de um armário de arquivos. A calça jeans era tão justa que parecia uma segunda pele.

- Não se mexa – falei, caminhando na sua direção e passando a mão naquela bunda carnuda.

Ela virou a cabeça para o lado e olhou para mim com uma risadinha.

- Bem, oi pra você também.

- Minha mulher tem uma bunda maravilhosa – disse, acariciando-a, enquanto ela permanecia curvada para mim.

- Obrigada, mas se eu continuar nesta posição, vou ficar com câibras.

Tirei as mãos da bunda dela e, com relutância, dei alguns passos para trás. Quando ela se levantou, agarrei seus quadris e a puxei para mim.

- Hum... – murmurei no ouvido dela. – Estava com saudade.

Ela relaxou contra meu corpo.

- Também estava com saudade.

Deslizei as mãos para a frente da blusa dela e peguei seus seios, deixando o peso deles preenchê-los.

Ela deitou a cabeça contra o meu peito e soltou um gemido baixinho que só me encorajou ainda mais. Com um puxão, abaixei os bojos de renda do sutiã e girei cada mamilo entre os meus dedos.

- Que delícia – murmurei no ouvido dela.

- Eu não poderia concordar mais – disse ela, sem fôlego.

Tê-la toda derretida e cheia de desejo por mim acabava com meu autocontrole. Já estava imaginando virá-la por cima da mesa e levar nós dois ao paraíso. Comecei a descer as mãos, mas ela agarrou as duas e as manteve paradas.

- Não – falou, pressionando minhas mãos com mais força nos seios. – Eu preciso deste emprego.

E eu precisava *dela*, mas podíamos resolver isso na minha caminhonete, se

não aguentássemos até chegar em casa.

– Quero arrancar essa sua calça justa e afundar dentro de você, gata. Precisamos ir embora. *Agora*.

Ela levou as mãos até o cós da calça e começou a desabotoá-la. Mas o que estava acontecendo? Reese gostava de sexo, mas não era de tomar a iniciativa em um lugar público como aquele, onde alguém poderia entrar. Incluindo sua chefe.

– Piper saiu para uma reunião de negócios com Arthur. Não tem ninguém aqui – disse ela, baixando a calça e depois remexendo os quadris. A calça caiu até os tornozelos, e então ela apoiou as duas mãos na beirada da mesa, jogando o cabelo por cima de um ombro e olhando para mim. – Preciso de você agora.

Aquilo não era muito a cara dela, mas eu não ia reclamar. Aquela bunda maravilhosa de Reese estava balançando e esperando. Nem no inferno eu diria não a ela. Se alguém entrasse, eu a cobriria – não dava a mínima se alguém visse a *minha* bunda.

Ela abriu as pernas o máximo que a calça permitiu e empinou a bunda o mais alto que pôde. Não era uma vista que um homem pudesse rejeitar. Eram beleza e sensualidade fundidas numa mulher só.

Rapidamente abri e baixei a calça, antes de deslizar as mãos por dentro da blusa dela e agarrar seus seios, que agora pendiam livres enquanto ela se curvava.

– Tá molhada? – perguntei, beijando suas costas.

– Minha calcinha está ensopada.

Porra.

Usei uma mão para me posicionar e então arremeti com um impulso rápido. Ela gritou de prazer e se remexeu contra mim. Seus seios enchiam minhas mãos quando comecei a deslizar para dentro e para fora lentamente, adorando seu aperto caloroso e seus gemidos.

Beije cada pontinho das suas costas e do seu pescoço que consegui alcançar enquanto minhas mãos estimulavam seus mamilos.

– Mase – arfou ela. – Ai, meu Deus.

Não vou mentir, adorei quando ela me chamou de Deus.

– Adoro essa boceta deliciosa e doce – sussurrei, enquanto mantinha o ritmo.

Em breve ela teria um anel no dedo, dizendo ao mundo que era minha. Pensar nisso fez meu homem das cavernas interior uivar para a vida, e meu pau pulsou mais forte dentro dela. Eu queria tomá-la para mim, marcá-la e garantir que nenhum outro jamais a tocaria.

– Isso – gemeu ela. – Mais forte.

Comecei a arremeter com mais intensidade, e as unhas dela cravaram na mesa, quando ela gritou meu nome. As paredes internas dela me apertaram, e eu comecei a ter espasmos e me contrair até soltar tudo dentro dela, com seu nome nos lábios.

Levamos alguns instantes para recuperarmos o fôlego. Quando o mundo voltou ao seu eixo, eu sorri vendo Reese ali, deitada sobre a mesa, saciada.

– Não acredito que a gente fez isso – sussurrou ela.

– Sinceramente? Eu também não. Mas estou feliz que tenhamos feito.

Ela riu e deitou a cabeça nas mãos.

– Eu também.

Meu peito se encheu de emoção e corri os dedos por suas costas. Aquela era a minha mulher.

REESE

Os dias seguintes se passaram sem que eu precisasse lidar com Capitão. Tinha sido irresponsável transar no meu escritório, mas eu precisava associar o lugar a Mase. Na próxima vez em que Capitão pusesse comida naquela mesa, eu saberia que Mase me possuía bem ali. Agora parecia ser um canto nosso. Na minha cabeça, aquilo havia limpado completamente Capitão daquele lugar. Eu podia até sentir o cheiro de Mase quando entrava no escritório. Ele havia marcado a área, e eu gostava dessa sensação. Ela me passava confiança. Parecia que ele estava ali comigo.

Não tive nem sinal de Capitão na sexta-feira e suspirei aliviada no fim da semana. Sem almoços ou comentários para me fazer questionar Mase, sem mais insinuações. Pude aproveitar meu trabalho sem a presença irritante daquele homem.

Mase e eu chegamos em casa quando Major encostou o carro, usando calça jeans, camisa preta justa, botas e chapéu de caubói.

– Quando vocês vão ficar prontos para sair? – perguntou ele, como se tivéssemos planos.

Olhei para Mase, que estava carrancudo.

– Eu disse que não íamos sair com você.

Major não deixou isso detê-lo.

– Mas eu tenho três entradas pra vermos Pat Green no Billy Bob's hoje – argumentou ele, mostrando os ingressos. – Vocês não podem me deixar sozinho. Além disso, é Pat Green. Vão logo se vestir e vamos.

Eu não tinha ideia de quem era Pat Green, mas percebi pela cara de Mase que ele conhecia. Ele pareceu pensar no caso. Fiquei esperando, até ele se virar para mim.

– Você topa um show hoje? Ou prefere ficar aqui?

Notei que ele queria ir e, sinceramente, parecia divertido. Não sabia o que era o Billy Bob's nem quem era Pat Green, mas eu estava aberta a qualquer coisa. Assenti.

– Topo. Eu gosto de shows.

Na verdade, nunca havia ido a um show, mas não falei isso.

– E você vai adorar Pat Green. Não tem nada melhor que um show dele, exceto o de Robert Earl Keen. Quería muito que ele tocasse hoje. Mas fica pra próxima. Vá lá se arrumar e só volte quando estiver bem gata – disse Major, arrancando outra carranca de Mase.

Major apenas riu e passou pela gente em direção à casa.

– Depois que você se acostuma com esse jeito idiota dele, até que ele é suportável – disse Mase, ainda parecendo irritado.

Dei uma risada. Gostava de Major. Ele era divertido.

– Ele não me incomoda.

Mase não parecia convencido quando entramos no quarto para nos prontarmos.

– Nada de sexo aí dentro. Temos um show para ir. Além disso, não é justo que eu seja obrigado a escutar e não possa ver – comentou Major atrás de nós.



Comemos um churrasco delicioso no Billy Bob's antes de encontrar nossos lugares. Eu não tinha acessórios de vaqueira para combinar com os dois caubóis ao meu lado, mas estava usando minhas botas e minha calça jeans. Havia amarrado uma camisa de flanela, como vi Piper fazer, para realçar minha cintura, mas Mase a desamarrou, fazendo que não com a cabeça e colocando-a para dentro da minha calça.

O lugar não era o que eu esperava de um bar country, e disse isso quando chegamos de carro, mas Mase falou que aquele não era mesmo um bar country autêntico. Era um prédio grande, com um restaurante, uma loja e um palco enorme. Não consegui ver tudo o que estava acontecendo, embora logo tenha percebido que fazia parte da minoria que não usava chapéu de caubói.

Assim que encontramos nossos lugares, Mase se sentou entre mim e Major. Havia dois lugares vazios ao meu lado, mas o resto da fileira estava enchendo rapidamente. Mase e Major saíram para pegar cervejas para eles e um refrigerante para mim, e eu fiquei sentada observando as pessoas que chegavam. Muitas garotas usavam a camisa como eu havia tentado arrumar a minha. Sorrindo, pensei no ataque possessivo de Mase. Gostava de ele não querer que eu me exibisse.

Alguém sentou ao meu lado, e quando me virei vi aqueles olhos verdes familiares e aquele sorrisinho idiota. Mas que inferno! Ele pareceu ler meu rosto com bastante facilidade, porque seu sorriso se alargou.

– Que bom encontrar você aqui – disse ele devagar, como se não tivesse de algum modo planejado aquilo.

Uma mulher de cabelo louro cacheado e um sorriso excessivamente alegre se inclinou sobre ele, mostrando o decote impressionante de sua minúscula regata prateada.

– Oi, eu sou a Kinsley – disse ela, colocando a mão na perna de Capitão.

Senti vontade de suspirar de alívio por ele estar acompanhado. Queria que tivesse deixado Kinsley sentar do meu lado.

– Muito prazer. Reese – falei com um sorriso que não precisei forçar.

Foi mesmo um grande prazer conhecê-la. Maior do que ela poderia imaginar.

– Reese não é nome de menino? – retrucou ela com uma risadinha. – Quero dizer, nunca conheci uma garota com esse nome antes.

Decidi não explicar que Reese Witherspoon era uma atriz bastante famosa. Apenas dei de ombros.

– Bem, agora conheceu – respondi e continuei olhando as pessoas ao redor,

esperando que isso encerrasse a conversa.

– Não sabia que você era fã de Pat Green – disse Capitão.

Dei um sorriso rápido e falso.

– Não tenho ideia de quem seja. Mas Mase gosta, então aqui estamos.

Capitão estalou a língua.

– Um homem deve levar sua mulher aonde *ela* quer ir.

Fechei o punho no colo. Ele já estava começando com aquilo de novo.

– Ele leva. Fui eu que quis vir. Gosto de música e nunca tinha ido a um show.

Ele não disse nada a princípio, mas minha sorte logo terminou.

– Então este é seu primeiro show? Primeiríssimo?

O tom dele era de descrença.

Assenti, sem olhar para ele.

Kinsley disse algo que não consegui escutar, e, quando ela continuou, percebi que estava se esforçando para manter a atenção dele. Eu não poderia me sentir mais grata a ela. Se Mase e Major aparecessem logo com as bebidas, eu poderia me livrar da encheção de saco ininterrupta de Capitão.

– Pat Green toca um estilo country verdadeiro. Country do Texas. Acho que você vai gostar – disse Capitão para mim. – Os shows dele são ótimos.

Eu me virei para olhar para ele.

– De todos os assentos neste lugar gigantesco, como você conseguiu um exatamente ao meu lado? – perguntei.

Aquilo não era coincidência.

Capitão pareceu se divertir.

– Como você acha que Major conseguiu os ingressos? – disse ele com a fala arrastada.

Eu sabia. Desgraçado.

– Mas, se eu soubesse que você nunca tinha ido a um show, teria escolhido um show maior – acrescentou ele.

Fiquei em silêncio. O que ele estava querendo? Sem dúvida Capitão não tinha arranjado aqueles ingressos com o único propósito de me atrair. Ele não tinha como saber quem Major convidaria. Ou tinha?

Comecei a perguntar quando vi o chapéu de Mase, assim como seu corpo alto e musculoso, vindo na minha direção. Ele era meu – aquele homem que todas as mulheres viravam a cabeça para olhar. Era difícil acreditar, mas era verdade.

– Desculpe ter demorado tanto. A fila estava longa – disse ele, afundando no assento ao meu lado e me entregando o refrigerante que eu havia pedido.

Ainda não havia visto Capitão.

Mas Major sim. Ele levantou a mão e sorriu.

– Oi, River, oi, Kinsley. Ótimos lugares, cara. Obrigado!

Mase ficou tenso ao meu lado, então virou a cabeça para ver Capitão e sua acompanhante, e depois olhou de novo para mim. Eu me inclinei sobre ele e sorri, para assegurar que tudo estava bem. Ele colocou o braço em torno dos meus ombros e cheguei mais perto dele, o que pareceu diminuir sua tensão.

– River me deu os ingressos. Kinsley é a chefe das garçonetes no restaurante. Eles começaram a sair há pouco tempo – ouvi Major dizer a Mase.

Mase apenas assentiu. Eu imaginei que ele não estava adorando a ideia de

estar em um show a convite do Capitão. Ele passou a ponta dos dedos em meu braço, traçando desenhos aleatórios, enquanto me mantinha junto dele. Seu olhar estava no palco vazio, e eu soube que seus pensamentos estavam a mil.

Capitão se levantou e desceu a escada – para ir comprar bebidas, supus. Sorri para Mase.

– Estou ansiosa pelo show.

Ele deu um beijo em meu nariz.

– Eu também. Uma das músicas dele me lembra você. Estarmos juntos aqui enquanto ele canta vai ser mais do que perfeito.

Gostei de saber que ele pensava em mim quando ouvia uma canção. Bebi um gole do meu refrigerante e relaxei. A gente ia se divertir. Não havia por que deixar Capitão estragar aquele momento. Além disso, Mase só não gostava de Capitão pelos comentários grosseiros que ele tinha feito. Ele não sabia de tudo, então logo esqueceria que o sujeito estava ali.

Quando as luzes diminuíram e o palco se iluminou, todos se levantaram, assoviando e gritando. Mase se levantou, pegou minha mão e me colocou na frente dele, com os braços em torno de mim. Eu me recostei contra o peito dele. Nada mais importava.

Eu estava agarradinha com Mase e a música estava ótima. Major cantava ao nosso lado e fiquei surpresa com a qualidade da voz dele. Era boa de verdade. Não olhei sequer uma vez para Capitão e Kinsley. Para mim, era como se nem estivessem ali.

No palco, Pat Green começou a falar sobre uma canção específica que ia começar a tocar e todos pareciam saber do que ele estava falando, porque o burburinho recomeçou.

– É essa – murmurou Mase em meu ouvido. – Minha canção para você.

Isso prendeu minha atenção imediatamente. Fiquei na ponta dos pés e esperei a música começar. Mase acariciou meus braços e cantou no meu ouvido. A voz dele me fez ficar zozza.

“Você é tudo o que eu quero”, dizia a letra. Meu coração bateu forte no peito e eu me virei para olhar para ele.

“Você foi chegando, de onda em onda...”

Mase cantou com um olhar tão intenso que me agarrei ainda mais a ele e rezei para que aquele momento nunca acabasse. Só nós dois ali, juntos, e Mase cantando para mim. Foi uma noite perfeita.

MASE

Depois de deixar Reese no trabalho na segunda de manhã, estacionei nos estábulos e vi um rosto que não estava esperando. Quem olhasse para mim poderia jamais imaginar que meu pai era uma lenda do rock, mas não dava para dizer o mesmo de Rush Finlay. Ele tinha o visual. Apesar de ter um filho de 3 anos agora, não parecia um pai. Eu duvidava que um dia viria a parecer.

Mas por que diabo ele estava na minha fazenda? Saí da caminhonete, fechei a porta e fui na direção dele. Ele tirou os óculos de sol e sorriu para mim.

– Você sempre começa a trabalhar tão tarde? – perguntou com um risinho.

– Precisei levar Reese ao trabalho. Não esperava voltar e ver você aqui.

Ele deu de ombros levemente.

– Trouxe Blaire e Nate para visitar o irmão dela. Pensei em ver como estão as coisas por aqui enquanto eles aproveitam o tempo em família.

Eu quase havia me esquecido de que Capitão era irmão de Blaire. Lembrar dele sentado do lado de Reese no show no último fim de semana ainda me deixava irritado.

– Você está com uma cara de quem conhece o irmão da Blaire e tem vontade de quebrar a cara dele – disse Rush, dando uma risada divertida.

– Ele trabalha com uma pessoa com quem eu tenho negócios. Fez alguns comentários sobre Reese que não me agradaram muito.

– Isso é a cara do Capitão – disse Rush. – Ele é só um fanfarrão. Quando o conheci, comentou que eu tinha engravidado Blaire antes de casar com ela e que eu estava fazendo tudo ao contrário. Isso me deixou muito puto, mas depois ele cresceu no meu conceito.

Talvez eu estivesse sendo duro demais com o cara. Ele não parecia estar farejando ao redor de Reese o tempo todo. Eu estava só sendo ciumento e possessivo. A impressão que ele me passou quando estava perto dela podia muito bem ter sido causada pela minha própria obsessão pelo assunto.

– Vou manter isso em mente – respondi. – Então você veio me ajudar a consertar umas cercas?

Eu sabia muito bem que Rush Finlay não estava ali para fazer nenhum trabalho duro.

– Acho que vou passar esta. Queria saber se Harlow comentou alguma coisa sobre Kiro com você ultimamente.

Hã? Fiz que não com a cabeça.

Rush suspirou e assentiu, como se esperasse essa minha reação.

– A mãe de Harlow não está muito bem, e Kiro não quer aceitar os fatos. Está arrasado. Meu pai disse que não o deixaram chegar perto dela por três dias, porque os remédios que Emily toma enfraquecem seu sistema imunológico. Kiro

tomou um porre tão grande que meu pai precisou jogá-lo embaixo do chuveiro para tirar o vômito dele antes de colocá-lo na cama. Ele acorda e começa a beber. Grita com todo mundo. A única pessoa com quem fala é Harlow. Ela está preocupada com ele. Imaginei que você teria interesse em saber disso.

Merda. Puta que pariu. Harlow não precisava passar por isso. Por que ela não me ligou? Joguei a ração que havia tirado da caminhonete contra a parede e disse um palavrão.

– Meu pai falou que a gente não entende. Que não sabemos como Kiro era quando tinha Emily. Ele me disse que seria como se eu perdesse Blaire. E, rapaz, eu nem consigo imaginar isso. Se Kiro ama Emily como eu amo Blaire, então, meu velho, ele está sofrendo pra caralho há 23 anos.

Eu sabia que Kiro amava Emily. Isso era óbvio. Mas, caramba, ele tinha uma filha com problema cardíaco. Um ano antes, Harlow viveu um milagre quando sobreviveu ao dar à luz Lila Kate. Ela não precisava passar por essa merda agora. Ele nunca pensava em mais ninguém, só no próprio sofrimento.

– Harlow não pode lidar com isso – falei, furioso.

Minha cabeça já estava um turbilhão. Eu tinha que fazer alguma coisa. Não podia deixar Harlow lidar com aquilo sozinho. Também precisava ver Kiro. Aquela merda tinha que parar. Um dia Emily ia morrer. Ela havia sobrevivido muito mais tempo do que qualquer médico podia esperar. Kiro precisava cair na real em relação a isso.

Rush assentiu.

– Ela tem o Grant. Ele está morrendo de preocupação com ela. Ela tem chorado muito. Imaginei que você tinha que saber. Harlow precisa de você. Ela precisa que faça algo com o pai de vocês.

Ele tinha razão. Ela precisava disso.

– Obrigado por me contar. Não sei por que ela não me ligou.

Ou Grant, o que me irritou. Ele devia ter me ligado.

– Ela disse que você ficaria irritado com Kiro e que isso não ajudaria em nada. Como pediu para Grant não ligar pra você, ele me procurou, já que ela não o proibiu de me pedir para falar com você.

Caramba. Eu precisava dar mais crédito ao meu cunhado.

– Preciso fazer as malas e avisar meus pais que vou viajar. Merda! Reese acabou de arranjar um emprego. Não vai querer tirar uma folga agora, e, sinceramente, não quero que ela veja toda essa confusão com Kiro. É uma merda essa situação. Ela não precisa se envolver.

– Vá resolver o que tiver que ser resolvido. Vamos voltar de jatinho hoje às seis horas, caso queira ir conosco.

– Obrigado. Vejo vocês lá, então.

– A vida de um filho de estrela do rock é mais complicada do que se pode imaginar – disse Rush, subindo a colina para ir embora.

Eu poderia dizer que ele entendia disso, mas, na verdade, não entendia. Ele era filho de Dean Finlay. Dean nunca fez as merdas que Kiro fez. Tinha sido um pai amoroso e presente – na maior parte do tempo. Não estava sempre enrolado em alguma confusão absurda. Rush não fazia ideia de como era ser filho de Kiro Manning.

Isso era uma merda. Uma merda absoluta. Uma merda o tempo todo.

REESE

Quando a porta do escritório se abriu, logo depois das duas, de algum modo eu já sabia que seria ele. Meu corpo inteiro ficou tenso quando fitei os olhos de Capitão. Eles brilhavam quando ele entrou na sala.

– Boa tarde, Reese. Tenho alguns papéis e recibos pra você – falou, afundando na cadeira de couro mais perto da minha mesa.

– Está bem – respondi simplesmente.

Eu já havia me convencido a não perguntar sobre os ingressos do show.

– Você pareceu ter gostado do show – falou, como se estivesse lendo meus pensamentos mais uma vez.

Como ele fazia isso?

– Foi ótimo – respondi.

Apesar de eu não ter base para comparação.

Ele deu um sorrisinho.

– Você diz isso agora. Espere até ver uma banda como o U2 no palco. Aí saberá o que é um ótimo show.

Como não fazia ideia de quem era U2, ignorei o comentário.

– E os papéis? – perguntei, estendendo a mão e querendo terminar logo com aquilo.

Ele deu uma risada.

– Você não gosta de mim, Reese. Por quê?

Eu não tinha resposta a não ser o fato de que ele me deixava nervosa. E dava em cima de mim. Bem, acho que essa era a resposta.

– Você dá em cima de mim. Eu não gosto disso – falei.

Ele me analisou por um momento, então seu sorriso divertido se tornou mais sério e ele se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. O rosto dele estava mais perto de mim, e a mesa entre nós funcionou como um muro de proteção.

– Não estou dando em cima de você, Reese. Quando eu fizer isso, você vai saber.

Ah. Certo. Bem, o que ele estava fazendo se parecia muito com isso. Então eu estava errada? Estava confundindo sua tentativa de ser amigável com uma paquera? Não. Ele havia feito comentários sobre querer o que Mase tinha.

– Você fez comentários, comentários sobre mim...

Parei de falar, sentindo meu rosto ficar vermelho.

Ele deu de ombros.

– Eu sou sincero. Não me importo com o que os outros pensam. Se quero dizer algo, eu digo. Não significa que estou dando em cima de você, boneca.

Ele me deixava confusa. Cerrei o punho no colo, absolutamente frustrada.

– Tudo bem. Bom, então vamos esquecer disso tudo e tratar do trabalho. O que você tem pra mim?

Ele pôs a mão no bolso traseiro e tirou um envelope pardo.

– Aqui está. – Então se virou e seguiu em direção à porta. – Se tiver alguma dúvida, pode me ligar ou mandar uma mensagem – falou, sem olhar para trás.

Quando a porta se fechou atrás dele, afundei na cadeira e soltei um suspiro frustrado. Como *eu* tinha acabado fazendo papel de idiota? Ele havia sido sincero e deturpou a situação para me fazer parecer uma idiota.

Deixando Capitão para lá, abri o envelope e vi que havia mais formulários e recibos do que eu conseguiria dar conta naquele dia. Ainda tinha muitas coisas para resolver para Piper. Ela estaria ausente no dia seguinte, e eu precisava alimentar e dar água aos cavalos, além de escová-los e limpar os estábulos. Piper havia demitido a limpadora dos estábulos pouco tempo antes, porque a garota ficava pendurada no telefone durante o horário de trabalho, e ainda não havia contratado uma substituta.

Eu teria alguns dias bem agitados pela frente e precisaria trabalhar até mais tarde naquela noite. Tirei o celular do bolso e ia ligar para Mase quando seu nome apareceu na tela.

Sorrindo, atendi, pronta para ouvir a voz dele.

– Oi, estava ligando pra você neste instante.

– Oi, gata, estou com um problema. Odeio ter que fazer isso, mas estou arrumando as malas agora e ainda preciso resolver algumas coisas antes do meu voo, às seis.

O quê? Fazendo as malas?

– O que aconteceu? – perguntei, não gostando da ideia de ele ir a qualquer lugar assim, avisando tão em cima da hora.

– É Kiro. A mãe de Harlow está muito doente, e ele não está conseguindo lidar com isso. Está agindo como sempre agiu, e Harlow está segurando as pontas sozinha. Ela não é obrigada a lidar com essa merda. O coração dela... Bom, eu já comentei sobre o coração dela. Então preciso ir lá dar conta dele. Tenho que acalmá-lo e garantir à minha irmã que vai ficar tudo bem. Eu levaria você, mas as coisas vão ser péssimas por lá. Kiro... Ele não é normal. É um maluco de merda. Ao mesmo tempo, não quero deixar você aqui. Estou sofrendo.

Eu não podia me ausentar. Tinha mais trabalho do que conseguiria dar conta, e além disso Piper ia sair da cidade e estava confiando em mim.

– Eu preciso trabalhar de qualquer maneira. Piper vai estar fora, e eu tenho que cuidar das coisas aqui pra ela. Pode ir. Ajude Kiro e me mantenha informada.

– Eu amo você. Vou morrer de saudade. Vou ligar todas as noites. Mamãe disse que vai levar e trazer você do trabalho, e vai buscar você hoje às cinco. Vou precisar sair para o aeroporto antes disso.

– Eu também amo você. Vou ficar bem. Vou ficar com saudade, mas sua família precisa de você. Acha que há alguma chance de Maryann me pegar depois, às seis e meia? Preciso ficar até mais tarde.

Ele hesitou.

– Ela pode pegar você nesse horário, sim. Só não gosto da ideia de você

trabalhar até tão tarde.

Queria abraçá-lo bem forte e ser beijada por ele. Meu coração já doía de saudade. Mas eu não podia deixar que ele notasse. Mase tinha problemas suficientes no momento. Eu não ia criar mais um.

– Vou ficar bem. Só preciso arquivar uns papéis. Vá com cuidado e me ligue quando chegar lá.

Ele suspirou.

– Meu Deus, eu odeio deixar você.

Eu também odiava.

– Não vai ser por muito tempo. Vou sentir saudade, mas estarei aqui quando você voltar.

– Eu te amo. Muito, muito mesmo – disse ele, com devoção.

– Eu te amo mais – respondi.

MASE

Pegamos o jatinho particular para a Flórida, para eu ver como Harlow estava, mas não ia ficar muito tempo com ela. Precisava ir a Los Angeles lidar com Kiro. Eu só precisava falar com Harlow antes porque ela sabia tudo o que estava acontecendo. Também queria garantir a ela que eu daria um jeito na situação. Qualquer coisa para evitar que ela se preocupasse.

Grant abriu a porta antes mesmo de eu bater. Eu havia mandado uma mensagem avisando que estava saindo do aeroporto. Ele parecia estressado.

– Obrigado por vir – disse ele, baixinho.

Assenti.

– Entre em contato comigo mais cedo da próxima vez, está bem?

Grant apontou com a cabeça em direção aos fundos da casa.

– Ela está na varanda dos fundos. Está ligando para o Dean, pra saber de Kiro. Lila Kate já está dormindo.

Larguei minha bagagem no chão e fui para os fundos da casa.

Vi Harlow sentada em uma cadeira com o telefone na mão, balançando ao lado do corpo. Estava encolhida, com o queixo apoiado nos joelhos.

– Ele não atendeu – disse ela, com a voz triste.

Ela ainda não tinha me visto. Pensou que fosse Grant.

– Vou pra lá ainda hoje, mais tarde. Vou ver como ele está e ligo pra você assim que souber – falei.

Ao escutar a minha voz, ela levantou a cabeça e se virou para me ver. Seus olhos imediatamente se encheram de lágrimas.

– Eu falei pra ele não contar pra você – disse ela com a voz embargada.

– Ele não contou. Foi Rush quem me falou. *Você* deveria ter me contado – retruquei, indo até ela e tomando sua mão na minha.

– Você vai ficar bravo com ele. Ele não precisa disso. Está sofrendo – disse ela em meio a um soluço.

Eu sabia disso. E, se não fosse por ela, eu iria lá bater nele por agir assim. Mas não magoaria minha irmã de jeito nenhum.

– Não vou ficar bravo com ele. Sei que ele está sofrendo. Vou lá só conversar. Tentar fazer com que ele veja as coisas com mais clareza e pare de beber. Ele precisa encontrar outra maneira de lidar com isso sem apelar para o álcool. O próximo passo é voltar às drogas. Alguém precisa fazê-lo parar com isso, e nós dois sabemos que Dean não consegue.

Harlow voltou a apoiar o queixo nos joelhos.

– Ele a ama tanto... Eu não consigo imaginar isso, Mase. Não consigo compreender como ele lida com o fato de a mulher que ele ama tanto estar perdida no próprio corpo. Parte o meu coração. Quero que ele encontre um jeito

de ser feliz outra vez. Ele não é feliz há muito tempo.

Se algum dos filhos de Kiro Manning ia chorar por ele, seria Harlow. Ela o amava de um jeito que eu não entendia. O pai que ela conhecia era muito diferente do Kiro que eu conheci. Eu era grato por ele se importar com minha irmã. Eu o odiaria e lavaria completamente minhas mãos se ele não a adorasse daquele jeito. Essa era a única qualidade que o redimia aos meus olhos. Ele amava minha irmã mais nova. E isso era o suficiente para eu tentar impedir que ele se matasse com sua própria estupidez.

– Kiro se agarrou a Emily por muito tempo. Isso está acabando com ele. Ele se sente como se estivesse perdendo-a outra vez. Mas ele vai perder é a si mesmo se alguém não o sacudir até ele cair em si. Não serei cruel com ele, mas vou forçá-lo a encarar a situação. Ele precisa disso, Harlow.

Ele fungou e concordou, enquanto limpava uma lágrima furtiva do rosto.

– Eu o amo – disse ela baixinho.

Estendi a mão e a puxei para um abraço apertado.

– Eu sei. E por isso eu farei qualquer coisa que puder para salvá-lo dele mesmo.

Ela se pendurou em mim e ficamos ali sentados até seus soluços se acalmarem. Quando ela voltou a se sentar, pegou um lenço para limpar o rosto.

– Onde está Reese?

Reese. Eu tive que deixar Reese. Odiava deixá-la para trás. Eu precisava dela.

– Ela arranjou um emprego novo, e a chefe não estará lá amanhã. Ela precisa substituí-la. E, sinceramente, eu não queria que Reese estivesse lá pra ver Kiro no seu estado atual.

Harlow me deu um sorriso triste.

– Lamento que tenha precisado deixá-la.

Eu também. Peguei uma mecha do cabelo de Harlow que estava solta e coloquei atrás da orelha dela.

– Já estou sentindo a falta dela, não vou mentir. Mas, agora, Kiro precisa de ajuda. E, por você, vou garantir que ele receba isso.

Harlow suspirou e afundou na cadeira.

– Ele te ama também, você sabe. Tem orgulho de você. Ele não diz, mas tem um orgulho enorme do homem que você se tornou, e por não ser como ele.

Eu não sou como ele porque fui criado por um homem bom. Não disse isso a Harlow, claro. Apenas assenti, porque era disso que ela precisava.

Ela riu e deu um apertão na minha mão.

– Você está concordando comigo porque não quer me contrariar. Você é igual a Grant. Sei que não acredita nisso. E não sei se algum dia vai acreditar. Mas eu conheço meu pai. E sei que ele ama você.

Sorri ao som da risada dela. Isso aliviou um pouco a pressão no meu peito.

– Só quero que você me prometa que vai parar de se preocupar. Não chore. Descanse, aproveite Lila Kate e dê uma folga ao coitado do Grant. Ele está morrendo de preocupação com você.

Harlow olhou de volta para a casa e um sorriso doce apareceu nos lábios dela.

– Dei sorte. Ele é maravilhoso. Consegue deixar tudo na minha vida mais alegre.

Ótimo.

– Concentre-se nisso então. Na alegria que Grant traz à sua vida. E trate de parar de se preocupar.

Harlow riu outra vez, e me senti bem melhor em relação a ela. Podia deixá-la e ir tratar de Kiro agora, sabendo que ela estava melhor e que sua cabeça estava mais tranquila.

A porta se abriu e Grant pôs a cabeça para fora.

– Eu escutei a risada dela? – perguntou, numa voz esperançosa.

– Sim, escutou. Cara, eu faço mágica. Você devia ter aulas comigo – falei, me levantando. Dei um beijo na testa de Harlow. – Amo você.

Ela apertou meu braço.

– Também amo você.

Grant foi até Harlow e ela se levantou para se aninhar no peito dele. Ele começou a acariciar as costas dela e pousou o queixo sobre sua cabeça.

– Obrigado – disse ele, olhando para mim, como se eu tivesse acabado de resolver todos os problemas do mundo.

– Ligue pra mim da próxima vez, não importa o que ela disser. Não há razão pra ela se preocupar. Sei que minha irmã é teimosa, mas você pode ser mais teimoso. Já vi isso. Eu estava lá quando você, parado em uma porta de hospital, se recusou a se afastar até sua mulher sair daquele quarto viva.

Um instantâneo de medo misturado com alívio cruzou os olhos dele àquela lembrança.

– Pode deixar – falou.

Harlow sorriu para mim.

– Você está ensinando meu marido a conspirar contra mim.

Dei de ombros.

– Se for pelo bem da sua saúde e felicidade, maninha, farei o que for. E ele também.

Harlow deu um beijo no queixo de Grant. Ele voltou a atenção para ela e eu subitamente me tornei invisível. Comecei a dizer que estava indo quando ela virou para mim.

– Você não vai viajar hoje. Passe a noite aqui e veja sua sobrinha pela manhã. Tome café com a gente. Quero passar um tempinho com você antes que vá cuidar do papai.

Eu queria voltar logo para Reese, mas também estava exausto, e ela tinha razão – eu tinha que ver Lila Kate antes. Concordei, e Grant riu.

– O que foi? – perguntei a ele.

Ele deu um sorrisinho.

– É divertido ver que ela também tem você na palma da mão.

Eu negaria, mas amava Harlow, e era difícil dizer não a ela.

Além disso, se eu visse Kiro exausto daquele jeito, as coisas não dariam certo. Eu podia deixar Harlow feliz e ser produtivo quando enfim fosse lidar com ele.

REESE

Ontem à noite, a cama estava vazia sem Mase. Finalmente consegui dormir um pouco, mas não o suficiente, e acordei sonolenta. Antes de Maryann chegar para me pegar, fiz um bule grande de café e coloquei na garrafa térmica que Mase costuma usar.

Ouvi o barulho da caminhonete dela e rapidamente peguei meu almoço e a garrafa térmica. Correndo até o carro, percebi que não era a mãe de Mase que estava ao volante, mas Major. Abri a porta do carona e coloquei a cabeça para dentro.

– É você que vai me dar carona? – perguntei, para ter certeza de que ele não estava só dando uma passada para falar com Mase.

Seu sorriso sempre fazia parecer que ele estava guardando um segredo importante.

– Sim. Maryann precisou ajudar em alguma complicação com um bezerro e pediu que eu viesse buscar você.

Entrei e coloquei minhas coisas no assento ao meu lado antes de ajustar o cinto.

– Obrigada – falei.

– De nada. Mas vou ser muito sincero: ela me prometeu biscoitos com calda, então...

Dei uma risada. Mase sempre reclamava que Major comia toda a comida da mãe dele. Pelo que eu sabia, Major não tinha exatamente uma mãe, então eu meio que sentia pena dele. Mas, por outro lado, ele tinha transado com a última madrastra. Talvez não merecesse minha compaixão.

– Falou com Mase? – perguntou ele.

– Falei. Ele ligou ontem à noite quando aterrissou na Flórida, pra me avisar que estava indo visitar Harlow.

Major soltou um suspiro longo.

– Aquela família é pirada.

Mase é filho de uma celebridade. A vida não podia ser normal. Mas parecia ser pior do que eu imaginava.

– Ele parece preocupado – comentei, simplesmente.

Major olhou para mim antes de pegar a via principal.

– Ele é preocupado. Mas neste momento a preocupação dele é Harlow. Se não fosse por ela, ele não daria a mínima pro Kiro. O homem pode ter gerado ele, mas não é o verdadeiro pai de Mase.

Precisei concordar, embora ficasse triste por ele não ter tido com o pai biológico a relação que Harlow teve. Kiro estava perdendo a chance de conhecer o homem maravilhoso que havia ajudado a gerar.

– E então, como vai o trabalho? Está gostando? Pronta para pedir demissão?

Abri minha garrafa e bocejei.

– Eu gosto de lá. Piper é uma boa chefe.

Ele assentiu.

– Isso é bom. Mas foi uma merda você não poder ir com Mase.

Sim, uma merda.

– Você sabe que em breve ele vai fazer aquela pergunta, não sabe?

Pergunta? Hã? Franzi a testa e larguei a garrafa.

– Que pergunta?

Major olhou para mim como se eu estivesse brincando. Então ele riu e levantou a mão esquerda.

– “Você quer casar comigo?” Esse tipo de pergunta.

Ah... Ah! Eu não tinha pensando nisso ainda. Claro que estava planejando o futuro com Mase, mas não esperava nada assim num prazo tão curto. A gente tinha acabado de ir morar junto.

Meu silêncio fez Major dar uma risadinha.

– Acho que não sabia... – refletiu ele.

Olhei para Major, me perguntando o que ele esperava que eu dissesse. Por sorte, ele estava entrando na fazenda dos Stout, e eu poderia encerrar a conversa logo. Assim que ele chegasse aos estábulos, eu estaria livre. Não tinha resposta, a não ser dizer que duvidava que aquilo fosse verdade.

Quando a caminhonete parou, ele se virou para mim.

– Só por curiosidade, este silêncio é porque você não quer que ele faça a pergunta ou porque acha que ele não quer fazer a pergunta?

Decidi seguir o exemplo de Capitão e ser sincera.

– Acho que ele não está pronto. Ainda estamos muito no início. Se ele estivesse realmente pronto pra casar comigo agora, já teria feito o pedido. Acho que quer esperar até termos passado mais tempo juntos.

Major assentiu e então deu de ombros.

– Pode ser – falou, então se despediu de mim tocando o chapéu, como Mase costumava fazer. – Tenha um bom dia, Reese.

Saí da caminhonete rápido, antes que Major pudesse pensar em outras perguntas indiscretas.



Depois de duas horas de trabalho, eu já tinha bebido a garrafa toda de café e estava tomando uma xícara do bule do escritório. Ajoelhada no chão, procurava um arquivo que Piper tinha pedido por telefone, quando a porta do escritório se abriu e Capitão entrou.

Eu não ia ser grosseira hoje. Como ele disse que não estava dando em cima de mim, eu não ficaria tão defensiva. Trabalharíamos juntos por um tempo, e eu precisava encontrar um jeito de fazer isso sem ficar pensando a todo instante em me proteger. Além disso, eu normalmente não era uma pessoa grosseira. Era algo difícil para mim.

Com essa nova atitude em mente, sorri para ele.

– Bom dia – falei. Notei a surpresa no rosto dele. Eu não ia dar espaço para ele dizer algo “sincero” e estragar tudo. – Preciso encontrar um arquivo da Piper, depois ajudo no que você precisar.

Voltei a procurar o arquivo.

– Será que entrei no escritório errado? – disse Capitão.

Eu sabia que ele não ficaria calado. Ele precisava falar algo. Era o jeito dele. Dei mais um sorriso amistoso.

– Não. Só estou tentando tornar as coisas mais fáceis. Não tenho motivo para ficar na defensiva, se você não está dando em cima de mim.

Finalmente encontrei o arquivo. Levantei e espanei minha calça jeans antes de voltar à minha mesa.

– Mais papéis para arquivar? – perguntei.

Ele inclinou a cabeça para o lado e me analisou. Puxa, que droga. Estava tentando tornar as coisas mais fáceis, mas ele não ia deixar.

– Hoje, não. Na verdade, eu precisava ver um recibo que trouxe pra você na semana passada. Se me mostrar o armário onde eles estão, eu mesmo posso procurar.

Assenti.

– Tudo bem. A segunda gaveta tem arquivos etiquetados com as datas dos recibos.

Ele ainda estava olhando para mim, como se não tivesse certeza do que fazer a meu respeito. Finalmente, assenti e foi até lá procurar o recibo que queria. Aproveitei a oportunidade para sentar e encontrar a informação que devia mandar para Piper. Peguei meu celular e fiz várias fotos dos papéis que ela precisava. Então os enviei para ela por mensagem.

Estava na hora de voltar para minhas mensagens de voz sobre as aulas de equitação, mas Capitão ainda estava no escritório, o que me deixou constrangida. Além disso, se ele estivesse me observando, eu não seria capaz de escrever sem fazer confusão.

Decidi tomar outra xícara de café, embora já estivesse ficando agitada com tanta cafeína. Eu precisava dormir melhor naquela noite. Talvez dormisse com uma camiseta de Mase. Sentir o cheiro dele poderia ajudar.

– Achei – disse Capitão, levantando com o papel na mão. – Obrigado. Está bem organizado.

Assenti. Estava orgulhosa disso. Antes de Mase, eu não teria sido capaz de arquivar nada por data. Ele havia mudado isso.

Capitão se aproximou, com o olhar fixo em mim.

– Havia algumas datas que estavam um pouco misturadas. Eu as arrumei. Imagino que ficar olhando tanto para aqueles números cansa os olhos depois de um tempo.

Droga. Senti meu rosto ficar vermelho. Estava toda satisfeita e realizada, mas havia misturado alguns recibos. De todas as pessoas que poderiam notar, não queria que tivesse sido ele.

– Não precisa ficar com cara de quem fez algo imperdoável. Foram só alguns recibos.

Meu rosto ficou ainda mais vermelho. Eu queria que Capitão fosse embora. Precisava de um instante para me recompor. Depois conferiria todos os arquivos. Não queria que Piper os visse assim e pensasse que eu não podia dar conta do serviço. Estava orgulhosa daquele emprego. Era boa naquilo. Ou pelo menos achava que era.

– Reese, olhe pra mim. – A voz de Capitão soou imperativa, e eu obedeci. – Você está parecendo prestes a chorar. Caramba, se eu soubesse que isso ia chatear você assim, não teria falado sobre os poucos recibos que encontrei. Foi um erro bobo.

Meus olhos se encheram de lágrimas, e eu detestei isso. Não queria me sentir fraca ou incapaz. Também não queria que Capitão visse minha fraqueza.

– Juro por Deus, se você chorar por isso, vou ficar puto. Por que está tão chateada?

Talvez fosse a exaustão, somada a toda a cafeína que eu tinha consumido, mas eu estava definitivamente emotiva. Também estava com saudade de Mase. Ele era minha tela de proteção, e, longe dele, eu precisava ser forte. Sempre tinha sido forte antes de conhecer Mase. Por que eu estava desmoronando agora?

– Reese...

– Eu sou dislética – disparei.

Ele ficou em silêncio por um momento, então o remorso cruzou seus olhos e pela primeira vez vi Capitão arrependido. Mas não queria a solidariedade dele.

– Estou aprendendo a contornar isso e evolui muito. Só que detesto cometer erros assim. Isso me lembra de como eu era antes. Não quero me sentir daquele jeito outra vez.

Carrei os dentes, me preparando para escutar as desculpas do Capitão. Não queria ouvi-las, mas sabia que viriam.

– Feche tudo e venha comigo. Tem alguém que eu quero que você conheça – disse ele, como se eu fosse fazer o que quer que me dissesse.

Balancei a cabeça.

– Preciso trabalhar.

Ele franziu a testa.

– Ótimo. Depois do trabalho, então.

Eu não iria a lugar algum com Capitão.

– Não posso.

– Por causa de Mase. – Não era uma pergunta. Ele estava apenas fazendo uma constatação. – Então eu vou trazê-lo até você.

Quem? Eu havia começado a fazer a pergunta quando Capitão se virou e foi na direção da porta para sair.

Ele olhou de volta.

– Não quero que chore por causa disso outra vez. Você devia sentir apenas orgulho do que já conquistou. Caramba, foi um erro que qualquer pessoa poderia ter cometido. Não deixe sua fraqueza definir você, Reese. Jamais. Sua força é que deve definir você.

Então ele se foi.

MASE

Dean Finlay abriu a porta da mansão que dividia com Kiro em Beverly Hills.

– Ele já está desmaiado. Tenho um quarto preparado para você – disse ele, quando entrei. – Ele vai estar detestável pela manhã. É a nova rotina dele.

Eu não me assustava com o temperamento do velho.

– Vou dar conta dele. Essa merda tem que parar. Ele é muito egoísta – falei, com raiva por ele estar infernizando não somente Harlow, mas também Dean, seu melhor amigo.

Além da minha irmã, Dean era a única pessoa que amava o cara.

– Você não sabe o que Emily significa para ele. A menos que tivesse passado por tudo aquilo com eles, você não tem como entender, Mase. Ele virou um homem diferente por causa dela. O acidente o transformou em uma pessoa que nenhum de nós reconhecia. Aquilo despedaçou a alma dele. Não dá para voltar a ser a mesma pessoa depois de viver algo como aquilo.

Eu estava cansado de ouvir como perder Emily dera a ele o direito de se tornar o campeão mundial dos babacas.

– Você sabe disso porque sentiu esse tipo de amor? Porque com certeza você não age como ele.

Dean suspirou pesadamente e balançou a cabeça.

– Eu nunca me apaixonei daquela maneira. Depois de ver como Kiro mudou quando a perdeu, eu nunca mais deixei ninguém se aproximar demais de mim. Não quero jamais conhecer uma dor como aquela, de jeito nenhum.

Eu não sabia o que era pior, amar e perder ou jamais conhecer esse tipo de amor. A vida sem Reese parecia vazia e sem sentido. Será que eu me tornaria como meu pai se a perdesse?

Queria acreditar que não, mas não tinha certeza de que um homem sem alma pudesse ser diferente. Se isso fosse verdade, eu poderia perdô-lo? Poderia entendê-lo e não o odiar pelo que estava fazendo minha irmã passar? Será que ela já havia feito essa conexão? Harlow não tinha apenas Grant, mas também Lila Kate. Não quis pensar nela perdendo nenhum deles.

– Não o julgue sem ter estado lá – disse Dean, dando um tapa nas minhas costas. – Agora, vá descansar um pouco. Você vai precisar. Ele não vai ficar exatamente radiante em ver você.

Ele tinha razão. Kiro ia ficar puto quando descobrisse que eu estava ali por causa dele. Ele não queria encarar as coisas. Queria chafurdar na própria dor. Mas quando eu o encarasse no dia seguinte, sabia que o veria de um jeito diferente. Eu precisava lembrar a mim mesmo de que eu me transformaria naquilo se perdesse Reese. Um mundo sem a presença dela seria incompreensível.



Coloquei meu relógio para despertar às nove, assim poderia me vestir e me preparar para encarar meu pai. Precisaria de um café antes. No dia anterior, Harlow tinha procurado motivos para me manter em Rosemary Beach. Por fim, eu disse que a amava, mas que precisava ir embora. Voltar para casa e ficar com Reese era importante, e eu tinha que ver Kiro antes disso.

Indo para a cozinha, escutei duas vozes. Reconheci a de Dean, mas não a da mulher que estava com ele. Ela tinha sotaque. Ao entrar no cômodo iluminado, vi uma senhora mais velha ao fogão enquanto Dean estava sentado à mesa, tomando café e folheando uma edição da *Rolling Stone*. Ele levantou os olhos e sorriu para mim.

– Bom dia, flor do dia. Você acordou antes dele. Graças a Deus.

– Tem café? – perguntei.

A senhora secou as mãos no avental e se adiantou em direção ao bule.

– Pode deixar comigo – falei a ela. – Só me diga onde estão as xícaras.

Ela sorriu nervosamente para mim, então olhou para Dean.

– Marlana é nova – disse ele. – Marlana, esse é o filho de Kiro. Você não precisa servi-lo. Ele não é nada parecido com o pai.

Ela olhou para mim, ainda parecendo nervosa, então pegou uma xícara no armário e voltou para a frente do fogão. A pobre mulher precisava lidar com meu pai maluco. Não era de admirar que estivesse nervosa.

Coloquei o café na xícara e fui me sentar em frente a Dean.

– Quer o jornal? Acho que tem um na porta da frente. Marlana normalmente pega e traz pra cá. Nem sei por que a gente assina, já que nenhum de nós lê.

– Vou pegar – falou Marlana, dando meia-volta e saindo da cozinha.

Eu não queria o jornal, mas ela foi mais rápida.

Dean deu de ombros.

– Ela está muito ansiosa por agradar. Isso se Kiro não a assustar antes.

– Meu plano é ter certeza de que a cabeça dele está no lugar e em seguida dar o fora daqui.

– Planos nem sempre dão certo. Lembre-se: aquele cara vive e respira por aquela mulher. E desta vez ele realmente a está perdendo.

Senti uma dor no peito. Tudo em que conseguia pensar era em perder Reese.

– Faz você se arrepender de ter se apaixonado, não é? – disse Dean, voltando a atenção para a revista em suas mãos.

Ele estava errado. Eu nunca me arrependeria de ter me apaixonado por Reese. Ela mudou meu mundo de um jeito que eu nunca imaginei ser possível. Mudou minha vida e me mostrou a verdadeira felicidade. Balancei a cabeça.

– Não, não faz.

Dean olhou de volta para mim.

– Antes de Reese, eu não sabia que o mundo podia ser cheio de sonhos. Que era possível acordar todo dia empolgado por respirar. Que um sorriso da pessoa amada pode fazer alguém se sentir como uma criança de novo. O amor dela vale... vale isso tudo. Viver com medo do amor não é viver.

Ele franziu a testa e baixou a revista, então continuou tomando o café. Não

parecia acreditar em mim. Na verdade, ele era tão triste quanto Kiro. Não conhecia a emoção verdadeira, crua. Não sabia que uma mulher pode fazer a gente sentir tudo.

Percebi que ele estava pensando em dizer alguma coisa, mas mudou de ideia.

– Kiro não vai se arrastar pra fora da cama pelas próximas duas horas. Sugiro que você respeite o tempo dele. Se o acordar, só vai arranjar mais dificuldade.

– Ótimo. Então vou comer e depois telefonar pra Reese.

Dean pôs a xícara na mesa.

– Marlana está fazendo panquecas e salsicha. Ou estava, até sair pra pegar o jornal pra você. Pelo menos dê uma olhada naquela porcaria. A mulher é velha demais pra correr tanto.

Depois disso, ele saiu da cozinha com uma atitude parecida com a do meu pai. Muitos anos antes, eu tinha chegado à conclusão que só estrelas do rock sabiam caminhar daquela maneira.

Marlana entrou apressadamente e colocou o jornal na minha frente.

– Café da manhã pronto em seguida – garantiu ela, então voltou ao fogão.

Abri o jornal, não dando a mínima para o que pudesse ver ali, mas, como Dean dissera, ela tinha ido pegá-lo para mim. Eu não queria magoá-la.

REESE

Eu havia ligado e pedido para Maryann me pegar uma hora mais cedo ontem, para não estar lá quando Capitão voltasse. Quanto mais pensava no assunto, mais desejava não ter contado a ele sobre minha dislexia. O que ele tinha que me fazia desembuchar tudo de uma vez?

Mase havia me ligado ao aterrissar em Los Angeles. Conversamos durante o trajeto dele até a casa do pai, em Beverly Hills. Percebi que ele estava tenso e nervoso com o que encontraria lá, e me senti culpada por não estar junto.

Para compensar ter saído antes, cheguei mais cedo na manhã seguinte. Tinha conseguido dormir melhor do que na noite anterior, porque estava com cansaço acumulado. Se tudo desse certo, Mase retornaria para casa hoje.

Piper também voltaria hoje, e eu queria garantir que tudo estivesse arrumado e pronto para recebê-la. Conferi os cavalos e varri o chão, então voltei para o escritório.

O resto da manhã passou rápido. Continuei esperando Mase me ligar, mas me concentrei em terminar todo o trabalho, caso precisasse fazer alguma coisa extra depois.

Logo após Piper sair para almoçar, a porta se abriu e um menino de uns 10 anos entrou. Primeiro pensei que fosse um aluno dela cujos pais tivessem se enganado de horário. Até que Capitão entrou atrás dele.

O quê?

– Que bom que você está aqui. Henry e eu viemos ontem, mas você já havia saído. Cedo.

Ele havia planejado levar um menino para me ver? Fiquei confusa.

– Ah, sim, terminei mais cedo.

Era mentira. Senti uma pontinha de culpa.

– Sem problemas. Nós combinamos de voltar aqui hoje. Até trouxemos fajitas de carne do restaurante. O pai do Henry é o chef de cozinha da Stout and Hawkins aqui em Dallas, e eu e Henry ficamos amigos. Queria apresentá-lo a meus outros amigos.

O que ele estava fazendo? Trazendo comida de novo e usando uma criança para que eu comesse com ele e fosse legal? Capitão era um cara difícil de entender. Dizia que não estava dando em cima de mim, e então fazia esse tipo de coisa.

– Meu pai faz as melhores fajitas de carne do mundo – disse Henry, orgulhoso. Era um menino fofo. – Ele fez umas especiais pra você. Com seu molho secreto.

– Ah, obrigada. O cheiro está delicioso – respondi a Henry quando Capitão começou a colocar a comida na minha frente.

– Podemos fazer um piquenique? É mais divertido comer lá fora. E aqui está com cheiro de cocô de cavalo – disse Henry, olhando para Capitão com o nariz torcido.

Capitão riu e olhou para mim.

– Tudo bem por você, Reese?

Como se eu fosse dizer não para aquela criança. Ele sabia disso. Maldito.

– Claro – falei, cerrando os dentes.

Então forcei um sorriso e peguei a caixa que Capitão havia colocado na minha frente.

– Ótimo. Vou pegar a toalha na caminhonete – disse ele.

Depois saiu, deixando nós dois – Henry e eu – com as mãos cheias de comida.

– Ele tem uma toalha de piquenique na caminhonete? – perguntei.

O menino assentiu.

– Tem. A gente fica olhando as estrelas nas noites em que meu pai precisa trabalhar até tarde.

Então Capitão cuidava do menino enquanto o pai dele trabalhava? Não era o que eu esperava. Não combinava com a imagem que eu fazia do cara.

– Kinsley foi com a gente uma noite dessas. Ela estava de folga, aí pegamos milk-shakes e fomos ver as estrelas. Mas Kinsley não gostou muito. Não parou de reclamar.

Isso dizia muito sobre o caráter dela. Eu esperava que Capitão não a forçasse a estar junto com Henry outra vez. O menino não precisava disso. Imaginei onde estaria a mãe de Henry, mas como ela não parecia estar por perto, não perguntei.

– Pronto. Mostre o caminho, Henry. Leve a gente até o melhor lugar para um piquenique – disse Capitão após voltar, sorrindo para o menino.

Eu nunca o tinha visto sorrir assim antes. Era um sorriso real, não calculado, não planejado. Não era um sorriso feio.

Saimos, e Henry se dirigiu para além dos estábulos, até não sentir mais o cheiro dos cavalos. Ele parou e assentiu, os cabelos castanhos caindo sobre os olhos, sinalizando que devíamos sentar ali. Senti vontade de colocar seus cabelos para trás das orelhas, mas tive certeza de que ele não gostaria disso.

Capitão estendeu a toalha, pegou a comida da minha mão e a colocou sobre o tecido, enquanto Henry também pousava a embalagem que segurava. Capitão enfiou a mão no bolso de trás e atirou uma lata de refrigerante para Henry. Então olhou para mim.

– Tem uma pra você também.

Ele me passou uma lata, e eu consegui balbuciar um agradecimento. Sentei com as pernas cruzadas e coloquei a caixa de comida que ele me deu sobre o colo.

– Não vai ser fácil comer fajitas aqui fora. Mas aqui não fede e é mais divertido – disse Henry, sorrindo para mim.

– Você tem razão. O cheiro é melhor e é muito mais divertido. Além disso, eu como no escritório todos os dias. Foi legal a mudança.

Henry olhou para Capitão.

– Ela é melhor que a Kinsley. Ela sabe o que é divertido – afirmou.

Não olhei para Capitão. Em vez disso, me concentrei na comida. Precisava chegar ao fim daquele almoço. Acertaria as contas com Capitão quando Henry não estivesse presente. Não sei que motivo ele teve para levar aquela criança ali. Estava tentando me manipular?

Eu não confiava nele. Isso só reforçava essa sensação.

Peguei minha fajita e dei uma mordida. Pude ver o olhar de Henry pousado em mim, esperando minha reação.

– Hum, que incrível. A melhor fajita que já comi. Você tem razão, seu pai realmente é bom no que faz.

Ele deu um sorriso radiante e começou a comer.

Senti Capitão me observando, mas não ia olhar para ele. Decidi que ia terminar de almoçar, ser legal com Henry e depois passar a trancar a porta do escritório quando Piper estivesse fora. Bastava de interrupções de Capitão.

– Por que você não conta a Reese sobre o livro que está escrevendo, Henry? – disse Capitão. Henry olhou para ele com timidez, como se estivesse inseguro. – Ela vai adorar, eu juro – encorajou Capitão.

O menino enfim me fitou com seus grandes olhos castanhos. As sardas no seu nariz deixavam seu rostinho ainda mais fofo.

– Em novembro, ganhei um concurso de soletrar na minha escola. Então participei de uma competição estadual e ganhei também. Em maio, vou para a etapa nacional.

Nossa. Isso era algo para se orgulhar. Na idade dele, eu ainda não conseguia nem escrever meu nome corretamente.

– Isso é fantástico! – exclamei. – Você deve ser um soletrador muito talentoso.

Henry olhou para Capitão outra vez, antes de desviar o olhar para mim.

– É por isso que estou escrevendo um livro. Porque sou disléxico. Quando a pessoa é disléxica, nem sempre consegue ver números e letras como as outras pessoas – explicou ele, me olhando atentamente.

Então era por isso que Capitão queria que eu conhecesse Henry. Não tinha sido uma estratégia. Assenti.

– Eu sei o que é dislexia – falei.

Ele pareceu aliviado de não precisar entrar em detalhes.

– Muitas vezes, crianças com dislexia são ignoradas, ou acham que não podem fazer algumas coisas. Eu quero dizer a elas que podem, sim. Meu pai e eu soletrávamos palavras durante todo nosso tempo livre por meses inteiros antes desses concursos. Acho que as pessoas com dislexia podem fazer o que quiserem. Só precisam acreditar em si mesmas.

Senti a emoção subir à minha garganta. Aquele menininho ia ter uma vida completa. Jamais o chamariam de burro, e ele teria a chance de terminar o ensino médio e conseguir um diploma universitário. Eu não conhecia o pai dele, mas já o adorava. Amei ver que Henry não estava sofrendo o que eu havia sofrido. Coloquei a fajita de lado e funguei, tentando não chorar.

– Que maravilhoso, Henry. Crianças e adultos com dislexia precisam escutar isso. Precisam se inspirar na sua história.

Henry agora sorria de orelha a orelha.

– Eu também acho. Se não fosse meu pai me dizendo e repetindo várias vezes que eu podia fazer qualquer coisa, não sei se eu teria tentado participar do concurso. Mas eu quis participar, e ele me convenceu de que eu era capaz.

Eu queria isso para todas as crianças. Era de partir o coração saber que nem todas receberiam esse tipo de apoio na vida nem escutariam que não havia nada de errado com elas. Saber que eram capazes de tanta coisa faria maravilhas pela sua autoestima.

– Seu pai parece ser um homem muito especial – comentei, sinceramente.

Henry concordou.

– Ele é. É o melhor pai do mundo.

Mais uma vez, nenhuma palavra sobre a mãe.

Era hora de eu admitir para Henry que também tinha dislexia. Dividir isso com as pessoas não era algo que eu estivesse acostumada a fazer. Era difícil para mim, mas aquele menino ia compartilhar a história dele com o mundo. Ele tinha orgulho do que era capaz de fazer mesmo lidando com esse desafio. Não havia vergonha em ser disléxico.

– Henry – falei, e ele olhou para mim enquanto mastigava. – Eu também tenho dislexia.

Os olhos dele se arregalaram, então um enorme sorriso se abriu no rosto dele.

– Eu sabia que você era especial. Que nem eu.

Essas palavras entraram no meu coração e eu soube que ficariam ali para sempre.

MASE

Já passava bastante da hora do almoço quando Kiro veio cambaleando até a sala de jogos, onde eu estava sentado com Dean enquanto ele jogava Xbox. Ameacei acordar Kiro algumas vezes, mas toda vez Dean fazia que não com a cabeça e dizia que eu só tornaria as coisas piores.

Assim que os olhos turvos e injetados de Kiro me viram, ele parou.

– Caralho – murmurou em seguida, dirigindo-se ao bar.

Aquela era minha deixa para levantar e fazer alguma coisa.

– Eu vim conversar, Kiro. Prefiro fazer isso com você sóbrio.

Ele tentou me empurrar para o lado, mas estava com muita ressaca e fraco. Eu nem me movi.

– Você está na minha casa, garoto. Sai do meu caminho! – berrou ele.

Não recuei.

– Bem, Harlow é minha irmã, e o fato de você a chatear, estressar e fazer chorar é da minha maldita conta. Então, sente essa bunda na cadeira e me escute.

Exatamente como eu sabia que aconteceria, ele despertou daquele estupor ao ouvir o nome de Harlow.

– O que está acontecendo com a minha garotinha? – perguntou, passando a mão pelo cabelo e deixando-o ainda mais arrepiado.

– Ela está preocupada. Ela te ama. E você a está chateando agindo assim. Pense no coração dela, Kiro. Não queremos que algo aconteça com ela porque você não consegue resolver seus problemas sozinho.

Ele balançou a cabeça.

– Não, nada pode acontecer com a minha garotinha. Eu preciso dela. Não posso perdê-la – falou, como um homem abalado em vez do bêbado raivoso que havia entrado na sala.

– Então saia dessa. Bote a cabeça no lugar. É assim que Emily gostaria que você se comportasse? Isso a deixaria feliz?

– Não fale da minha Emmy – rosnou ele, desta vez me empurrando com força. – Você não sabe do que está falando! Você não dá a mínima. Meu coração. – Ele parou, jogou a cabeça para trás e olhou para cima. – Ela roubou meu coração com aquele rosto lindo de anjo. Tão inocente e tão doce... Ela vai sempre ser dona dele. Minha vida com ela era perfeita. – Ele tornou a olhar para mim. – Perfeita. Perfeita! Mas está acabada. *Eu* estou acabado. E se eu perder o que me sobrou dela, não quero mais viver. Não vou aguentar essa dor.

Os olhos dele não eram os da lenda do rock que aparecia nas capas de revista como se ele fosse dono do mundo. Kiro não tinha mais aquela atitude que o definia. Não naquele momento. Ele estava destruído.

Kiro Manning havia partido. Em seu lugar estava um homem pronto para se desconectar deste mundo. Se ele tivesse sido um bom pai para mim, se eu o amasse como Harlow amava, não sei se seria capaz de estar ali suportando aquilo. Meu peito se contraiu de dor por um cara que eu passei a maior parte da vida me perguntando se se importava comigo.

– Harlow precisa de você. Lila Kate precisa de um avô – falei simplesmente, lembrando a ele que Emily podia estar perdida, mas que ainda havia outras pessoas que o amavam. – Se alguma coisa acontecer a você, Harlow vai ficar destruída. Aquela garota te adora. Você teria mesmo coragem de fazer isso com ela? Não consegue encontrar uma vontade de sobreviver a isso e ser o pai de que ela precisa?

Kiro cambaleou para trás e se apoiou no sofá, enterrando a cabeça nas mãos.

– Ela está desaparecendo. Não sei se vou conseguir continuar sem ela. Eu amo a minha garotinha. Nós dois amamos. Ela cresceu e se tornou uma linda mulher e mãe. Tenho muito orgulho dela. Não dei a ela nada do que se orgulhar.

Gostaria de ter concordado com ele, mas sabia que Harlow não concordaria. Então, falei por ela, que não tinha capacidade para lidar com aquilo pessoalmente.

– Você está errado. Ela tem orgulho de você. Sempre teve. E quando descobriu que você permaneceu ao lado da mãe dela ao longo disso tudo, ficou comovida. Harlow sabe que você ama a mãe dela. Ela viu isso e agora se orgulha ainda mais de você. Viu um lado seu que não sabia que existia. Todos vimos.

Kiro esfregou o rosto e soltou um rosnado frustrado antes de deixar a mãos caírem.

– Foi Dean que ligou pra você? Eu não preciso dessa merda neste momento, filho. Por que não posso lidar com isso do único jeito que sei?

A maneira dele de lidar com aquilo era se destruir e deixar Harlow morrendo de preocupação.

– O seu jeito afeta a minha irmã, então me afeta também. Dean não me ligou. Rush foi me procurar, porque Grant estava preocupado com a esposa. Ele vai proteger Harlow da maneira que puder. Tenho certeza de que você consegue entender isso. Sua garotinha é amada da mesma forma que você ama Emily.

Ao escutar o nome de Emily, Kiro se contorceu como se sentisse uma dor física.

– O que você quer que eu faça? Não sou nenhum super-homem, porra! Nunca fui. E não vou começar a ser agora só porque você veio aqui exigir isso.

Kiro estava cego para tudo o que não fosse Emily. Ele estava sofrendo, e ela era a única coisa que conseguia enxergar. Estava perdendo Emily e não aceitava mais nada. Eu queria agarrar o cara e sacudi-lo. Em vez disso, cerrei os punhos dos lados do corpo e inspirei profundamente para afastar a frustração.

– Você quer que Harlow perca os dois? Acha que ela vai conseguir lidar com isso? Quer vê-la com o coração partido? Não quer participar da vida da sua netinha? Aqui está a chance de ser o homem que Emily iria preferir que você fosse. Nós dois sabemos que você não foi o pai que ela gostaria para Harlow. Você não tem o poder de salvar Emily, mas pode garantir uma coisa que ela

desejaria: pode ser o melhor avô do mundo para Lila Kate.

– *Eu sou o melhor avô do mundo. Ele vai ter que ser o segundo* – disse Dean, que continuava jogando no Xbox.

Sério? Será que o cara não percebia que a conversa era importante?

– Vá se foder, seu babaca – grunhiu Kiro.

– Só estou esclarecendo as coisas – retrucou Dean.

Uma sugestão de sorriso se insinuou nos lábios de Kiro.

– Quero deixar Emily orgulhosa. Ela adora Lila Kate. Ela se ilumina quando Harlow nos visita com a menina. Se pudesse, seria a melhor avó que já existiu.

– Isso eu não vou discutir com você. Emily era mesmo especial – disse Dean.

– *É especial* – rebateu Kiro. – Ela é especial, caralho.

Dean jogou o controle remoto para o lado e se virou para olhar para Kiro.

– Ela é especial, Kiro. Mas nós dois sabemos que não é mais a mesma. A Emily que saiu no dia do acidente não voltou. Ficou presa naquele corpo, incapaz de funcionar, por 23 anos. Você segurou a onda com ela por mais tempo que qualquer médico acreditava ser possível. Querer mantê-la daquele jeito aqui é egoísmo, cara. Eu também sinto falta dela. Ela fez de você um homem melhor, e aquele homem também se perdeu há 23 anos. O rapaz tem razão. Você não pode salvá-la, mas pode muito bem deixá-la orgulhosa. Não quer que ela seja grata por ter tido uma vida com você? Claro que quer! Você faria qualquer coisa por aquela mulher. Faça isso por ela. Faça isso, caralho. Por. Ela.

Eu não precisava dizer mais nada. Dean disse tudo perfeitamente. Ele tinha testemunhado meu pai amar uma mulher e ser feliz. Sabia de coisas de que eu não fazia ideia. Ver Kiro pelos olhos de Dean era esclarecedor.

– Ela ia querer que eu fosse forte. Não esperaria outra coisa de mim – disse Kiro, olhando para o chão.

Nenhum de nós disse nada. Deixamos que ele assimilasse tudo. Dean levantou do sofá e nos encaramos acima da cabeça baixa de Kiro. Ambos queríamos que nossas mensagens chegassem até ele.

– Eu quero que exista um céu. Quero isso pra ela. Ela devia estar dançando e sorrindo. Ela tem a melhor risada que já ouvi. Quero que exista um lugar onde ela possa ter isso tudo. Diga pra mim que, quando esta vida termina, não é o fim, e que ela terá uma nova existência pela frente, cheia de tudo do que foi privada nesta.

Engoli a emoção que estava fechando a minha garganta. Meu Deus, eu jamais queria passar por aquilo. Kiro havia sido um idiota comigo na maior parte da vida, mas ninguém merecia lidar com uma dor tão intensa.

Dean se aproximou e passou o braço sobre o ombro dele.

– Existe um céu, cara. Deve haver um céu para anjos. E Emily foi um anjo. Ela foi sua. E isso não se acaba depois desta vida.

Kiro fechou os olhos e assentiu.

– Você tem razão. Meu anjo vai ficar bem. Ela vai dançar outra vez.

Dean olhou para mim e assentiu. Kiro ia superar aquilo. Tinha um caminho difícil pela frente, mas agora estava focado em deixar Emily orgulhosa dele. Essa era a única coisa que poderia tirá-lo daquele estado. Ele jamais ia querer decepcioná-la.

REESE

Eu estava aninhada na cama com o celular na mão, esperando Mase ligar, quando o aparelho finalmente tocou e apareceu a imagem das botas de caubói dele na tela.

– Oi – falei, sentando, feliz por ouvir a voz dele.

Quando ele chegasse em casa, ia contar sobre meu piquenique com Henry e Capitão. Seria muito complicado explicar por telefone.

– Oi, gata. Vou voltar para casa amanhã de manhã. Passei o dia com Kiro. Tivemos um avanço hoje à tarde, quando ele finalmente saiu da cama, mas ele ainda está muito instável. Decidi ficar e ter certeza de que vai ficar bem. Estou com saudade.

– Eu também. Que bom que as coisas estão melhores com ele. Foi difícil?

Eu tinha desejado mais de uma vez a presença dele hoje.

– Não foi fácil, mas acho que o entendo melhor agora. Ele nunca vai ser meu pai, até porque eu já tenho um. Mas hoje senti por ele algo que nunca havia sentido antes: compaixão.

Mase era um homem compassivo. Eu não podia imaginar quão terrível seu pai tinha sido para não merecer nenhuma compaixão do próprio filho. Sabia que ele não havia passado muito tempo por perto enquanto Mase crescia, mas ainda assim...

– Então a viagem ajudou você também.

– Sim, acho que ajudou – disse ele. – Mas quero estar em casa com você.

– Eu também quero.

– Está tudo bem por aí? O trabalho continua bom?

– Sim, o trabalho está ótimo e está tudo bem por aqui. Jantei com seus pais hoje.

– Ótimo. Eu amo você e, antes que você diga que me ama mais, já vou logo avisando que é impossível.

Sorrindo, puxei as cobertas até o queixo.

– Acho que não.

Ele deu uma risada.

– Vou estar no avião amanhã na primeira hora. Conte com um convidado para o almoço.

Senti um nó no estômago, lembrando do outro convidado que sempre aparecia para almoçar. Eu teria que contar a Mase sobre isso tudo quando ele chegasse em casa. Queria manter meu emprego, mas não queria esconder nada do meu namorado.

– Não vejo a hora – respondi. – Amo você.

Depois que desligamos, fiquei na cama olhando para o teto, me perguntando

se Mase reagiria mal quanto ao costume de Capitão de aparecer no meu trabalho levando almoço para mim. De fato, o cara não tinha feito nada de errado, mas será que eu aceitaria bem uma mulher que levasse almoço para Mase e comesse com ele? Não. A resposta é de jeito nenhum. Eu ficaria com ciúme.

Precisava contar ao Mase. Não havia dúvida disso.



Às dez da manhã, eu estava ficando ansiosa e preparada para ver Mase. Tinham sido apenas alguns dias, mas, toda vez que a porta do escritório se abria, meu coração disparava. Então era Piper, eu sorria e disfarçava minha total decepção. Ele disse que estaria de volta na hora do almoço.

Faltavam duas horas para o almoço.

No momento que peguei o celular para retornar algumas ligações, a porta se abriu de novo. Antes que eu pudesse me animar, apareceu o rosto de Capitão e eu murchei. Não era quem eu estava esperando.

– Não fique tão decepcionada. Eu não sou tão feio assim – disse ele com um risinho.

Não respondi. Em vez disso, usei meu tom profissional:

– Como posso ajudar?

Ele levantou uma sobrancelha e se sentou na cadeira de couro à minha frente. Não era o que eu queria que ele fizesse. Ele deveria me dizer o que precisava e ir embora. Rápido.

– Você consegue sair para almoçar hoje? – perguntou ele, se recostando e cruzando as pernas, parecendo confortável.

– Não – disparei.

Ele pareceu se divertir.

– Pensei que tínhamos dado uma trégua. Que íamos ser amigos. Você não está agindo amigavelmente.

Nunca disse que seria amiga dele.

– Eu concordei em trabalhar com você. Não disse que sairíamos pra almoçar juntos.

– Você gostou do piquenique ontem – apontou ele.

– Gostei de Henry – corrigi.

Ele assentiu, como se já soubesse.

– Sabia que você gostaria. Ele é um menino ótimo.

Também entendi por que ele havia levado Henry para me conhecer. Foi um gesto legal, mas eu ainda estava me sentindo mal por ter qualquer coisa além de uma relação profissional com ele. Algo na maneira como Capitão me olhava me dizia que ele queria mais, mesmo que suas palavras dissessem o contrário.

– Por que você não dirige? – perguntou ele, me tirando dos meus pensamentos.

– Porque até recentemente eu não era capaz de ler e escrever, então não podia fazer a prova de habilitação.

Ele enfiou a mão no bolso de trás da calça, tirou dois livros finos e os colocou

na mesa. Um era um manual de direção do estado do Texas e o outro, um manual de habilitação.

– Você sabe ler agora. Leia estes dois.

Peguei os livros. Já tinha pensado em ir buscá-los. A ideia me assustava, mas, agora que eles estavam ali, não era tão terrível assim. Capitão os pegou para mim antes de eu sequer contar a ele que não sabia dirigir. Por que ele fazia esse tipo de coisa por mim?

– Não precisa me agradecer. Apenas leia. Você pode passar no teste, Reese. Sei que pode.

Ele não queria um agradecimento. Olhei para os livros à minha frente. Não sabia ao certo o que dizer. Ele estava saindo da sua rotina para me ajudar. Não precisava ficar pensando em mim. Não precisava me ajudar. Mas estava fazendo isso, e eu não sabia ao certo como impedi-lo.

– Obrigada – falei, porque ele merecia. – Eu estava planejando mesmo ir pegá-los.

Ele assentiu.

– Ótimo. Fico contente que esteja pronta pra dar outro passo nessa direção.

Comecei a dizer algo quando a porta se abriu e levantei os olhos para deparar com o rosto de Mase. Meu coração bateu mais forte só de vê-lo, mas seu olhar desviou para Capitão e eu passei da ansiedade ao enjoo.

– Que diabo você está fazendo aqui? – perguntou ele, entrando na sala.

Capitão descruzou a perna e se levantou para encarar Mase.

– Vim deixar uma coisa para Reese – respondeu, como se não estivesse nem um pouco preocupado.

– Não é isso que parece – rosnou Mase. Então olhou para mim. – Ele está te incomodando?

Era uma pergunta complicada. Se eu dissesse que não, Mase ficaria imaginando coisas. No entanto, quando olhei para os manuais na minha mesa, soube que não poderia simplesmente dispensar Capitão.

– Mase, está tudo bem. Ele veio deixar alguns manuais que achou que eu pudesse precisar. Só isso – expliquei.

Olhei rapidamente para Capitão e ele pareceu surpreso por eu não ter dito que ele estava me incomodando. Mase franziu a testa – para mim ou para a minha resposta, não sei ao certo.

– Ele costuma vir aqui trazer coisas que acha que você vai precisar? – perguntou Mase, com uma advertência na voz.

Ele não estava satisfeito, e aquela não era a maneira como eu queria explicar a ele minha relação com Capitão.

– Eu só trago almoço pra ela umas duas vezes por semana – falou Capitão.

O fogo que se acendeu nos olhos de Mase não foi um bom sinal. Por que Capitão tinha dito aquilo?

– Você faz o quê? – disse ele lentamente, voltando os olhos para Capitão.

– Eu tenho que trazer papéis pra ela arquivar, e às vezes trago comida também. Melhor do que esses sanduíches de peru que ela come.

Mase ficou tão paralisado que tive medo do seu próximo movimento.

– Acho que está na hora de você ir embora daqui – falou, num tom duro e

cortante.

Capitão olhou para mim.

– É, parece que sim – retrucou ele, piscando para mim perversamente antes de passar por Mase com um sorrisinho.

Eu não acreditava que ele tinha feito aquilo. Queria matar Capitão.

Mase se virou e ficou apenas me encarando em silêncio por um tempo. Comecei a abrir a boca algumas vezes para explicar, mas não saiu nada.

– Você não achou que era importante me contar que outro homem trazia almoço pra você? Ou que ele vem fazer visitas com tanta frequência?

Eu havia planejado contar a ele. Naquela noite.

– Eu não estava... Eu estava... Eu não...

Ele levantou as mãos para me calar.

– Deixa pra lá. Não vou conseguir escutar nada agora. Acabei de passar por coisas bastante delicadas e preciso de um tempo – falou, e então saiu às pressas do escritório.

Fiquei ali, olhando a porta bater atrás dele enquanto as lágrimas escorriam pelo meu rosto. O que eu tinha feito?

MASE

Minha cabeça latejava quando descii da caminhonete e segui para os estábulos. Que merda era aquela que eu tinha acabado de ver? Eu estava exagerando? Tinha dado a Reese uma chance de se explicar, e ela havia começado a gaguejar. Não consegui dizer nada. Quase pareceu estar defendendo aquele imbecil.

Eu confiava nela? Confiava! Nunca tive motivo para agir de forma diferente. Ela era a minha Reese. Tão doce... Como aquela merda tinha acontecido? Qual era o problema daquele filho da puta para achar que estava tudo bem em levar almoço para ela? Ele sabia que Reese era comprometida. Qual era a intenção dele?

Capitão queria algo que era meu. Peguei uma sela, atirei contra a parede e gritei um monte de palavrões. Não era para isso que eu queria voltar para casa. Eu devia estar beijando e abraçando Reese com força, para sentir seu cheiro. Mas ela estava escondendo alguma coisa. Vi isso nos olhos dela.

Caralho. Será que eu era cego a esse ponto? Será que imaginei que, por tê-la encontrado sem rumo e ferida, ela jamais desejaria outra coisa que não eu? Será que fui apenas um modo de ela se curar? Será que tinha curiosidade sobre outros caras? Fiquei enjoado só de pensar nisso. Não queria que ela tivesse curiosidade nenhuma sobre outros caras.

E aquele babaca filho da puta também não era feio, e sabia disso. Estava usando a beleza para mexer com ela. E estava conseguindo. Estava funcionando. Encostei na parede e inspirei o ar profunda e dolorosamente. Eu era o primeiro de Reese em tudo. Ela jamais havia deixado alguém se aproximar tanto.

Eu estava sendo egoísta por não a deixar livre, se era isso que ela queria? Será que eu estava cuidando dela como se fosse propriedade minha e ignorando suas necessidades?

– Poooooooooooo! – gritei, com a dor atravessando meu peito.

Querida estar exagerando. Talvez eu estivesse agindo assim por causa da exaustão mental por ter tido que lidar com Kiro. As cenas começaram a se repetir na minha cabeça.

– Eu simplesmente a larguei lá – murmurei para mim mesmo, sabendo que ela não tinha como ir atrás de mim e se explicar.

Eu não dera a Reese nem um segundo para organizar os pensamentos. Ela parecia tão surpresa quanto eu.

Não podia tê-la deixado lá sozinha para ficar o dia inteiro preocupada com isso. Ela não havia feito nada de errado. Sim, ela não tinha me contado que aquele maldito Capitão andava levando almoço para ela. Mas pedir uma explicação e então sair correndo só porque ela não conseguiu verbalizar nada não

era a maneira certa de lidar com aquilo.

Era Reese. Minha Reese. Devia haver uma razão para ela não ter dito nada sobre aquilo antes. Talvez temesse que eu reagisse exatamente como reagi. Ou que eu fosse fazê-la pedir demissão. Ela adorava aquele emprego. Estava orgulhosa de si mesma, e vê-la desabrochar diante da evidente aprovação da Piper era lindo.

Eu precisava voltar. Corri para a caminhonete, mas fui interrompido por Major, que olhava para mim como se eu estivesse louco.

– Saia da frente – rosnei, e comecei a passar por ele, mas Major segurou meus ombros e me fez parar.

– Ela não está lá – falou simplesmente.

Parecia irritado.

– O que foi? – perguntei, empurrando-o para me desvencilhar dele.

– Reese ligou para Maryann e ela foi buscá-la.

– Merda. Ela está bem? – perguntei, andando rápido para contornar Major e subir a colina na direção da casa da minha mãe.

– Chorava tanto que a tia mal entendeu o que ela disse. Maryann correu para a porta, apontou pra mim e falou: “Vá dizer ao meu filho que é melhor ele se preparar pra resolver isso.”

Eu precisava resolver isso. Reese estava chorando. Eu e meu maldito temperamento.

– Qual foi a merda que você fez? – perguntou Major.

– River Kipling estava na sala dela. Leva almoço pra ela às vezes. Reese nunca me contou.

Major soltou um assovio baixinho e continuou:

– Aquele ali não é flor que se cheire. Mas Reese fez algo errado?

– Ela não me contou! – gritei, querendo esmurrar alguma coisa.

– Porra, Mase, se ela pensava que você reagiria assim, não posso culpá-la. Qual é o problema? Em toda a minha vida, eu nunca tinha visto você se transformar num cretino. Então que diabo aconteceu?

Aquele não era eu. Eu não perdia a cabeça por qualquer coisinha. Eu era cuidadoso e refletia sobre as coisas. Tomava decisões calculadas. Não era aquele babaca intratável que havia tomado conta de mim.

– Pare de gritar e ouça o que está falando. Está agindo feito um louco por causa de uma coisa que nem é tão importante. Então ele levou comida pra ela. Ela fodeu com ele para isso? Não. Esta eu posso responder. Ela ama você. *Você*. Sai dessa.

Sai dessa. Essas palavras ecoaram na minha cabeça. Eu tinha acabado de falar isso para Kiro, justamente quando ele estava perdendo a cabeça por causa de uma mulher.

Eu estava agindo como... meu pai. Passei a vida inteira tentando ser igual ao homem que me criou. Um homem sólido. Um homem cuidadoso e reflexivo, porém forte. Mas tinha bastado um momento para eu esquecer tudo aquilo e me tornar igual ao meu pai biológico.

Eu não queria ser aquele homem. Mas o compreendi. Nem sequer havia perdido Reese e já estava enlouquecendo. E se eu de fato precisasse encarar a

perda dela? Será que conseguiria me recuperar? Ou me tornaria o homem cujo sangue corria nas minhas veias em vez daquele que me ensinou tudo?

– Preciso ir vê-la – falei, me sentindo impotente.

– Sim, bem, Maryann vai chegar logo com ela, e eu não gostaria de estar na sua pele quando isso acontecer. Ela não está contente com você.

Eu também não estava contente comigo. Havia decepcionado Reese, mas também a mim mesmo. Esse homem não era eu.

A caminhonete da minha mãe apareceu e eu saí correndo na direção dela. Não ia esperar que Reese viesse até mim. Precisava vê-la imediatamente. Minha mãe parou quando viu que eu me aproximava. Nem sequer fiz contato visual com ela. Mantive os olhos em Reese. Seu rosto estava vermelho e inchado de chorar, e tudo aquilo por minha causa.

Se era realmente possível odiar a si mesmo, eu me odiava.

REESE

Quando as lágrimas começaram, não consegui mais parar.

Depois que Mase foi embora, os soluços tomaram conta de mim, até eu não me aguentar mais de pé. Ele havia me abandonado. Eu tinha estragado tudo. Não podia perder Mase.

A única coisa que me ocorreu fazer foi ligar para Maryann. Continuar no trabalho seria impossível, assim como falar para Piper o que havia acontecido. Ela não voltaria mais hoje, e eu teria que me desculpar mais tarde. Agora precisava encontrar Mase.

Maryann pulou para fora da caminhonete e correu na minha direção.

– O que aconteceu? – perguntou, me abraçando.

Eu me pendurei nela e chorei ainda mais.

Receber qualquer forma de afeição maternal me fazia desmoronar. Não era algo que eu conhecesse, mas ansiava por isso. Os braços de Maryann ao meu redor fizeram minhas lágrimas correrem ainda mais intensamente. Porque eu havia decepcionado o filho dela. Ela estava me consolando sem saber o que eu tinha feito.

– Shhh, deixe disso agora, não pode ser tão ruim assim. Vamos para casa e lá você me conta o que aconteceu. Conheço meu filho, e quando ele souber que você está chateada assim, ficará furioso consigo mesmo.

Não, ele não ficaria. Mase já estava furioso. Comigo.

Ela me levou até a caminhonete e eu entrei, obediente. Depois de sentar atrás do volante e sair da fazenda dos Stout, ela olhou bem para mim.

– Você pode me contar o que aconteceu?

Eu poderia, mas será que ela iria me odiar também? Provavelmente. *Eu* me odiava. Devia ter contado a Mase depois da primeira vez. Não devia ter mantido aquilo em segredo.

– Cap... River Kipling me levou almoço algumas vezes, e eu aceitei. Não pedi nada, ele simplesmente... – Deixei escapar um soluço. – Ele simplesmente aparecia com comida e eu almoçava com ele. Nem gosto da presença dele, na maioria das vezes. Ele é arrogante. Mas preciso arquivar uns documentos que ele me leva.

– E Mase está chateado porque River leva comida pra você?

– Não... Sim. Está bravo porque eu nunca contei pra ele. Eu tinha medo que ele ficasse chateado, e sempre falei pra River parar. Algumas vezes ele só me levava os documentos para arquivar, mas outras levou comida. Eu devia ter contado a Mase.

A princípio Maryann não disse nada. Comecei a achar que também a havia deixado brava.

– Você gosta de River Kipling de alguma forma além de como amigo?

Balancei a cabeça.

– Não! Não gosto dele nem como amigo. Ele faz suposições demais e ignora o fato de que eu não quero a presença dele na minha sala. Eu amo Mase.

Maryann assentiu.

– Eu sei disso, querida. Mas parece que meu filho deixou o ciúme tomar conta dele. Não é o estilo dele, mas, enfim, isso só significa que você é diferente de qualquer outra mulher que já tenha passado pela vida dele. Dê um tempo para ele esfriar a cabeça e então ele vai consertar isso.

– Ele estava com tanta raiva... – murmurei.

– Não, ele estava com medo de perder você, de não ser suficiente para você. Não estava furioso com você.

Medo de não ser suficiente para mim? Mase sabia o que eu sentia por ele. A expressão nos olhos dele era, definitivamente, raiva. Mas não discuti com a mãe dele. Ela veria com os próprios olhos. Ele não ficaria feliz em me ver. Eu precisava me explicar. Gaguejar e ficar em pânico não ia nos salvar.

– Eu não devia ter arranjado um emprego – falei, pensando que nada disso teria acontecido se eu tivesse simplesmente ficado em casa.

– Não diga isso, menina. Você merece uma vida. Mase não precisa ser o seu mundo. Pode até ser a parte mais importante dele, mas você precisa viver, Reese. Precisa se sentir realizada e deixar sua marca nesta terra. Eu amo meu filho, mas não quero que você desista dos seus sonhos por ele.

Pensei nas palavras de Maryann, mas elas não tinham importância.

– Ele está em todos os meus sonhos...

Ela assentiu.

– Como deveria estar. Mas são os *seus* sonhos. Quem os controla é você, não o ciúme de Mase. Ele também sabe disso. Só precisa botar a cabeça no lugar.

Quando passamos pelo portão da fazenda, sequei o rosto e me preparei para encará-lo. Estava muito acostumada a vê-lo sorrir e me desejar. Não sabia como lidar com um Mase que não queria sequer olhar para mim.

– Ali está ele – disse Maryann, diminuindo a velocidade. – Melhor eu parar, caso esse bobo venha correndo para cá.

Vi Mase disparar na direção da caminhonete e entrei em pânico. Ele ia exigir que eu fosse embora? Ah, meu Deus. E se ele não me deixasse entrar na sua propriedade? Eu precisava me explicar.

Maryann abriu a porta da caminhonete e foi até a frente do carro para encontrar o filho. Agarrei o banco como se fosse morrer caso ele abrisse a porta para me arrancar dali.

Quando viu a mãe, Mase olhou firme para ela. Maryann disse alguma coisa e então deu um tapa atrás da cabeça dele, antes de entrar em casa e me deixar sozinha, sentada na caminhonete. Eu não queria que ela nos deixasse sozinhos.

Mase veio decididamente até o meu lado do carro e abriu a porta. Fechei os olhos com força e me segurei no banco, grata por ter colocado o cinto de segurança. Não era muito, mas era uma forma de proteção.

A mão quente dele tocou um lado do meu rosto e eu abri os olhos. Mase estava me encarando atentamente. Seus olhos não estavam cheios da raiva que

eu tinha visto antes. Ele parecia... arrependido. Preocupado.

– Eu sinto muito – sussurrou. – Estou muito arrependido.

Lágrimas de alívio encheram meus olhos, embora eu achasse que não tinha mais lágrimas para chorar.

– Eu não... eu nem gosto dele. Sempre tento fazer com que ele vá embora. Chego a ser grosseira, mas ele simplesmente não se importa.

Mase se inclinou e beijou minha boca com delicadeza, soltando meu cinto de segurança.

– Eu não duvido disso – falou, baixinho. – Fui um idiota. Deixei ele me irritar e descontei em você. Eu estava com ciúme, Reese. Você é minha, e eu não posso te perder, gata.

Passéi os braços em torno dele com força e enterrei o rosto em seu pescoço. Inspirei profundamente e me senti segura outra vez. Ele estava ali. E não estava com raiva de mim.

– Me desculpe. Eu devia ter contado. Tive medo que você ficasse furioso.

Mase passou as mãos pelo meu cabelo, enrolando mechas longas em torno dos dedos.

– Acho que acabei provando que sua teoria estava certa – disse ele, num tom divertido.

Assenti.

– Mas eu devia ter contado a você. Capitão diz que não está dando em cima de mim, mas não sei o que ele está fazendo, então. Falei para ele me deixar em paz.

Mase inspirou profundamente.

– Eu quero matá-lo.

Naquele momento, *eu* queria matá-lo. Ele havia feito tudo de propósito.

– Acho que seria melhor eu pedir demissão. Assim, não precisaria vê-lo nunca mais.

Mase não respondeu de imediato. Continuei nos braços dele, grata por tê-lo em volta de mim. Faria o que fosse preciso para manter isso.

– Não. Você adora o seu trabalho. Não vou deixar meu medo e aquele imbecil tirarem isso de você. Mas, de agora em diante, *eu* vou levar o almoço pra você.

Sorrindo, olhei para ele.

– Sêrio?

Ele cobriu meu rosto com uma mão.

– Sêrio. E vai ser comida da minha mãe, melhor do que qualquer merda de restaurante que ele tenha levado. – Deixei um risinho escapar, e ele sorriu. – Você é muito linda por dentro e por fora, Reese. Vou precisar me acostumar com homens querendo o que eu tenho. Eles não podem evitar.

Senti o rosto esquentar e apoiei a cabeça no ombro dele.

– Não acho que seja esse o caso. Capitão é só... irritante.

– Você chama ele de Capitão. Sabe quem ele é?

– Irmão de Blaire Finlay. Ele estava no aniversário de Lila Kate. Fiquei sabendo o apelido dele lá.

Mase franziu a testa.

– Eu não o vi.

– Foi porque conversamos quando você estava dentro da casa com Harlow. Então ele simplesmente desapareceu. Imaginei que tivesse entrado também.

– Mas ele encontrou você e conversou com você – disse ele, num tom irritado.

– Eu estava com Blaire – lembrei a ele.

– Ainda assim, o cara é um babaca.

Ontem, eu teria discordado. Mas depois do que Capitão havia feito hoje, não dava para negar. Ele havia contado a Mase sobre nossos almoços por algum motivo, e não era um motivo inocente.

River Capitão Kipling havia acabado de se tornar meu inimigo.

MASE

Depois de dar um beijo longo e profundo em Reese e deixá-la no escritório, saí para encontrar o imbecil do River Kipling. Liguei para Arthur e perguntei onde poderia achá-lo, e ele me disse que o sujeito estaria no escritório central da Stout and Hawkins.

Ao passar pela porta principal, sorri para a jovem recepcionista. Eu precisava da ajuda dela.

– Bom dia – falei com um aceno de cabeça, empurrando a aba do chapéu para trás.

– Bom dia – respondeu ela, um tanto efusiva demais.

– Arthur me disse que eu poderia encontrar River Kipling aqui. Sabe onde ele pode estar?

Ela não solicitou nenhuma identificação. Apenas assentiu e apontou para uma porta.

– Vá por ali. Ele está na terceira sala, à direita.

Pisquei para ela em agradecimento e fui atrás do filho da mãe.

Nem me dei o trabalho de bater. Apenas abri a porta, entrei e fechei-a atrás de mim. River estava sentado à escrivaninha, trabalhando. Quando seus olhos se ergueram, pude notar o brilho do desafio neles. Eu ia acabar com aquela merda.

– Na verdade, esperava que você viesse antes – disse ele, se reclinando na cadeira, parecendo satisfeito consigo mesmo.

– Reese era mais importante. Fiquei longe dela por alguns dias e precisava matar a saudade da minha garota – falei, com ênfase no *minha*.

Ele deu um sorrisinho.

– Você veio aqui pra afirmar sua posse como um troglodita?

Meu Deus, como eu odiava esse cretino.

– Estou aqui pra proteger Reese. Ela está pensando em desistir de um emprego que adora por sua causa. Não vou deixar você estragar isso para ela. Reese passou por mais problemas do que você jamais conseguirá imaginar. Não precisa de você perturbando a vida dela.

A expressão dele quase pareceu demonstrar remorso.

– Ela venceu a dislexia. Encarou seus fantasmas e está progredindo. Não precisa de alguém isolando-a do resto do mundo. Ela não tem permissão pra ter amigos?

Reese tinha falado para ele sobre a dislexia? Fiquei orgulhoso. Ela havia admitido isso para alguém além de mim e Piper.

– A dislexia atrasou a vida dela por muito tempo, mas ela passou por um inferno bem maior do que este. Não fique achando que a conhece, porque não conhece. E se ela quiser que eu a proteja, eu vou proteger. De qualquer um e de

qualquer coisa. Ela não teve alguém que fizesse isso pela maior parte da vida, mas vai ter pelo resto dela.

River franziu a testa, inclinando-se para a frente e apoiando os cotovelos na mesa.

– Você está sendo injusto com ela ao imaginar que, por ter um histórico familiar difícil, ela não seja forte o suficiente para tomar conta de si mesma. Eu sei que, na verdade, isso a tornou uma pessoa mais corajosa. Eu tive uma vida igual à dela.

Eu realmente odiava esse filho da puta.

– O que aconteceu? A vida foi dura com você? Você levou uns tapas por aí? Deixou a família quando enfim atingiu a idade suficiente? É, bem, você tem muita sorte. Não é desse tipo de inferno que estou falando. Apenas fique longe dela. Você tem papéis pra ela arquivar? Então entregue. Mas quem vai levar almoço pra ela todos os dias serei eu.

River pareceu pesar as minhas palavras antes de decidir como responder. A fonte de suas tiradas espirituosas parecia ter secado.

– Eu estava apenas sendo amigável – disse ele finalmente, dando de ombros. – Vocês dois se incomodaram demais com essa merda. Confiança é parte importante de um relacionamento.

Se eu quebrasse aquela cara convencida dele, acabaria preso. Imaginei se valeria a pena.

– Seu jeito “amigável” a deixou aos prantos ontem. Aos prantos. O que você fez não foi amigável. Foi um golpe baixo, e então você saiu do escritório, deixando-a lá para se virar sozinha. Isso não é ser amigo. Isso é ser um imbecil. Nenhuma mulher merece esse tipo de desrespeito.

Ele não respondeu. Eu precisava ir embora antes que ele dissesse algo de que não pudesse recuar depois. Um dia eu teria a chance de dar uma lição nele, mas ali não era o lugar nem o momento.

Abri a porta e saí.



Era hora do almoço. Cheguei ao escritório de Reese com um bolo de carne da minha mãe, quiabo frito e purê de batatas. Quando abri a porta, ela olhou para mim como se eu fosse a única pessoa no mundo. Antes que eu entrasse, ela já estava vindo na minha direção.

– Oi, gata – falei, segurando a comida longe da gente, para poder me inclinar e beijar os lábios mais lindos do mundo.

– Hum, que cheiro bom – disse ela.

– Sim. Foi minha mãe que fez.

Ela me olhou através dos cílios espessos e sorriu.

– Eu estava falando de você, mas a comida está cheirosa também.

– Cuidado, ou só vou deixar você almoçar depois que repetir o que fiz hoje de manhã – adverti, pensando na ducha que tomamos juntos antes de eu levá-la para o trabalho.

– Tenho um micro-ondas – respondeu ela, se encostando na mesa.

Olhei enquanto ela começou a tirar a blusa.

– Caralho – falei, largando a comida sobre a cadeira vazia. – Tem certeza?

Rezei a Deus para que sim.

Ela assentiu.

– Piper saiu – informou, soltando o sutiã e deixando-o cair. – E eu estou de saia. Seria uma pena não aproveitar isso.

Tomei o rosto dela entre as mãos e capturei aquela boca deliciosa antes que ela pudesse dizer qualquer coisa que me fizesse perder a cabeça. Quando Reese decidia me seduzir, não era preciso muita coisa. Apenas o fato de ela querer já era sexy o suficiente.

Sentir o sabor dela era inebriante.

Ela começou a balançar os quadris e eu interrompi o beijo para olhar para baixo. Ela tinha tirado a calcinha e a chutado para longe ao levantar a saia. Estava arfando.

– Senti sua falta – disse.

Eu também senti falta dela, embora tivéssemos transado no chuveiro cinco horas antes. Mas eu não estava reclamando. Deslizando a mão por entre suas pernas, achei o caminho até o seu calor úmido. Ela estava mais do que pronta.

Comecei a me ajoelhar quando ela agarrou meus ombros.

– Não. Quero você dentro de mim. A gente precisa ser rápido, e eu quero você agora.

Ela parecia sem fôlego.

Depois do dia anterior, eu me perguntei se aquele era o jeito dela de fazer aquelas lembranças sumirem do ambiente. O que quer que fosse, eu faria qualquer coisa que ela me pedisse.

Depois de abrir meu zíper, ela se inclinou para trás, me observando, com as mãos em cima da mesa, exibindo melhor seus peitos maravilhosos. Tirei a calça e então fui na direção dela para cobrir seus seios com as mãos.

– Eu adoro esses peitos – falei com reverência.

– Hummm – murmurou ela, jogando a cabeça para trás e expondo o pescoço.

Eu não ia demorar muito com ela toda aberta para mim daquele jeito. Peguei uma de suas pernas, passei o braço por baixo e puxei-a para cima até sua bunda estar na beirada da mesa. Ela estava completamente exposta para mim agora. Seus olhos estavam cheios de desejo quando ela me encarou.

Devagar, afundei dentro dela, enquanto suas paredes apertadinhas me comprimiam com perfeição.

– Sempre tão maravilhoso... – gemi.

– Demais – disse ela, arqueando os quadris para que eu pudesse enterrar o mais fundo possível. – Ahhh! – gritou quando a preenchi.

– Reese – gemi, ofegante, buscando o olhar dela. – Olhe pra mim.

Ela fez o que pedi e comecei a me mover dentro dela em um ritmo constante que sabia que nos levaria ao êxtase mais rápido do que eu gostaria.

– Ah, meu Deus – gritou ela.

Comecei a estocar mais forte, adorando o som dos seus gritos de prazer.

– É isso que você quer? – perguntei.

Ela se agarrou aos meus braços.

– É – arfou.

– Diga que a sua boceta é minha, Reese – pedi, ainda me segurando dentro dela.

Eu precisava ouvir aquilo.

– É sua – disse ela, sorrindo e rebolando.

Balancei a cabeça.

– Não, gata. Quero que você me diga que a sua boceta é minha.

Baixei a cabeça e beijei o mamilo dela.

– Minha boceta é sua, Mase – disse ela devagar, com os olhos flamejando de desejo.

– É verdade. Ela é. Minha – falei, agarrando seus quadris e metendo com força até ela gritar meu nome e cravar as unhas nos meus braços.

Escutando meu nome vindo do seu peito arfante, cheguei ao paraíso. Nada jamais soaria tão sexy como aquilo.

REESE

Quando o fim de semana chegou, tudo havia voltado ao normal. Capitão não havia aparecido mais no escritório. Tinha enviado arquivos por Major duas vezes, e eu começara a respirar mais facilmente.

Hoje, Mase ia dar uma olhada em dois cavalos que estava pensando em comprar. Decidi fazer umas compras para a casa. Maryann ia à cidade resolver algumas coisas e disse que me deixaria no mercado e me pegaria uma hora depois.

Era a primeira vez que eu fazia compras sem Mase, e estava um pouco nervosa para não esquecer nada que ele queria. Sabia que ele jamais me diria se eu esquecesse alguma coisa, mas estava focada em acertar. Gostava da ideia de tomar conta dele.

Depois de ficar uns bons dez minutos na seção de hortifrúti, passei para os corredores. Não precisava ler muita coisa ali. Como fazia compras no mercado havia anos, era boa em identificar as coisas pelas embalagens e os rótulos.

– Hum, a putinha cresceu.

O sussurro me fez sentir um frio na espinha. Eu conhecia aquela voz. Fazia anos que não a ouvia, mas eu sabia de quem era. Não conseguia me mexer. Não conseguia me virar.

– Não vai cumprimentar o papai? – disse Marco.

Ele não era meu pai. Era o marido da minha mãe, mas não era meu pai. Ele havia sido meu tormento.

– Se você chegar mais perto, vou berrar com toda a força – avisei, ainda de costas para ele.

Não queria vê-lo. Havia parado de ter pesadelos com aquele homem muito recentemente. Eu odiava aquele rosto.

Uma risada baixa e ameaçadora me fez sentir pavor.

– Não, não vai. Você quer que todas essas pessoas saibam a vadia que você é? Eu vou contar a elas. Como você me seduziu. Como queria trepar com o próprio padrasto. Aposto que aquele seu namorado riquinho não sabe a puta que você é. Ou talvez saiba – disse Marco, tocando em meus cabelos.

Senti a bile subindo pela minha garganta. Eu ia vomitar. Tentei gritar, mas congelei de medo. Exatamente como quando era criança.

– Talvez ele goste de putinhas burras, peitudas e com bundão. Acho que é a tara dele.

Fechei os olhos e contrai o corpo. Não. Ele não ia fazer isso comigo. Eu não deixaria. Eu era mais forte agora. Estava crescida. A menininha não existia mais.

– Levei um tempo pra te encontrar, mas já estou de olho em você há uma semana. Sei onde mora, onde trabalha. Burra demais pra dirigir. Não me

surpreende.

Comecei a suar frio. Por que ele estava ali? Por que quis me encontrar?

– Sua mãe morreu. Não que você se importe. Você fugiu e não voltou mais. Vagabunda imprestável – disse ele, segurando meus cabelos com o punho cerrado e puxando com força.

Eu precisava sair dali, mas não consegui encontrar minha voz. Aquilo só podia ser um pesadelo. Ele não estava ali de verdade. Não podia ser real. Eu precisava acordar.

– Nem uma lágrima pela mamãe? Vagabundas burras não se importam com as mães. Mas você amava o seu padrasto, não amava, garota?

Ele puxou meus cabelos com força de novo.

– Me solte – consegui dizer em meio ao pavor que tomava conta de mim.

Ele riu.

– Demorei muito pra te encontrar, garota. Não vou deixar você agora. Você contou a ele que eu tive você primeiro? Que este corpo foi meu antes de ser dele? Que você andava com aquelas roupas justas pra me provocar, me convidando a tocar em você?

Senti meu estômago revirar e dobrei o corpo para a frente enquanto o enjoo tomava conta de mim.

Agarrando os meus cabelos, ele puxou a minha cabeça para trás.

– Você vai sair daqui comigo, e eu não vou contar a ele nenhum dos seus segredos sujos – murmurou Marco no meu ouvido.

O hálito dele cheirava a leite azedo.

Levantei a mão para cobrir a boca, com medo de vomitar sobre os produtos na minha frente. Eu não ia conseguir gritar enquanto lutava para não vomitar. Fechando os olhos com força, rezei para que, se houvesse um Deus e ele se importasse comigo, que me salvasse. Eu não estava preparada para isso.

Talvez houvesse um Deus, porque, de repente, Marco soltou meus cabelos. Eu me virei e vi Capitão com uma expressão de fúria, agarrando meu padrasto pelo braço. Agora que podia vê-lo, ele parecia bem mais velho.

– Se sair daqui sem olhar pra trás, eu deixo você vivo – disparou Capitão, com uma voz baixa e enfurecida.

Marco tentou soltar o braço.

– Quer ser preso por agressão? – A voz dele saiu aguda.

Capitão não pareceu se abalar. Continuou olhando para Marco como se ele fosse a criatura mais baixa sobre a terra.

– Se gritar, não vai ver o sol nascer de novo. Tente, velho. Eu desafio você a tentar.

Eu acreditei nele. Não havia nenhuma risadinha. Nenhum sorriso. A expressão dele era a de um homem sem alma. Capitão era frio, e estava se certificando de que Marco também visse isso.

Eu recuei.

– Acabe suas compras, Reese – disse Capitão. – Vou levar esse merda inútil pra fora. Ele não vai voltar, pode ter certeza – acrescentou sem desviar os olhos de Marco.

Então começou a caminhar arrastando-o pelo braço.

Fiquei parada observando até os dois saírem pela porta da frente. Tirei o celular do bolso e liguei para Mase. Estava prestes a desmoronar e não sabia ao certo se conseguiria chegar à porta antes disso.

MASE

Eu havia ultrapassado todos os limites de velocidade imagináveis quando cheguei à fazenda. Minha mãe tinha ido buscar Reese assim que ela me ligou para contar o que havia acontecido. Pedi para que não desligasse enquanto enviava uma mensagem de texto para minha mãe correr até o mercado. Reese só havia conseguido me dizer que seu padrasto tinha aparecido.

E que River Kipling o obrigara a sair.

Ela estava apavorada, e eu queria abraçá-la. Se tivesse pensado por um segundo que aquele ser humano miserável e doentio viria atrás dela, jamais a deixaria sair de perto de mim.

Eu não parava de pensar no que poderia ter acontecido com a minha garota. E se River não tivesse aparecido? O medo estava me consumindo completamente. Não conseguia nem imaginar a possibilidade. Eu odiava River, mas agora devia uma a ele.

Minha mãe chegou à fazenda logo antes de mim, e eu estacionei atrás da caminhonete dela. Então saltei e corri para Reese. No instante em que abri a porta do lado do carona, ela se jogou nos meus braços e começou a soluçar.

Minha mãe não sabia dos detalhes, mas eu tinha certeza de que, depois de ver a reação de Reese, poderia adivinhar facilmente. Olhei para ela por cima da cabeça de Reese.

– Vou levá-la para casa.

Minha mãe teria que esperar por uma explicação.

Ela assentiu e seguiu para sua casa, nos deixando a sós.

– Eu sinto muito – falei, me sentindo impotente ao abraçá-la.

Ela apenas soluçou ainda mais. Se eu estivesse lá na hora, teria matado o sujeito. Eu queria vê-lo morto. Ele havia marcado a vida dela e voltado para reabrir feridas antigas. Cretino.

Olhando para a frente, vi outra caminhonete vindo na nossa direção. River Kipling. Por mais que não gostasse dele, compreendi sua necessidade de verificar como Reese estava. Ele havia visto aquilo, e a salvara. Eu teria de encontrar uma maneira de aceitá-lo.

Ele parou a caminhonete e Reese deu um salto ao ouvir o barulho da porta se abrindo e fechando. Ela estava assustada. Eu precisava levá-la para casa para que ela se sentisse segura.

– Ela vai ficar bem? – perguntou River, mantendo distância.

Eu faria tudo o que pudesse para garantir que ficasse. Ela já havia superado esse pavor antes. Poderia superar novamente.

– Vou cuidar disso – respondi, sabendo que precisava dizer mais. Ele merecia.

– Obrigado. Pelo que você fez.

Ele nem tomou conhecimento das minhas palavras. Estava com os olhos grudados nas costas de Reese, com o maxilar tenso.

– Eu o escutei. Eu estava no corredor ao lado, e o escutei. Foi ele... o responsável por fazê-la passar pelo inferno?

Eu apenas assenti.

River balançou a cabeça em resposta, então se virou e, sem dizer uma palavra, foi embora.

Peguei Reese nos braços e a levei até a minha caminhonete. Ela precisava ir para casa.



Sentei com as costas na cabeceira e Reese nos meus braços. Ela estava com a cabeça apoiada em meu peito e o ritmo de sua respiração havia desacelerado. Tinha dormido fazia mais de uma hora, mas eu não a havia movido de lugar.

Nós poderíamos ficar semanas, meses, até, sentados ali daquele jeito. Eu a abraçaria pelo tempo que fosse preciso. Queria que ela se sentisse segura novamente. Não deixaria o medo tomar conta dela. Queria apagá-lo de sua lembrança para que ela nunca mais se sentisse daquela maneira.

Depois que ela estivesse tranquila e descansada, eu chamaria a polícia. Reese precisava de uma liminar contra ele. Também ia aumentar a segurança ao redor da fazenda. Teria que conversar com Piper para garantir que Reese nunca ficasse sozinha nos estábulos. Melhor ainda, eu ia ensiná-la a atirar. Ela teria uma arma.

Ouvi uma batida na porta de casa e a voz da minha mãe chamou meu nome baixinho. Não respondi, por medo de acordar Reese. Então minha mãe foi até a porta aberta e me viu lá dentro com ela. Seus olhos estavam cheios de preocupação.

– Quem era ele? – perguntou ela em um sussurro.

– O padrasto dela.

Minha mãe fechou os olhos com força.

– Ah, meu Deus, não – falou, começando a chorar.

– É – foi tudo o que eu disse para confirmar o que ela estava pensando.

Minha mãe cobriu a boca para abafar um soluço.

– Ah, Mase, você sabia?

Assenti.

– Ela me contou antes mesmo de nós...

Minha mãe soube o que eu queria dizer.

– Fique aqui tomando conta dela. Vou trazer comida. Papai vai cuidar dos estábulos – falou ela.

– Obrigado – retruquei, embora nós dois soubéssemos que eu nem sequer cogitara em ir a lugar algum.

Eu não ia sair do lado de Reese.

Minha mãe se aproximou e se abaixou para dar um beijo na cabeça de Reese, e então fez o mesmo comigo.

– É um horror que nenhuma menina jamais deveria conhecer – sussurrou.

– Faz com que eu me sinta impotente – admiti.

Eu queria resolver todos os problemas dela, mas como consertar aquele passado?

Minha mãe passou a mão pelos meus cabelos.

– Você é o que ela precisa. Não se sinta impotente. Apenas fique aqui com ela.

– Pode deixar. Ela tem a mim.

Minha mãe assentiu, então se virou e saiu do quarto.

A casa ficou em silêncio depois que ela saiu. Continuei elaborando uma lista mental das coisas que eu precisava fazer enquanto Reese estivesse descansando. Eu tornaria o mundo dela seguro. Faria tudo o que estivesse ao meu alcance e mais.

Um grito escapou dos lábios dela, e eu a apertei com mais força nos braços. Aproximei a boca de seu ouvido.

– Eu estou aqui, e você está segura. Durma, gata.

Ela se acalmou imediatamente ao som da minha voz. Por ora era o que eu podia fazer. O resto iria esperar. Mas logo eu cuidaria de tudo.

Meu mundo havia sido ameaçado em um instante. Eu deveria estar lá com ela. Afastei os cabelos do rosto de Reese e fiquei encarando aquela beleza em meus braços. Ela havia enfrentado muito sofrimento, mas ainda era linda por dentro. Era gentil. Honesta. Mais importante: era minha. Eu a havia encontrado. Havia encontrado a minha mulher. Aquela que mudaria o meu mundo. Rush tinha razão: ela era tudo o que eu sempre quis.

Quem diria que Rush Finlay poderia ser tão sábio? Ele era o filho encenqueiro do astro de rock. Eu era o bonzinho. Ainda assim, talvez ele tivesse dito a coisa mais sincera que alguém já me falara na vida.

CAPITÃO

Um hotel em ruínas nos arredores de Fort Worth, Texas

Eu havia passado a noite toda esperando. Era um homem de palavra. Olhei a hora no painel do Escalade preto que estava dirigindo e vi que faltava pouco para o sol nascer. Tinha estacionado nos fundos do prédio, longe da vista da recepção. Não que isso importasse. O recepcionista de plantão era um homem de meia-idade que havia entornado uma garrafa de tequila na noite anterior e transado com uma prostituta pouco antes de voltar para seu posto e imediatamente desmaiar.

Eu tinha observado todos os quartos. Apenas três estavam ocupados. Dois deles ficavam mais perto da recepção, mas nenhum dos hóspedes havia voltado sóbrio o bastante para acordar antes do meio-dia. O hotel ficava em uma faixa deserta da estrada, facilitando ainda mais as coisas para mim.

Peguei a única coisa de que precisava e enfiei no coldre escondido por baixo do casaco de couro.

Peguei o celular descartável e enviei uma única frase por mensagem de texto:

O sol nasceu.

Sem esperar uma resposta, saí do veículo e segui até o quarto que passara a noite observando. A tinta da porta velha estava descascando. Era o quarto número 45, mas não existia 4. Havia apenas tinta desbotada onde ele estivera um dia. Dei um passo para trás e, com um chute rápido, arrombei a porta.

Não me importei com as luzes ao fechar a porta atrás de mim.

– Que porra é essa? – disse uma voz grogue quando o cretino gordo sentou na cama.

Não falei nada. Ele não merecia uma resposta. Eu não estava ali para responder às perguntas dele. *Ele* ia responder às minhas. Sentei na cadeira ao lado da janela. Como ele já havia fechado as cortinas, eu não precisei fazer isso.

– Vou chamar a polícia – ameaçou ele, com a voz evidenciando o medo.

Tirei a arma da cintura e atirei no telefone, fazendo pedaços de plástico voarem em todas as direções.

– Filho da puta! – berrou o homem, dando um salto.

Fiquei grato por ele estar de cueca e eu não precisar ver as partes dele para fora.

– Tem um silenciador nessa coisa – falou. Então, me reconheceu. Seus olhos miúdos ficaram mais arregalados do que eu imaginei que fosse possível enquanto ele mantinha as mãos para o alto. – Eu não fiz mais nada. Você disse que se eu fosse embora, poderia viver. Eu não saí deste quarto – disparou, sem parar de tagarelar.

Eu me recostei e fiquei observando o medo tomar conta dele.

– Você disse... – começou ele de novo.

– Eu disse que se você fosse embora, eu o deixaria ver o sol nascer outra vez – respondi, então estendi a mão e afastei uma das cortinas. – Pronto. Já viu.

Soltei a cortina de volta ao lugar.

– Eu vou embora. Não vou voltar – prometeu ele, desesperado.

Apoiei a arma no joelho e olhei furiosamente para o sujeito que havia feito tantas coisas nojentas. Coisas que o tornavam inútil. Imperdoáveis.

– Eu sei que você não vai voltar – respondi com frieza enquanto continuava olhando para ele.

– Ela é uma mentirosa. Sempre foi. O que quer que aquela vagabunda tenha contado a você, é mentira. Ela roubou a mãe. Partiu o coração dela.

– É melhor parar – alertei. Deslizei o cano da arma pela calça. – No instante em que levantar a voz, eu faço você calar a boca. Pra sempre.

– O que você q-q-quer?

– Justiça. Quero que Reese tenha a vida que merece. Quero que todo escroto imundo e nojento como você se afogue no próprio sangue. É só isso que eu quero.

Ele balançou a cabeça enquanto se afastava de mim.

– Ela mentiu. O que quer que tenha dito, ela mentiu. É uma manipuladora. Usa o corpo pra convencer os homens a fazerem o que ela quer.

– Você sabe quem é o pai verdadeiro dela? – perguntei, inclinando a cabeça para o lado enquanto registrava o medo nos olhos dele.

Ele balançou a cabeça.

– Não. O cara engravidou a mãe dela e fugiu. Eu salvei as duas. Cuidei delas. Eu que dei um teto para elas. Eu cuidei dela, e ela nunca me agradeceu por isso. Ela queria mais.

Ele estava apelando para qualquer coisa para salvar a própria pele. Homens que sabiam que sua vida estava por um fio diziam qualquer coisa para prolongar suas existências inúteis. Eu já tinha visto isso antes. Já havia escutado tudo antes.

– Por que você foi atrás de Reese? Ela foi embora da sua casa aos 16 anos.

Era algo que eu queria saber. Se havia alguém mais lá fora que precisasse ser interrompido, eu tinha que me certificar de que isso seria feito. Mas, de toda a pesquisa que eu fizera, só havia aquele cretino doentio.

– A mãe tinha documentos com um fundo fiduciário para Reese. Ela nunca disse de quem era. Eu não reconheci o nome. Nós tentamos de tudo para sacar o dinheiro, mas era impossível. Batalhamos pra criar aquela menina, e ela nos devia. A mãe dela, coitada, morreu de exaustão, e eu não tenho dinheiro para pagar as contas médicas dela. Mal consegui arcar com o enterro. Aquele dinheiro é meu. Reese me deve isso. Deve isso à mãe.

Então ele sabia do fundo. Isso explicava tudo.

– Quando a mãe dela morreu? – perguntei.

– Há um mês – disse ele, parecendo menos apavorado.

Estava acreditando que havia conseguido alguma vantagem comigo. Se soubesse...

– Então a vagabunda está morta. Que bom – falei, levantando a arma e

apontando direto para a cabeça dele.

Enquanto me levantava, eu me delicieei com o absoluto horror nos olhos dele ao recuar.

– Você não pode... Eu contei pra você o q-que ela fez. O que ela me deve – disse ele com a voz trêmula.

– Reese não deve nada a você. Você roubou a inocência dela, e transformou a vida de uma menininha em um pesadelo. Além disso, ainda a convenceu de que ela era burra. Marcou a vida dela de uma forma que jamais poderá ser apagada. O passado dela nunca vai desaparecer. Está dentro dela, e ela terá que lidar com ele pelo resto da vida.

Ele balançou a cabeça.

– Ela queria.

E isso foi tudo o que eu consegui suportar.

A bala saiu da arma silenciosamente, e, por uma fração de segundo, pude aproveitar a expressão nos olhos de Marco ao saber que seu tempo havia acabado. Ele desabou no chão e eu guardei a arma de volta no coldre. Do buraco na testa começou a escorrer sangue, que logo cobriu seu rosto e passou a pingar no chão. Seus olhos estavam arregalados e vazios.

Ele foi o último desgraçado que eu mandei embora deste mundo. Meu trabalho estava feito. Era hora de sair dessa. Matar o homem que havia machucado Reese era a melhor maneira de encerrar esta parte da minha vida.

Quando tudo começou, eu não tinha a intenção de me apaixonar por ela. Eu sabia que o coração dela tinha dono. Mas era difícil não a amar.

– Aproveite o inferno, filho da puta – falei, decidido, enquanto largava o cartão impresso que me havia sido enviado para ser usado neste momento.

Então sai do quarto e segui para o Escalade.

Quando cheguei à estrada e fui ao local onde largaria o carro, peguei o celular descartável e digitei o único número para o qual eu havia ligado dele.

– Cap – disse a voz firme pela linha segura.

– Feito – falei.

Ouvi um suspiro de alívio pelo telefone.

– Acabou – disse ele.

Pude ouvir a emoção em sua voz. E compreendi.

– Sim, acabou.

Encerramos a chamada e eu larguei o telefone no assento ao meu lado.

Sentiria falta de trabalhar para DeCarlo. Ele tinha me dado uma vida quando eu era um garoto perdido. Devia muito a ele. Pela primeira vez, senti que o havia pagado por completo. O homem que abusara sexual e fisicamente da filha de DeCarlo agora estava morto. Reese teria a vida que o pai queria que ela tivesse. Ele não precisava mais de mim atrás dela para mantê-la segura. Reese estava em boas mãos.

Eu não tinha dúvidas de que Mase Manning daria a ela a vida de uma princesa.

REESE

Mase me segurou em casa pelos dois dias seguintes. Eu estava começando a achar que ele estava mais abalado com aquilo do que eu. Não saía de perto de mim, e Maryann nos levava comida todos os dias. Eu permiti que me mantivesse ali tanto por mim quanto por ele. Sabia que nós dois precisávamos voltar ao trabalho, mas não conseguia encontrar coragem para sair.

Mais de uma vez, Mase sugeriu que eu ligasse para o meu pai. Achava que conversar com ele, com minha avó ou com Raul ajudaria, mas não consegui. Eu tinha medo de ouvir suas vozes e ser lembrada da vida que eu não tivera com eles. As lembranças do que eu fora obrigada a enfrentar estavam vivas demais naquele momento. Perdoar meu pai por não ter me encontrado e me salvo mais cedo era mais difícil depois de ver Marco novamente.

Mase não me pressionou. Enquanto víamos um filme abraçados no sofá, ele sugeriu que fôssemos passar uma semana em Rosemary Beach. Eu sabia que ele estava tentando me afastar dali. Sim, eu tinha ficado segura em Rosemary Beach, mas o fato era que Marco poderia ter me encontrado lá. E se isso tivesse acontecido? E se eu não tivesse conhecido Mase ainda? Essa ideia me atormentava.

Meus pesadelos haviam voltado com força total. Por mais que eu quisesse ser forte e voltar ao trabalho, sabia que não seria capaz. Não ainda. Eu não sabia o paradeiro de Marco, e sair de perto de Mase era de mais para mim. Eu detestava permitir que ele fizesse isso comigo. Marco estava invadindo meu conto de fadas e o arrancando de mim, exatamente como havia feito com a minha infância e a minha inocência.

Até que ele fosse encontrado e estivesse preso, eu teria medo de viver minha vida normalmente.

Foi na manhã de terça-feira que eu enfim disse a Mase que queria ir para Rosemary Beach. Ele não perdeu tempo. Logo nossas malas estavam prontas e em poucas horas um avião nos aguardava. Mase falou com Piper e me garantiu que ela estava mais preocupada comigo do que com o trabalho.

Eu adorava o Texas. Adorava estar ali com Mase. Mas Marco havia maculado aquele lugar para mim. Havia tirado mais uma coisa de mim. Eu o odiava. Se ao menos eu não tivesse ficado tão apavorada... Se ao menos tivesse gritado... batido nele ou reagido de alguma maneira, ele não estaria livre, e eu não estaria vivendo com medo.

Quando aterrissamos e desembarcamos, Grant Carter saiu de um utilitário prata e veio até nós.

– Obrigado por vir nos buscar – disse Mase quando Grant pegou uma das malas das mãos dele.

– Você é da família, cara. Não precisa agradecer. – Ele olhou para mim. – Que bom que você está aqui, Reese. Harlow planejou cada segundo da estadia de vocês. Ela está muito empolgada.

O sorriso sincero dele não escondia a preocupação em seus olhos. Aquelas pessoas se importavam comigo de verdade. Ver isso fez meus olhos se encherem de lágrimas. Eu nunca havia tido uma família de verdade. Aquela com que eu deveria poder contar havia me decepcionado e permitido que eu vivesse em um mundo cheio de pesadelos. Eu não ia deixar isso me impedir de ter um relacionamento com eles, mas jamais conseguiria realmente perdoar meu pai por isso.

Mas a família de Mase era leal. Eles estavam prontos para abrir a casa e os braços para mim, para me acolher e me aceitar como já vinham fazendo. De alguma maneira, consegui não chorar. Em vez disso, sorri para Grant.

– Obrigada. Também estou ansiosa para passar um tempo com Harlow.

Mase pousou a mão livre nas minhas costas ao me guiar até o carro. Enquanto Grant guardava nossas malas e dava a volta até o lado do motorista, Mase me puxou para perto dele e segurou meu rosto.

– Você é minha família, Reese. Isso faz deles sua família. Ninguém neste mundo é mais importante pra mim do que você, e é por isso que a minha irmã adora você. Aceite isso – disse ele. – Não é motivo para chorar.

– Eu não chorei – falei.

Um sorrisinho levantou um canto de sua boca.

– Não, mas quase. Eu vi o seu rosto. Conheço todas as suas expressões, gata.

Dando uma risadinha, eu me apoiei na mão dele e sorri.

– Eu amo você, Mase Manning.

– E isso faz de mim o cara mais feliz do mundo.



Entramos na casa dos Carter, onde havia uma mesa repleta de salgadinhos e docinhos. Harlow veio nos receber, com Lila Kate agarrada à sua perna espiando a todos com uma expressão curiosa. No instante em que Grant entrou em casa, porém, ela se soltou da mãe e deu um gritinho, levantando os bracinhos para o pai.

– Aí está a minha gatinha – disse Grant, largando a mala ao lado da porta para pegar a mini-Harlow no colo.

Lila Kate deu tapinhas no rosto dele com as duas mãos, sorrindo alegremente.

– Papai!

– Ela faz beicinho todo dia quando Grant sai. A hora que ele chega em casa é a parte preferida do dia dela – disse Harlow, sorrindo para o marido e a filha.

– É porque ela é a menininha do papai – falou Grant, orgulhoso, enquanto beijava o rostinho fofo dela.

– Sem dúvida – concordou Harlow. Então ela se virou para nós, sorridente. – Eu me empolguei um pouco com o lanchinho que preparei pra vocês.

– Estou morrendo de fome. Está tudo incrível – disse Mase, puxando a irmã

para um abraço.

Sussurrou alguma coisa no ouvido dela e ela reagiu com um aperto mais forte. Vê-los juntos me fez pensar em Nan. Por que ela não queria essa proximidade com eles?

– Quer pudim – disse Lila Kate a Grant, ainda dando tapinhas no rosto dele.

– Já vou me juntar a vocês. Comecem sem mim. Lila Kate quer pudim. É uma coisa que fazemos toda vez que eu chego em casa – explicou ele.

Então foi até Harlow, deu um beijo carinhoso em sua boca e disse que a amava antes de levar Lila Kate para a cozinha.

Harlow se virou para vê-lo se afastar como se nunca o tivesse visto caminhar antes. Quando se voltou para nós, estava com o rosto corado. Eles estavam vivendo o conto de fadas que eu queria para mim.

MASE

Harlow havia levado Reese para fazer compras com as meninas. No começo, ela não queria sair de perto de mim, e eu não ia obrigá-la a fazer isso, mas Harlow estava tão empolgada que Reese acabou relaxando. No fim, ela me garantiu que estava bem. Eu disse à minha irmã que não queria que elas saíssem de Rosemary Beach. Fazia questão de estar por perto se ela precisasse de mim. Harlow prometeu que não iriam longe, que só queria que Reese se distraísse.

Eu estava indo jogar golfe com Grant e Rush no Kerrington Country Club quando meu telefone tocou. Não reconheci o número e detestei o medo que isso me provocou. Eu não devia ter deixado Reese sair sem mim.

– Alô – falei, sentindo o coração na garganta.

– Mase Manning? – perguntou uma voz masculina.

– Sim.

– Aqui é o detetive Northcutt, do departamento de polícia de Fort Worth. Marco Halls foi encontrado.

Fui tomado por um alívio profundo. Eles o haviam achado. O filho da mãe não ia ficar solto.

– Nós prestamos queixa, e Reese tem uma liminar contra ele. Qual é o próximo passo?

Eu estava pronto para dar um fim naquilo. Queria o sujeito atrás das grades. Só não tinha certeza de que isso iria acontecer.

– Ele está morto – disse Northcutt.

Inspirando profundamente, digeri a informação. O filho da puta estava morto. Puta merda.

– Ele foi encontrado hoje de manhã pela camareira do hotel de beira de estrada em que estava hospedado. Faz dois dias que está morto, e ninguém sabia. Ele havia pagado adiantado pelo quarto e pediu privacidade. A camareira só entrou porque ele deveria fazer o check-out hoje.

– Como foi? – perguntei, sentindo o mais puro alívio.

Ele nunca mais iria se aproximar de Reese.

– Tiro na cabeça. Um único tiro – respondeu ele. – Você foi, evidentemente, o primeiro suspeito, mas estivemos na sua casa e falamos com seus familiares. Conversamos com a Sra. e o Sr. Colt, e também com Major Colt, e eles nos informaram que você e Reese não saíram de casa por dois dias e que depois foram para Rosemary Beach, na Flórida, para visitar sua irmã. Vamos checar essas informações, mas, no momento, você não é mais um suspeito. Aparentemente, ele tinha mais inimigos. Há provas de que estava envolvido com drogas, e acreditamos que possa ter sido alguém a quem devia dinheiro. Qualquer informação que você tenha será útil.

– É claro. Mas Reese não sabia dele ou da mãe desde os 16 anos, quando eles a expulsaram de casa. O dia em que ele a abordou no mercado foi a primeira vez que ela o viu desde então, e isso a deixou realmente abalada. Não sabemos nada sobre o sujeito além do que ele fez com Reese quando ela era criança.

– Foi o que imaginamos. Não pareceu ser um crime praticado no calor das emoções. Foi algo bem planejado e sem deixar vestígios. Tem todas as características de ter sido executado por um assassino de aluguel, o que quer dizer que talvez nunca saibamos...

Ele parou no meio da frase, e percebi pelo tom da sua voz que ele não queria descobrir. Tinha ouvido o depoimento de Reese, e sabia o que aquele escroto filho da puta havia feito com ela.

Mas um assassino de aluguel? Quem diabo aquele sujeito havia irritado? E se eles soubessem sobre Reese? Será que achariam que ela tinha alguma coisa dele que os interessasse? Merda. Meu alívio logo se transformou em medo novamente.

– Se foi algo profissional, eles podem vir atrás de Reese, achando que ela sabe de alguma coisa? – perguntei.

Eu precisava encontrá-la onde quer que ela estivesse e mantê-la em segurança, perto de mim.

O detetive pigarreou.

– Havia algo no local que nos leva a crer que Reese esteja a salvo. Também é algo que liga o morto ao tráfico de drogas. Já vimos esse cartão antes – disse ele em um tom de voz mais baixo.

– O quê? O que você quer dizer? – Afastei o telefone da boca e olhei para Grant. – Preciso falar com Reese... Agora.

Ele assentiu e deu meia-volta com a caminhonete.

– Havia um bilhete. Não tinha impressões digitais nem fora escrito à mão. Dizia apenas *Para a minha menininha*.

Dei um suspiro profundo e fechei os olhos, inclinando a cabeça para trás. Que diabo havia acontecido? Que menininha era essa com quem aquele cretino doente havia mexido dessa vez?

– Quando vocês voltarem a Fort Worth, precisamos que os dois nos procurem para responder a algumas perguntas.

– Sim, é claro – falei. – Havia alguma impressão digital?

– Como eu disse, foi um trabalho profissional. Não há nenhuma pista. Tudo o que temos é esse cartão. Que... – Ele fez uma pausa. – O cartão explica o motivo da morte. É algo que já vimos muitas vezes antes. Temos certeza de que é o mesmo tipo de cartão e a mesma impressão. Já foi examinado. Por enquanto, não posso dizer mais nada.

O recado. A única coisa em que eu podia me agarrar para ter certeza de que Reese estava segura. Quem quer que tivesse matado Marco não teria motivo para ir atrás dela. Duvidava que alguém sequer soubesse que ela fazia parte do passado dele.

Encerrei a ligação assim que paramos no café onde Harlow nos esperava com Reese, do lado de fora. Reese estava com um ar de preocupação, mas eu precisava dela comigo. Queria abraçá-la enquanto pensava em tudo aquilo.

– Oi – disse ela, correndo na minha direção no instante em que desci da caminhonete. – O que aconteceu?

Eu a puxei para mim e inspirei fundo, deixando meu coração se acalmar.

– Qual é o problema? – insistiu ela, apoiada em meu peito.

Não havia problema nenhum. Ela estava ali, em segurança, e outra pessoa havia garantido que ela permaneceria assim para sempre.

– Ele está morto – falei. – Marco está morto.

Ela recuou e olhou para mim com um misto de perplexidade e esperança nos olhos.

– O quê? – sussurrou ela.

– Ele está morto – repeti.

Decidi não dar detalhes a ela. Não naquele momento.

– Ah, meu Deus – murmurou ela, e então soluçou. – Acabou? Acabou para sempre?

Assenti, compreendendo a emoção dela.

– Acabou, gata – garanti, segurando seu rosto entre as mãos e agradecendo a Deus por ela estar segura.

E por ser minha.

REESE

Eu estava com dor de cabeça, e pronta para ir para casa. O detetive designado para o caso de Marco havia me questionado sobre tudo. Minha mãe, meu pai biológico, a família dele. Precisei contar a ele exatamente o que Mase e eu fizemos durante os dois dias depois que Marco me atacou no mercado. Foi difícil lembrar de tudo, mas tentei dar a ele o máximo de detalhes possível.

Eu me senti culpada dizendo a eles que Capitão tinha levado Marco para fora do mercado. Não o queria envolvido nisso. Mas a polícia já tinha essa informação de testemunhas, e Capitão já havia sido ouvido. Qualquer que fosse o álibi dele, era sólido.

Depois que fomos liberados, o detetive me deu um tapinha paternal nas costas. Eu não esperava que eles capturassem o assassino de Marco. Estava grata pelo fato de a pessoa ter escapado. Mostraram um cartão que dizia simplesmente *Para a minha menininha* e perguntaram se eu sabia quem o havia deixado. Eu nunca tinha visto um cartão daquele tipo na vida, mas senti uma pontada no coração ao olhar para ele. Era culpa minha que a menininha de alguém tivesse sido machucada por Marco. Nunca contei a ninguém o que aconteceu comigo antes de conhecer Mase, e aquele homem ficara livre para continuar aterrorizando garotinhas por causa do meu silêncio.

Mase me manteve perto dele enquanto íamos até a caminhonete dele.

– Você precisa de um demorado banho de espuma. Depois vou lhe fazer uma massagem. O dia acabou. Tudo acabou. Você pode viver sem ser assombrada por ele agora.

Assenti. Ele tinha razão. Era isso. Minha vida começava realmente agora. Marco e minha mãe não estavam mais aqui, e jamais voltariam. Eu podia deixar para trás as lembranças da vida que havia tido com eles.

– Quero ver meu pai – falei a Mase.

Havia coisas que eu precisava dizer a ele. Coisas que não dissera antes porque estava feliz demais por ter uma família. Mas para deixar de fato meu passado para trás, precisava explicar a meu pai como me sentia. E precisava dizer que o perdoava.

– Quando? Consigo um voo assim que possível.

– Ainda não. Mas em breve. Vamos pra casa e voltar pra nossa vida primeiro.

– O que você quiser, gata.



Nas duas semanas seguintes, a vida voltou aos eixos. Mase me levava almoço todos os dias e Capitão não pôs os pés na minha sala de novo. Ou ele deixava os

documentos para mim em um arquivo em cima da mesa do lado de fora ou mandava Major levar. Eu não estava mais nervosa, e o trauma emocional que o retorno de Marco tinha causado havia começado a desaparecer.

Era domingo à tarde quando tudo mudou. Mais uma vez.

Mase e eu havíamos passado uma manhã preguiçosa juntos, e então ele saiu para conferir algumas coisas nos estábulos.

Depois do incidente com Marco no mercado, tínhamos ficado quase sem comida em casa, e agora também estávamos quase sem toalhas de papel e xampu. Enquanto eu estava no banheiro checando o que mais estava faltando, vi a caixa fechada de absorventes que eu havia comprado no mês anterior.

Olhando para eles, tentei me lembrar quando eu deveria ter ficado menstruada. Peguei as pílulas anticoncepcionais no armário de remédios e conferi. Duas semanas atrás. Eu devia ter ficado menstruada duas semanas atrás.

Minhas mãos tremiam quando larguei a cartela de pílulas e voltei para o quarto, para sentar um pouco. Eu havia passado por muita coisa nessas duas semanas. Minha mente estava pensando em tudo, menos na chegada da menstruação. Tinha esquecido aquela única pílula na manhã depois de ver Marco.

Mas tomara duas no dia seguinte, e nós nem tínhamos transado naquela noite – eu estava arrasada. Alguma coisa tinha de estar errada. Eu não podia estar grávida.

Colocando a mão na barriga, eu me permiti imaginar por um instante que estava. Imaginei que carregava o bebê de Mase. Fui invadida pela alegria, que logo foi substituída pelo mal-estar. Mase nem havia me pedido em casamento ainda. Ele não estava pronto para uma família. Eu não podia impor isso a ele. Mase acreditava que eu estava tomando o anticoncepcional, e eu o havia deixado na mão.

Como poderia ser mãe se eu mesma nunca tivera uma? Não tinha um exemplo a seguir. A que me coubera não havia sido nada que eu gostaria para o meu filho. Com a mão na barriga, soube que precisava ir a um médico. Sem Mase. Não havia motivo para entrar em pânico sem necessidade, mas como eu conseguiria ir a um médico sem contar a ninguém?

Piper. No dia seguinte perguntaria a Piper se ela podia me levar. Confiava nela, e sabia que iria compreender. Bem, pelo menos era o que eu achava.

Afastei esse pensamento da cabeça e terminei a minha lista de compras. Não podia me preocupar com isso agora. Havia uma chance de não estar grávida. A menstruação podia estar só atrasada. Eu me agarraria a essa esperança até não poder mais.

– Oi, gata – chamou Mase ao abrir a porta de casa.

Peguei a lista e voltei para a sala. Eu não cansava de vê-lo ali parado com a calça jeans, o chapéu de caubói e as botas cheias de terra. Às vezes era difícil acreditar que ele era meu. Ele sorriu e veio até mim.

– Se continuar olhando pra mim desse jeito, vamos ter que cancelar a ida ao mercado.

Eu sabia exatamente o que faríamos em vez disso e, por mais tentador que fosse, estava muito assustada para arriscar. E se não estivesse grávida, mas ainda

pudesse ficar depois de fazer aquela confusão com as pilulas? Dei uns tapinhas no peito dele e sorri, esperando que a preocupação no meu olhar não transparecesse.

– Precisamos fazer compras – lembrei.

Mase abaixou a cabeça e capturou minha boca em um beijo intenso que me fez esquecer de tudo, exceto de como ele me fazia bem.

– O que você quiser – sussurrou no meu ouvido, dando um tapa na minha bunda. – Meu Deus, adoro esta bunda.

Levantei a lista de compras.

– Prioridades – falei, indo pegar a minha bolsa.

– Eu tenho uma prioridade, e com certeza não é uma uma lista de compras – retrucou ele em um tom divertido.

Era possível amar alguém tanto quanto eu o amava? Será que isso era saudável?

MASE

Reese ligou para contar que Piper ia levá-la para almoçar na terça-feira. Gostei de saber que ela estava criando uma amizade com Piper. Queria que tivesse amigas. Ali seria o nosso mundo, e Reese se encaixar nele era importante. Eu precisava que ela gostasse tanto daquele lugar quanto eu.

Na hora do almoço, fui à casa da minha mãe para comer alguma coisa. A caminhonete de Aida estava estacionada do lado de fora, e eu parei por um momento. Não ia conseguir lidar com drama nenhum hoje.

Ela não tinha ido embora numa boa, e eu não sabia direito por que havia voltado. Mas, por outro lado, não queria confrontá-la mais tarde, na frente de Reese. Minha garota já havia enfrentado dificuldades suficientes no último mês.

Suspindo, torci para isso não estragar meu almoço. Quando entrei pela porta da cozinha, minha mãe se virou com um sorriso de quem pedia desculpas. Ela estava me esperando. Eu havia ligado para dizer que não precisava levar almoço para mim e Reese hoje e que eu iria comer com ela.

Relutantemente, eu me virei para ver Aida sentada à mesa na frente do meu padraço.

– Pai – cumprimentei. E então: – Aida.

– Terminou de fazer aquela lista pra eu dar ao Johnson? – perguntou ele. – Ele vai passar aqui mais tarde.

Meu pai sabia do drama com Aida, e falar sobre coisas da fazenda foi sua forma de manter o clima tranquilo.

– Terminei, vou entregar a você depois do almoço – respondi, então fui dar um beijo na minha mãe e pegar o prato que ela estava preparando para mim. – Pode deixar. Sente-se e coma.

– Desculpe – fez minha mãe com os lábios, sem emitir som, ao me entregar o prato.

Ela também não estava esperando Aida. Assenti e terminei de preparar meu prato antes de ir me sentar.

Imaginei que ignorar Aida não fazia sentido e seria tenso para todo mundo.

– O que traz você aqui, Aida? – perguntei antes de pegar uma porção das batatas gratinadas.

Ela ficou um pouco tensa, e vi o nervosismo em seus olhos. Nós não éramos assim. Foi uma pena ela ter estragado nossa amizade.

– Eu estava com saudade de todo mundo. Pensei em passar pra ver como iam as coisas.

Assenti e dei uma mordida em um pedaço de pão.

– Está pronta pra voltar às aulas? – perguntou minha mãe em um tom um pouco alegre demais.

Aida deu de ombros.

– Na verdade, não. Não sei o que quero fazer, então a faculdade parece sem sentido.

– Bem, não é. Você precisa construir uma base sólida pra ser qualquer coisa na vida – opinou meu padraço.

Aida assentiu. Ela não ia discutir com ele.

– É o que a minha mãe diz – falou, fazendo beicinho.

– E é verdade – retrucou ele.

– Você devia ouvi-la – completou minha mãe.

Concentrei-me nas minhas costeletas de porco. Não tinha nada a acrescentar àquela conversa.

– Imaginei que você fosse estar noivo a esta altura – comentou Aida, e eu parei de mastigar por um instante para digerir o que ela disse.

O que ela estava tentando insinuar com aquele comentário?

Depois que engoli, tomei um longo gole de chá gelado e me virei para ela.

– Ainda não – falei.

Um sorriso satisfeito tomou seus lábios. Ela estava interpretando isso como uma chance para ela? Não era possível. Nós já havíamos passado dessa fase.

– Não vamos discutir a vida pessoal de Mase. Quando ele estiver pronto pra ficar noivo, ficará – disse minha mãe com um sorriso forçado.

Ela também estava irritada com Aida.

– Eu só estava me perguntando se ele havia decidido colocar um anel no dedo dela ou não – disse Aida, dando de ombros, então tomou um gole de água ainda olhando para mim.

Não pretendia dar a ela uma explicação, mas também não queria que ela pensasse que tinha qualquer esperança.

– Quando eu achar que Reese está pronta para o pedido, pode ter certeza que o farei. Estou dando um tempo. Ela passou por muita coisa recentemente – falei.

A irritação na minha voz era evidente.

Meu padraço pigarreou, e eu olhei para ele.

– Estou pensando em começar a criar cabras anãs. Por que não me encontra lá fora pra conversarmos sobre isso? Sua mãe não para de me falar sobre essas cabras.

Mudança de assunto. Obrigado, pai. Assenti.

– Parece legal. Gostei da ideia.

– Ah, oba – disse minha mãe, sorrindo alegremente para ele.

Ele deu uma piscadinha para ela e eu vi minha mãe corar como uma menininha apaixonada. Esse era um dos motivos pelos quais eu adorava aquele homem. Ele amava a minha mãe da forma como ela merecia. Kiro nunca a amou, mas eu era grato por isso. A vida que ela acabou tendo foi muito melhor do que a que teria tido com ele. A vida que eu tive também foi muito melhor do que a que teria tido com Kiro.

– Vai chegar uma pessoa com dois Appaloosas em cerca de meia hora, então preciso voltar para os estábulos. Você se importa se eu levar esta última costeleta e um copo de chá? – perguntei à minha mãe quando me levantei.

Ela deu um salto, pegou uma toalha de papel, enrolou um biscoito nela e me

entregou.

– Leve isto aqui também.

– Sim, senhora – falei. – Obrigado pelo almoço. Estava delicioso.

Ela assentiu, apesar de eu sempre dizer a mesma coisa quando saía da mesa. Minha mãe havia me ensinado isso quando eu ainda era bem novo. “Sempre agradeça ao cozinheiro e deixe claro que você gostou da refeição.”

– Posso ir ver os cavalos? – perguntou Aida.

– Você precisa ficar aqui e comer. Deixe o menino em paz, Aida – disse meu padraço.

Aliviado, peguei meu chapéu do gancho ao lado da porta e o coloquei na cabeça antes de sair. Eu havia conseguido terminar meu almoço e Aida tinha sido só um pouco irritante. Queria tanto que ela fosse embora antes de Reese chegar em casa...

Tinha sentido falta do meu almoço com Reese hoje. Adorava vê-la e poder abraçá-la no meio do dia. Isso me ajudava a chegar até o fim dele. Tirei o celular do bolso e liguei para ela. Pelo menos podia ouvir sua voz.

REESE

Olhei para meu celular e vi a imagem das botas de Mase na tela. Eu não podia atender. Ainda não. Não agora.

Piper não fez nenhuma pergunta quando saí do consultório. Ela respeitou o meu silêncio, mas eu lhe devia uma explicação. Ela havia marcado um encaixe para mim com o médico dela sem perguntar nada e depois tinha me levado à consulta durante o horário de trabalho.

Recusei a ligação, coloquei o telefone de volta no colo e fiquei olhando para a estrada.

– Querida, aquele homem ama você. Ele idolatra o chão que você pisa. Não fique com medo de contar a ele. Ele vai ficar emocionado – disse ela baixinho, estendendo o braço e dando um tapinha na minha perna.

Piper não era burra. Tinha adivinhado por que eu precisava ir ao médico e qual havia sido o resultado sem eu precisar dizer nada. Imaginei que fosse meio óbvio. Virei o rosto para ela.

– Ele nem sequer me pediu em casamento. Tudo o que fiz foi acrescentar mais estresse à vida dele. Como vou contar isso a ele?

Piper franziu a testa.

– O que vejo é que Mase Colt faz o impossível para deixar você feliz. Ele tem tanto medo de perdê-la que não consegue se segurar. Isso não vai ser uma má notícia pra ele. Confie em mim.

Ela não sabia da história toda. Não sabia do meu passado. Mase me amava, eu tinha noção disso, mas não estava pronto para mais. Ele queria que nós vivêssemos juntos e aproveitássemos o agora. Ainda não estava planejando o futuro. Mas ali estava eu, com nosso futuro dentro de mim.

– Eu mesma preciso de um tempo para me adaptar a isso. Vou contar a ele. Só não estou pronta ainda – expliquei.

Piper suspirou.

– A decisão é sua, mas ele vai querer saber.

Era verdade. Eu tinha noção de que ele gostaria de saber. Mas será que ficaria feliz? Ou seria apenas mais um fardo? Eu não queria que aquele bebê fosse menos do que adorado. Queria que tivesse a vida que eu não tive. Queria dar ao meu filho a vida que Mase teve.

– Não espere muito – disse Piper. – Quanto mais tempo passar, mais difícil será contar a ele.

Assenti. Ela tinha razão. Eu devia conversar logo com ele. Mas, primeiro, eu precisava saber que teria algum lugar para ir se ele não estivesse pronto. Não era mais só comigo que eu devia me preocupar. Agora também era responsável pela vida de outra pessoa.

Estava na hora de visitar meu pai.



Quando cheguei ao trabalho, Mase havia ligado de novo. Desta vez, atendi, porque, se continuasse ignorando as chamadas dele, ele acabaria aparecendo lá. Eu não tinha nenhuma dúvida disso. Disse a ele que o almoço havia sido ótimo e que eu tinha sentido falta dele. Ele pareceu contente com isso e encerramos a ligação.

Mas depois, sentada na caminhonete dele, foi diferente. Havia um segredo imenso entre nós, e eu estava me sentindo culpada por não contar nada. Ele tinha me beijado e me abraçado ao chegar à casa de Piper. Eu sempre me sentia muito segura nos braços dele.

A culpa parecia uma pedra no meu coração. Eu estava com medo de perder tudo.

– Acho que é melhor você saber que Aida está aí, caso ela ainda não tenha ido embora quando voltarmos à fazenda. Estava na casa da minha mãe hoje na hora do almoço – disse ele, olhando para mim enquanto dirigia.

Eu não estava com ânimo para lidar com Aida. Não era o melhor momento.

– Tá bom. Ela disse por que veio? – perguntei, tentando fazer parecer que a notícia não havia me incomodado.

Ele deu de ombros.

– Acho que estava entediada. Nenhum motivo especial.

– Ah – foi minha única resposta.

Eu já tinha decidido que ia ver meu pai. A possibilidade de Aida ainda estar lá não tinha importância. Só reforçou minha decisão.

– Podemos fazer uma visita ao meu pai por esses dias? Acho que estou pronta.

Mase passou o braço pelas minhas costas e brincou com meus cabelos.

– Vou reservar o voo hoje à noite. Quer ligar pra ele e avisar que estamos indo?

Assenti e ele deu um beijo no topo da minha cabeça.

– Como você quiser, gata. Basta pedir.

Desta vez, quando Mase me beijou, levei a mão à barriga. Como eu ia contar a ele?

– Minha mãe mandou sobras do almoço. Podemos jantar e depois cuidar dos arranjos da viagem. Quando você quer ir?

– Depois de amanhã. Preciso falar com Piper primeiro e terminar algumas coisas no escritório.

– Está ótimo. Assim tenho tempo de arrumar minhas coisas também.

Quando paramos na entrada de carros, a caminhonete de Aida estava estacionada do lado de fora, e ela se encontrava sentada nos degraus da varanda. Evitá-la não era uma opção. Eu não tinha escolha a não ser encarar.

Mase apertou meus ombros.

– Sinto muito por isso.

Antes que eu descesse da caminhonete, Mase já estava segurando a minha mão. Deixei que ele me ajudasse a saltar e me abraçasse enquanto caminhávamos na direção da casa. Aida se levantou quando nos aproximamos. Ela estava com os olhos vermelhos de chorar e com o lábio inferior trêmulo.

– Eu queria me desculpar com vocês dois – falou, fungando. – Eu não queria causar tantos problemas. Voltei pra dizer que sinto muito. – Ela olhava diretamente para Mase. – Eu sinto a sua falta. Sinto falta da nossa amizade. Quero o meu primo de volta.

O corpo de Mase pareceu relaxar ao meu lado.

– Eu não fui a lugar nenhum, Aida. Mas você mudou as coisas. Você não conseguia aceitar Reese, e ela é parte de mim.

Ela assentiu e uma única lágrima escorreu por seu rosto perfeito.

– Eu sei. Fiquei com ciúme. Nunca havia precisado dividir você antes. Sinto muito. – Ela olhou para mim. – Sinto muito de verdade. Eu não tinha a intenção de dar aquele ataque.

– Se você conseguir aceitar Reese e compreender que ela é a minha vida agora, podemos voltar a ser amigos. Você foi a minha priminha durante a maior parte da minha vida. Eu gosto de você e quero que seja feliz. Só não vou permitir que magoe Reese. Jamais.

Aida pareceu fazer beicinho, mas ela tinha os lábios tão carnudos que às vezes era difícil saber.

– Não vou fazer isso. Prometo. Também quero que você seja feliz.

– Então vamos esquecer do passado e começar de novo – disse Mase.

Aida sorriu alegremente para ele.

– Mesmo?

Ele assentiu.

– Mesmo.

Eu queria acreditar nela, mas alguma coisa dentro de mim estava me dizendo que aquilo não era sincero.

MASE

Algo estava incomodando Reese. Não consegui descobrir o que era, e todas as vezes que tentei conversar a respeito, ela ficou em silêncio. Foi quase um alívio chegar a Chicago. Minha esperança era que ela estivesse agindo daquela forma por se sentir nervosa demais para conversar com Benedetto sobre seu passado, apesar de querer muito encontrar sua nova família. Eu só precisava saber o que a estava deixando tão agitada.

Fiquei acostumado com ela me contando as coisas e se abrindo comigo. Agora ela estava diferente. Era como se tivesse erguido um muro à sua volta e se recusasse a me deixar entrar. Isso me deixou muito assustado. Se fosse porque Aida ia ficar hospedada na casa dos meus pais por duas semanas, eu mandaria minha prima embora. Só precisava que Reese me dissesse qual era o problema. Eu estava me sentindo tão impotente...

Benedetto nos encontrou perto da esteira de bagagens, e, surpreendentemente, Reese seguiu direto para os braços dele em busca de um abraço. Eu imaginei que ela fosse manter alguma distância até ter a oportunidade de falar com ele sobre tudo o que a incomodava.

– Estava com saudade de você – disse ele, com uma expressão alegre ao abraçá-la.

– Também estava com saudade de você – respondeu ela, recuando um pouco. – Obrigada por nos receber tão em cima da hora.

Benedetto franziu a testa.

– Jamais se desculpe por vir me ver. Minha casa é sua. Sempre, *passerotta*.

A avó de Reese também se referia a ela como *passerotta*. Era uma expressão carinhosa que significava “pardalzinho”, segundo ela tinha me contado.

– Nonna está ansiosa com sua chegada – acrescentou ele, pegando a mala dela e olhando para mim. – É bom ver você de novo, Mase.

– Iguamente, senhor – respondi.

Peguei minha mala e coloquei a mão livre nas costas de Reese.

– Que bom que você veio. Da última vez, quando foi embora, os pensamentos de Reese foram com você. Foi difícil pra ela.

– Também foi difícil pra mim deixá-la aqui – falei.

Benedetto pareceu satisfeito com a resposta e se virou para nos guiar até um Escalade prateado no qual seu motorista particular aguardava.

– Podem se sentar juntos no banco de trás, vocês dois. Eu vou aqui na frente com Hernaldo – disse Benedetto. – Raul queria vir buscá-los, mas não pôde por causa das aulas da tarde. Ele está muito ansioso para vê-los de novo.

Reese se parecia muito com o irmão Raul. Era estranho olhar nos olhos dele e ver algo de Reese neles. Em vez de ficar chateado por não ser mais filho único,

Raul havia adorado a ideia de ter uma irmã mais velha e parecia genuinamente satisfeito em passar um tempo com Reese.

– Eu também estou ansiosa para vê-lo – retrucou Reese, e eu sabia que seu desejo era sincero.

Não importava a dor que ainda nutrisse pelo pai, ela adorava o irmão.

– Nonna vai querer toda a sua atenção primeiro, é claro. Ela já pediu um chá completo para a sua chegada. Imagino que estará usando as roupas de domingo – comentou ele, dando uma piscadela para Reese.

Ela riu e olhou para mim. Eu queria que ela tivesse tido aquela vida, crescido com aquela família amorosa lhe dando segurança e apoio. Mas pelo menos ela a tinha agora. Era algo para agradecer.

– Falei com Nonna na semana passada – contou Reese a ele. – Ela me perguntou quando eu viria fazer uma visita.

Benedetto assentiu.

– Ah, sim, ela tem estado ansiosíssima desde que você ligou pra dizer que viria.

Depois que todos já estávamos acomodados no carro, a conversa continuou. Reese sentou perto de mim e deixou que eu segurasse sua mão. Talvez aquilo fosse tudo o que a estava incomodando antes. Eu esperava que a preocupação dela tivesse passado e que eu conseguisse transpor aquele muro que ela havia erguido.

Não demorou muito até pararmos diante dos portões de ferro da propriedade DeCarlo. Na primeira vez em que visitei o local, precisei enfrentar minha fúria por saber que Reese havia precisado lutar tanto para sobreviver enquanto o homem que a havia gerado vivia em meio a tanto luxo. No entanto, a alegria no rosto do sujeito ao conhecer Reese logo venceu a minha amargura. Eu acreditava que ele não sabia onde encontrá-la. O que quer que o tivesse mantido afastado não tinha mais importância. Ele estava na vida dela agora.

Nonna abriu a porta da frente e estava radiante ao chamar o nome de Reese.

– Vou ajudar o seu pai – falei a ela, dando um beijo em seus lábios. – Vá cumprimentar sua avó.

– Ela é boa para a Nonna – comentou Benedetto atrás de mim depois que Reese já tinha se afastado.

– Nonna é boa para ela também – respondi.

Ele assentiu e uma expressão de preocupação perpassou seu rosto.

– Eu queria que ela sempre tivesse tido esta família. Queria um monte de coisas, mas fiz o que achei que fosse o melhor.

Ele estava errado. O que tinha considerado o melhor havia sido um pesadelo.

– O passado de Reese pertence a ela e é dela a decisão de compartilhá-lo com você, mas vou lhe dizer uma coisa: qualquer vida teria sido melhor do que a que ela teve.

Benedetto ficou tenso e seu rosto foi atravessado pela dor. Ele sabia mais do que estava transparecendo? Como poderia saber?

– Cometi muitos erros nesta vida – falou, vendo Nonna levar Reese para dentro de casa. Então se virou para mim. – Mas jamais vou me perdoar por isso. Irei para o túmulo com essa parte da minha alma destruída.

Ele sabia. Não era possível que não soubesse.

– Vamos entrar. Hernaldo vai levar as bagagens para dentro.

Benedetto fez um gesto para que eu o acompanhasse.

Entramos na casa em silêncio e eu fiquei repassando na mente o que ele havia me dito. Como ele podia saber o que Reese havia sofrido? Quem teria lhe contado? Ela tinha ido até ali para contar a ele e se libertar de todos os segredos. Se ele já sabia, por que não dissera nada a ela?

– Saber que minha filha está com um homem que é capaz e vai protegê-la com a própria vida é reconfortante pra mim. Ela ama você, e posso ver que você a ama. Mas quero que entenda que, se em algum momento você deixar de amá-la ou não puder mais protegê-la, deve trazê-la para mim. Está me entendendo?

Eu jamais iria desistir de Reese. Por motivo nenhum.

– Estou. Mas esse dia nunca vai chegar. Reese é minha vida. Ela é o meu futuro.

Benedetto assentiu.

– Ótimo. Era o que eu queria escutar.

REESE

Nonna ficou comigo a tarde toda, até Raul voltar para casa e insistir que era a vez dele de ficar comigo. Aproveitei o tempo que passei com eles e evitei pensar na conversa que precisava ter com meu pai. Benedetto ainda era um estranho para mim, de muitas maneiras. Ele parecia poderoso, ainda que amoroso. Eu sabia que ele estava feliz por ter me encontrado, mas não o conhecia da forma como sentia já conhecer Nonna e Raul.

Contar a ele sobre o bebê me assustava. Ele parecia ser um homem muito tradicional. Embora eu soubesse do caso que tivera com minha mãe, engravidado-a e depois abandonado-a, me deixando para trás, ele esperava mais da própria família. Como encararia o fato de eu estar grávida sem sequer ter ficado noiva? Isso o decepcionaria?

Tinha planejado ir vê-lo para contar como o passado havia me marcado e como era difícil perdô-lo pelo que ele fizera. Mas agora isso não parecia tão importante. Eu tinha um bebê em que pensar, uma criança que eu jamais permitiria viver o horror que eu havia experimentado. Aquele bebê seria protegido e amado. Se Mase não estivesse pronto para isso, eu precisava saber que alguém nos queria. Que alguém tomaria conta de nós.

Iniciei o assunto assim que o jantar acabou.

– Eu queria falar com você – falei, baixinho, enquanto os outros ainda conversavam.

Raul estava contando a Mase sobre um jogo de basquete de que havia participado na semana anterior.

Benedetto me deu um sorriso carinhoso.

– É claro. Vamos para a biblioteca.

Ele começou a se levantar e eu olhei ao redor enquanto fazia o mesmo. Todos iam saber que estávamos saindo para ter uma conversa particular. Eu não queria atrair a atenção, sobretudo na frente de Mase, que estava achando que eu ia falar com meu pai sobre algo completamente diferente.

– Vou roubar minha filha um instantinho, para ter um tempo só com ela. Este bando exige toda a atenção dela, mas eu também quero um pouco. Por favor, vão beber alguma coisa na sala de estar enquanto temos um momento a sós – disse Benedetto, estendendo o braço para mim.

– Seu bode velho – resmungou Nonna, mas pude ver a expressão satisfeita em seu olhar.

Olhei para Mase e dei um sorriso tranquilizador. Não queria que ele nos seguisse. Precisava fazer isso sozinha.

– Se ele encher seu saco, lembre-se de que pode fugir dizendo que não está se sentindo bem. Funciona que é uma beleza – aconselhou Raul quando nos

afastamos da mesa e seguimos pelo corredor até a biblioteca.

– Ele acha que eu acredito nessa desculpa. Eu já sei que, quando ele fala que não está se sentindo bem, já parou de prestar atenção e não está mais escutando uma palavra do que estou dizendo. Então qual é o sentido de mantê-lo comigo?

Dei uma risada. Ouvir os dois brincando um com o outro assim me deu esperança de que eu poderia ser a mãe que meu bebê merecia. Que um dia, dali a vinte anos, estaríamos brincando um com o outro e lembrando com carinho de nossas memórias compartilhadas.

Benedetto abriu a porta da biblioteca e eu entrei. O cheiro de couro e de livros me abraçou e eu inspirei profundamente. Antes, livros me apavoravam. Eu não queria estar perto deles por medo de que alguém me pedisse para ler. Agora, eu queria abrir todos e descobrir os tesouros dentro deles.

– Sente-se. Vou preparar uma bebida pra nós. Quer um martíni?

Fiz que não com a cabeça.

– Uma água com gás está bom.

Benedetto me observou. Em vez de ir até o bar que ficava atrás de duas grandes portas de carvalho, ele parou na minha frente.

– Nada de bebida alcoólica? – perguntou.

– Não – respondi.

Ele soltou um suspiro e então um sorriso levantou o canto de sua boca.

– *Passerotta*, você está prestes a fazer de mim um avô.

Ele não pareceu decepcionado. Pareceu... esperançoso.

Assenti, esperando o que viria em seguida.

Ele bateu palmas e soltou um grito com uma risada.

– Precisamos comemorar. Por que não nos contou assim que chegou? Poderíamos ter preparado uma sobremesa especial. Nonna vai adorar saber disso.

– Mase ainda não sabe – falei, fazendo o sorriso de Benedetto desaparecer.

– Não sabe? Mas por que você não contou?

Porque... e se ele me abandonasse? E se não estivesse pronto?

– Não foi planejado. Ele nem me pediu em casamento ainda. Não está pronto para isso – respondi, dando voz a todos os meus medos.

– Aquele homem ama você, Reese. Ele a adora. Enfrentaria um exército inteiro por você. Como pode pensar que ele não ficará exultante com a notícia de que está carregando um filho dele?

Afundi no sofá de couro.

– Ele diz que sou o futuro dele, mas não toma nenhuma decisão de fato. Um filho não está nos planos dele. Eu vou contar, mas, se ele não estiver pronto, eu... eu não vou poder ficar com ele.

Benedetto se aproximou e sentou na minha frente.

– Se ele não estiver pronto, você virá pra cá. Nonna, Raul e eu vamos garantir que não falte nada ao seu bebê. Mas não vai ser o caso. Você vai fazer dele o homem mais feliz do mundo. Ele quer ficar com você pra sempre, *passerotta*, e esta será a garantia dele. Mase tem mais medo de perder você do que qualquer outra coisa. Posso ver isso nos olhos dele.

Queria que Benedetto tivesse razão. Queria que Mase e eu

compartilhássemos a alegria e a emoção da vida que havíamos criado. Se ao menos eu soubesse que ele se sentia da mesma maneira...

– Me diga que você vai contar logo. Confie em mim. Confie nele. Dê-lhe esta chance de provar que ama você e que quer o bebê, também.

– E se ele se sentir pressionado a fazer algo que não deseja, como me pedir em casamento? Se ele quisesse mesmo, já teria feito isso a essa altura, não? Ele foi criado por uma mulher que lhe ensinou a diferença entre o certo e o errado. Não quero que ele me peça em casamento apenas por achar que é a coisa certa a fazer.

Benedetto assentiu.

– Isso é compreensível. Os homens às vezes têm o pior timing do mundo quando se trata de pedidos de casamento. Mas você não precisa aceitar se achar que ele não está sendo sincero. Deixe que ele espere, e, quando tiver certeza de que ele a ama e quer você como esposa por nenhum outro motivo além de não poder viver sem você, então poderá dizer sim. Não antes disso.

Isso eu conseguiria fazer. Ele achar que precisava me pedir em casamento não significava que eu precisava aceitar. E, de qualquer maneira, nós não éramos obrigados a nos casar. Não existia um manual dizendo que é preciso estar casado para ter filhos.

– Tudo bem. Vou contar. E, se ele me pedir em casamento, vou dizer não. Por enquanto.

Benedetto sorriu e deu um tapinha na minha mão.

– Ver você levar esse moço à loucura será uma fonte infinita de divertimento para mim. É uma pena que eu vá perder tanta coisa quando vocês voltarem para o Texas.

– Obrigada – falei.

Benedetto ficou sério e eu vi algo em seus olhos que me deu um aperto no peito. Ele parecia estar sofrendo.

– Não fui o pai que você merecia. Falhei com você. Jamais vou me perdoar por isso. Mas vou usar o tempo de vida que me resta para garantir que nunca mais você fique sem apoio de novo. Não posso mudar o seu passado, *passerotta*. Eu queria, mas não posso. Posso fazer apenas o que está a meu alcance. E vou me esforçar para garantir que a sua vida seja cheia de luz e alegria de agora em diante.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas e evitei piscar para elas não rolarem pelo meu rosto. Não precisava contar a ele sobre o meu passado. Olhando em seus olhos, tive a sensação de que ele já o conhecia. Eu não sabia ao certo o que ele sabia, mas era alguma coisa. E isso bastava.

MASE

Era tarde quando Reese enfim veio para o quarto. Eu havia lutado contra a vontade de ir atrás dela várias vezes, mas ela estava com o pai, e os dois precisavam daquele tempo juntos. Era a chance que tinha de se curar da raiva e da dor que sentia em relação a ele.

Eu estava sentado na ponta da cama quando a porta se abriu e ela entrou. Ver seu rosto ajudou a me tranquilizar. Pulei da cama e corri até ela para ter certeza de que estava tudo bem.

– Oi – falei, envolvendo-a nos braços e inalando seu cheiro doce.

– Oi. Desculpe ter demorado tanto. Acabamos conversando muito mais do que eu esperava.

– Sobre o passado? – perguntei, me afastando um pouco para olhar para ela.

– Sim e não. Também falamos sobre coisas felizes. Sobre a infância dele e sobre como ele conheceu minha mãe. Coisas assim. Coisas que eu nunca soube nem compreendi.

– E ajudou?

Eu queria que tivesse ajudado. Isso jamais apagaria o passado de Reese, mas queria que ela fosse capaz de fechar a porta para ele.

– Sim, muito. – Ela fez uma pausa, e eu esperei. – Mas não era por isso que eu queria conversar com ele. Eu vim pra cá por outro motivo.

O toque de insegurança e medo em sua voz não me soou bem. O muro que ela havia construído estava prestes a cair, e eu tinha medo de descobrir por que ela o havia erguido. Que conversa era essa que ela precisava ter com o pai que não podia ter me contado?

– Mase, eu... Sabe, hã...

Ela parou e soltou um suspiro frustrado enquanto se esforçava para formar as palavras. Fiquei observando enquanto ela fechava os olhos e inspirava profundamente. Não era algo fácil para ela, e isso me apavorava. O que Reese poderia ter para me falar que fosse tão difícil assim?

– Reese? Gata, o que quer que você tenha pra me dizer, eu dou conta. Estou aqui. Fale comigo.

Ela assentiu e abriu os olhos para me fitar.

– Tá bom. Eu quero que você saiba que não foi nada planejado, e que isso não é um golpe. Eu jamais faria isso. Não espero nada de você, eu só... Eu preciso que você acredite em mim quando digo isso. Não quero que pense, nunca, que foi de propósito.

Ela estava falando sem parar, e eu estava ficando mais nervoso a cada segundo.

– Eu estou grávida – disparou, e seus olhos se arregalaram, como se ela não

conseguisse acreditar que houvesse dito aquilo em voz alta.

Era isso que ela estava com tanto medo de me dizer? Que ia ter um bebê meu? Eu a encarei, espantado, e olhei para a barriga dela. Nós havíamos criado uma vida, que estava ali dentro dela. Ela a estava carregando. Nosso bebê.

– Eu juro, não espero nada. Se não estiver pronto pra isso, Benedetto disse que eu posso ficar aqui com ele. Então não pense que você precisa...

– Espere aí... O quê? – Olhei-a nos olhos. – Ficar com ele? Por que você ficaria com ele? Nós temos uma casa. A nossa casa. A casa do nosso bebê. Você vai ficar comigo. Vocês dois.

Ela deixou os ombros caírem com um suspiro, e eu queria que fosse um suspiro de alívio. Não imaginava por que Reese tinha pensado que eu fosse mandá-la embora. Ela não entendia que quando eu dizia que ela era o meu futuro, eu estava falando *a verdade*, porra?

– Não quero pressioná-lo. Aconteceu, e foi culpa minha. Eu esqueci de tomar uma pílula naquele dia que... Marco apareceu. No dia seguinte, quando me dei conta, tomei duas, mas pelo jeito não funcionou. Não quero que pense que tem a obrigação de fazer qualquer coisa para a qual não esteja preparado.

Aquela mulher ia ter meu bebê e eu idolatrava o chão em que ela pisava. Como ela podia achar que eu me sentiria pressionado a fazer qualquer coisa quando se tratava dela? Eu adorava fazer as coisas para ela.

– Reese, gata, eu amo você. Eu não costumo usar essas palavras com facilidade. Quando digo que amo você e que você é o meu mundo, estou falando sério. Você me deu o seu coração, e achei que tinha me dado a sua confiança também. Pelo jeito, eu ainda não a tenho por completo, e isso é culpa minha. Sei que falhei de alguma forma e não deixei claro como você é importante pra mim. Você vai ter meu bebê, Reese. A mulher que eu amo está carregando meu bebê. Você consegue imaginar como estou emocionado? Você é minha. – Fui até ela e coloquei a mão em sua barriga. – *Isto* é meu. E eu nunca vou me afastar de nenhum dos dois.

Reese pousou a cabeça no meu peito e soltou um pequeno soluço. Eu a aninhei em meus braços. Ela tinha muito medo de que as pessoas se voltassem contra ela, e era isso que esperava de todo mundo. Menos de Benedetto. Ela havia confiado nele. Havia contado a ele. Como ele tinha conseguido a confiança que eu falhei em conquistar? O que havia feito certo que eu havia feito errado?

Quando eu fosse buscar o anel que havia encontrado na semana passada e mandado ajustar, provaria a Reese que eu era dela. Que diabo! Eu pertencia a ela desde o dia em que a peguei cantando desafinadamente e balançando a bunda na minha frente. Eu não havia me dado conta naquela ocasião, mas eu já era dela ali.

– Me desculpe por não ter contato pra você assim que eu soube. Foi uma surpresa pra mim, e eu não sabia ao certo como você ia reagir. Não queria te obrigar a nada.

Segurei o rosto dela entre as mãos.

– Você sempre vai ser a minha prioridade número um, Reese. Sua felicidade é o meu objetivo. Nunca mais duvide de mim. Me prometa isso – pedi, precisando saber que, da próxima vez, ela iria procurar a mim, e não Benedetto.

Ela assentiu.

– Tudo bem. Eu prometo.

Beijei os lábios dela suavemente. Queria deixá-la nua e examinar cada centímetro de seu corpo para ver se havia mudado. Será que os quadris dela estavam mais largos e eu não havia notado? Será que a barriga estava dando algum sinal? Os seios estavam doloridos?

– Preciso que você faça uma coisa pra mim – falei, afastando os lábios dos dela com relutância.

– O quê? – perguntou Reese, arfando.

– Tire a roupa. Quero olhar pra você e ver se consigo encontrar alguma mudança – pedi, com um sorriso que não conseguia mais tirar do rosto.

Ela corou.

– Está falando sério?

Assenti.

– Muito.

Pude ver a excitação nos olhos dela enquanto me observava. Ela gostou da ideia de eu tocá-la toda, prestando ainda mais atenção às regiões que ela adorava que eu beijasse.

– Vou dar atenção especial a esses mamilos sensíveis – prometi, deslizando as mãos até o cós da saia dela.

– Ah, é? – disse ela, se apoiando em mim.

– Aham. Mais algum outro ponto sensível precisa da minha experiência? – perguntei, segurando a bunda dela com as duas mãos.

– Ahhh... sim – respondeu ela, arqueando o corpo na minha direção.

– Então vamos tirar a sua roupa e descobrir exatamente onde eu preciso beijar. Isso pode levar horas.

Reese levantou as mãos para o alto e me encarou. Toda aquela confiança nos olhos dela me deixou com vontade de esmurrar o peito e rugir. Aquela era a minha mulher. Eu jamais a decepcionaria.

REESE

Quando partimos de Chicago, Nonna já estava tricotando um cobertorzinho de bebê. Meu pai tinha razão. Ela ficou extasiada. Raul também estava emocionado. Ficou se referindo a si mesmo como Tio Raul durante o resto da nossa estadia. Mas depois de três dias, eu sabia que precisávamos voltar para casa e contar aos pais de Mase.

Mase havia se tornado superprotetor. Eu tinha que lembrá-lo o tempo todo de que era perfeitamente capaz de caminhar e que não precisava ficar de repouso. A barriga ainda não estava nem aparecendo. Eu realmente esperava não ter enjoos matinais, porque não sabia se iria suportar.

Ele também estava ansioso para eu voltar ao médico, para poder acompanhar. Mase tinha um milhão de perguntas cujas respostas eu não sabia. A única coisa que ele não mencionou foi casamento. Fiquei arrasada. Não queria que ele me pedisse em casamento por achar que devia, mas ele nem falar sobre isso também me preocupou. Tentei me convencer de que eram meus hormônios da gravidez e que eu não tinha nada com que me preocupar. Mesmo que ele nunca me pedisse em casamento, ele me queria. Queria nós dois. Eu não precisava de um anel ou do sobrenome para ser dele.

Chegar em casa e contar aos pais dele era nossa prioridade. Maryann trouxe uma torta de chocolate e eu preparei um bule de café. Dava para ver a preocupação nos olhos do padrasto dele e a empolgação nos da mãe. Eu queria que Mase desembuchasse de uma vez. Queria que os dois ficassem felizes, mas fiquei preocupada que pensassem que eu estava armando para prender Mase. Essa era a minha maior tensão.

– Obrigado por virem e trazerem a torta. Foi um longo dia de viagem, e Reese precisava descansar – disse Mase.

Lancei a ele um olhar frustrado, franzindo a testa. Ele me fez parecer uma fresca. O motivo pelo qual eles tiveram que ir até ali era a insistência de Mase de que eu ficasse confortável e relaxasse.

– Nós nunca somos convidados a vir aqui. Foi um prazer – disse Maryann, sorrindo alegremente para mim.

Ela estava tão empolgada por estar ali que eu me senti culpada por quase nunca a convidar. Precisava fazer isso com mais frequência.

– Estou doido pra comer um pedaço de torta – disse Charlie. – Vamos conversar enquanto comemos. Maryann não me deixou nem tocar na torta antes de virmos.

Ela revirou os olhos e deu um tapa no ombro do marido.

– Que grosseria. Eles querem nos contar alguma coisa.

Charlie deu de ombros.

– Bom, eles estão demorando muito. Quando vocês vão se casar? Pronto. Agora, vamos comer a torta.

Congelei. Não conseguia respirar e fiquei enjoada. Não imaginei que eles fossem achar que nós tínhamos novidades. Contar a Mase havia sido fácil demais. Eles não iam gostar de eu estar grávida sem sermos casados.

Mase passou o braço pela minha cintura e me puxou para ele. Estava observando a minha reação. Ele me conhecia muito bem. Aquele era o jeito dele de me confortar, mas não estava funcionando. Eu não estava confortada. Estava apavorada.

– Nós vamos ter um bebê – disse ele, com orgulho na voz.

Eu queria engatinhar para baixo da mesa e me esconder. Charlie me encarou, e Maryann bateu palmas e deu um gritinho.

– Eu sabia! Eu sabia! – exclamou ela, empolgada.

Olhei de Charlie para Maryann e vi só alegria em seu rosto. Voltei a respirar normalmente. Pelo menos a mãe dele estava feliz.

– Fazendo a coisa um pouco fora de ordem, não é, filho? – falou Charlie, afinal.

Aquelas eram as palavras que eu temia.

Mase apertou mais forte a minha cintura.

– Eu não sabia que havia uma ordem a ser seguida. Sou adulto. Esta é a minha vida.

– Charlie, a notícia é maravilhosa. A gente sabia que eles iriam se casar. E daí que o bebê veio antes do pedido?

Ah, meu Deus. Eu ia vomitar. Ele nunca havia falado sobre casamento. Maryann estava supondo uma coisa que não estava no roteiro.

– Ele a trouxe pra morar aqui sem pedi-la em casamento. Ele já teve muito tempo, não teve, Mase? É uma pena essa pobre moça ser tratada assim. Achei que tivesse criado você melhor.

Senti meus joelhos ficarem bambos. Se Mase não estivesse me segurando, não sei se eu ainda estaria de pé. O padrasto de Mase estava confrontando ele com tudo que vinha me assombrando. Isso o faria sair correndo? Mudar de ideia?

– Eu a trouxe pra morar aqui porque não podia viver sem ela. Minha intenção sempre foi passar o resto da vida com Reese. Eu só estava dando um passo de cada vez.

– E você embaralhou todos os passos – disse Charlie. – Sua mãe pode estar empolgada, mas eu estou pensando na situação toda. Essa moça merece um anel se vai ter um bebê. Ela precisa dessa segurança. Você teve uma mãe solteira nos primeiros anos da sua vida. Sabe melhor do que ninguém como é importante ser o pai que seu filho merece. Dê um jeito nisso.

As palavras dele pareceram uma exigência.

Mase estava tenso ao meu lado, e Maryann assistia, perplexa, à explosão de Charlie. Eu não consegui dizer nada. Mal conseguia respirar.

– Não quero mais torta nenhuma. Vou pra casa – disse Charlie, saindo pela porta.

– Eu sinto muito. Ele só... Ele tem expectativas de como as coisas devem funcionar. Ele não quis ser grosso. Está empolgado com o bebê. Só deem um

tempo a ele – desculpou-se Mary ann.

– Ele tem um jeito estranho de demonstrar – comentou Mase, tenso.

Mary ann foi até o filho e o abraçou, então se virou para mim e me deu um beijo e um abraço.

– Eu não poderia desejar uma mãe melhor para o meu neto. Obrigada – sussurrou no meu ouvido.

Quando ela se afastou, fiquei com vontade de explodir em lágrimas. Ver a aceitação e a alegria dela era muito bom.

– Vou deixar a torta pra vocês. Tenho um homem pra colocar na linha – disse ela, dando um sorriso tímido para Mase.

Mase não respondeu, e Mary ann foi embora.

Eu não fazia ideia do que dizer a ele.

– Ele está errado. É antiquado. Ignore – falou Mase, ainda me abraçando.

Por mais que eu quisesse ficar em silêncio, sabia que precisava dizer alguma coisa. Tinha que esclarecer que não estava esperando um pedido de casamento. Certamente não queria em naquelas circunstâncias.

– Não quero um anel de noivado. Este bebê não é pra forçar você a fazer nada que não estivesse planejando. Eu jamais permitiria que fosse pressionado a se casar comigo. Então, por favor, entenda: não vou me casar com você se me fizer o pedido agora, não se for porque eu estou grávida. O bebê pode ter o seu sobrenome. Nós não precisamos estar casados pra isso acontecer. Só não... não leve em consideração nada do que ele disse.

Mase franziu a testa.

– Eu jamais pediria você em casamento por me sentir pressionado a isso – falou, parecendo sincero.

Soltando um suspiro de alívio, assenti.

– Que bom.

MASE

A morganita rosa-clara em formato de lágrima tinha sido engastada no meio de um halo de diamantes cravejados em uma aliança de ouro rosa. Era exclusiva, e linda. Pude visualizá-lo na mão de Reese.

Ajustá-lo havia sido complicado. Como os diamantes cobriam toda a extensão da aliança, o trabalho demorou algumas semanas para ser feito de forma correta. Segurar a joia era emocionante e apavorante. O timing era importante, e eu estava com medo de ter ferrado tudo.

Reese não aceitaria que eu a pedisse em casamento *porque* ela estava grávida. Se ao menos eu tivesse conseguido dar esse anel a ela uma semana atrás... Mas isso não havia acontecido, e tudo o que eu tinha agora era uma prova de que ele havia sido comprado três semanas antes. Eu precisava ser cuidadoso. Não queria que a lembrança dela do nosso noivado fosse maculada pela minha imagem implorando para que ela acreditasse em mim. Eu fazia questão de que fosse especial.

Minha mãe sabia do anel. Eu havia contado quando o encontrei. Então, ela estava ciente de que eu ia fazer o pedido antes de saber sobre a gravidez. Agora Charlie sabia disso também. Minha mãe fez questão de que ele entendesse como havia sido inconveniente. Considerando que ele havia me pedido desculpas nesta manhã nos estábulos, ela devia ter sido bem dura com ele.

Enfiei a caixinha de veludo preto no bolso da calça jeans e segui para casa. Eu precisava planejar o pedido, e só tinha mais três horas até buscar Reese no trabalho. Minha mãe ia me ajudar, e até mesmo Charlie participaria. Eu só precisava arrumar tudo.

REESE

A porta do escritório se abriu depois de uma batida curta. Quando ergui os olhos, vi Aida entrando. Eu não a via desde que tínhamos voltado para casa. Aparentemente, minha sorte havia acabado.

– Olá, Aida – falei quando ela se sentou do outro lado da mesa.

– Achei que podíamos ter uma conversa em particular. Há algumas coisas que eu gostaria de falar pra você. Coisas que você precisa saber, porque, pelo que posso perceber, você não é muito inteligente.

O insulto dela doeu, como se eu tivesse levado um tapa. Eu havia escutado esse tipo de coisa a vida toda.

– Ouvi dizer que você está grávida, mas vejo que ainda não está usando um anel de noivado. Mase não vai pedir você em casamento. Isso deveria lhe dizer alguma coisa. Se ele estivesse apaixonado por você como diz, vocês estariam noivos. – Ela sorriu com um olhar frio. – Quando um homem quer a gente, ele demonstra isso com algo que o mundo possa ver. Você não tem isso, tem? Não. Pense nisso, Reese. Pense em todas as coisas doces que ele diz que não se refletem em ações. Tentar prendê-lo com um bebê não vai funcionar. É uma péssima ideia.

Então ela se levantou e atirou os cabelos por cima do ombro esquerdo.

Eu não tinha nada a dizer. Não queria acreditar em nada daquilo, mas era difícil. Charlie havia dito basicamente a mesma coisa. Era burrice minha?

– Quando ele se entediar e seguir em frente, vou estar esperando. Já espero desde menina. Você não vai tirá-lo de mim. Ele só fez um desvio, mas quem vai ficar com ele no final serei eu. Aproveite enquanto pode.

Permaneci em silêncio quando ela lançou um sorriso triunfante para mim e saiu da sala batendo a porta com força.

Encarei a porta fechada. Mase me amava. Eu sabia disso. Então por que as palavras dela doíam? Por que a tinha deixado me afetar desse jeito? Ela estava com raiva por Mase ser meu. Só isso. Eu não ia ficar chateada e me preocupar com aquilo. Não ia.

Mas foi o que fiz pelo resto do dia.



Quando saí para ver se Mase havia chegado, fiquei surpresa ao encontrar Charlie sentado na caminhonete dele em seu lugar. Ele nunca havia mandado o padraço me buscar. Depois da noite anterior, fiquei nervosa de ir para casa com ele. Achei estranho Mase ter pedido aquilo justamente ao padraço.

Agarrando minha bolsa com força, caminhei até o lado do carona e entrei.

– Obrigada por vir me buscar – falei, me sentindo constrangida.

Charlie assentiu.

– O prazer é todo meu. Além disso, precisamos conversar. Eu me excedi ontem à noite.

Isso era verdade. Mas eu não respondi.

Ele deu ré na caminhonete para seguir até a estrada principal. Eu estava agarrando a bolsa com tanta força que os nós dos meus dedos ficaram brancos enquanto eu olhava fixamente para o painel à minha frente.

– Parece que eu falei sem saber de todos os detalhes. Julguei Mase quando ele não merecia isso. Ele é um bom rapaz. Sempre foi muito confiável, e eu achei que ele estivesse decepcionando você. Não queria vê-lo cometer um erro e estragar a própria vida. Mas eu não devia ter dito nada, e já pedi desculpas a ele, que me explicou algumas coisas. Eu estava errado. Espero que você possa me perdoar.

Assenti.

– Sim, é claro – respondi.

De qualquer maneira, eu não havia ficado brava com ele, só envergonhada. Mas fiquei satisfeita por ele ter se desculpado com Mase.

– Ótimo, ótimo. Bom saber – disse ele, diminuindo a velocidade para atravessar os portões da fazenda Colt. – Maryann não está muito feliz comigo agora. Preciso me desculpar com ela também. Mas sabendo que vocês dois me perdoaram, acho que tenho uma chance de fazer minha mulher feliz de novo.

Maryann amava Charlie. Eu não tinha dúvida de que ela o perdoaria. Eu sabia como era fácil perdoar o homem que amamos. Sobretudo quando o arrependimento é sincero.

– Ah, mais uma coisa – acrescentou Charlie ao parar na frente da casa dele. – Mase deixou isto pra você. Acho que ele precisa que você pegue alguma coisa nos estábulos. Vou deixá-la aqui, então.

Peguei o envelope branco da mão dele.

– Hã... tudo bem. Obrigada – falei, tentando imaginar do que se tratava aquilo, afinal.

Eu não sabia onde ficava nada nos estábulos, e o sol já estava se pondo. Andar até a casa no escuro pelo meio daquela fazenda imensa não era algo que me deixasse muito animada.

Charlie assentiu, abriu a porta e saiu da caminhonete. Fiz o mesmo e abri o envelope. Lá dentro, havia uma cópia de um recibo de compra, com um círculo vermelho em torno de uma data. O recibo era exatamente de três semanas atrás. O item e o preço estavam riscados, mas a loja era a Tiffany.

Eu havia começado a ir na direção dos estábulos quando vi velas cintilando à esquerda. Parei e me virei. O caminho que levava à nossa casa estava iluminado por velas em potes. Havia centenas delas tremulando ao pôr do sol. Estava lindo. O que estava acontecendo? Comecei a guardar o recibo de volta no envelope, mas notei outro pedaço de papel lá dentro. Havia um bilhete escrito com a letra de Mase: “Siga as velas.”

Confusa, me dirigi até o caminho das luzes tremeluzentes. Quando cheguei à primeira, vi pétalas de rosa espalhadas pelo chão. Sorrindo, me abaixei para

pegar uma. O que ele estava aprontando?

Continuei e vi mais pétalas de rosa vermelhas, brancas e rosa decorando o trajeto. Quando a casa apareceu, percebi uma caixa achatada no final do caminho. Estava embrulhada em papel prateado, com um grande laço rosa brilhante na cima e meu nome escrito na frente de um cartão preso a ela.

Abri a embalagem cuidadosamente. Dentro, encontrei o primeiro livro que havia lido para Mase. Era um livro infantil que eu tinha ganhado do meu professor. Tinha tido dificuldade nas primeiras vezes em que o li, mas fui melhorando com o passar dos dias. Mase me estimulou e me fez sentir capaz de qualquer coisa. Foi a primeira vez na vida em que acreditei em mim mesma.

Segurando o livro como a lembrança boa que ele era, continuei em frente na direção da escada, onde as velas continuavam iluminando o caminho. Quando cheguei à porta, vi outro pacote embrulhado igualzinho ao primeiro. Também tinha meu nome escrito. Coloquei o livro na cadeira ao meu lado e abri a embalagem. Era um pedaço de espelho quebrado. Assim que olhei para ele, me lembrei do dia em que conheci Mase. Eu estava limpando a casa de Nan quando caí e quebrei o espelho caro dela, cortando a mão com ele. Mase estava hospedado lá e naquele dia cuidou de mim melhor do que qualquer outra pessoa havia feito em toda a minha vida.

Estendi a mão e abri a porta, ainda segurando a caixa com o pedaço de espelho dentro. Então meus olhos encontraram os de Mase. Ele estava parado no meio da nossa sala de estar, também cheia de velas. Não estava coberto de poeira nem usando suas roupas de trabalho. Já tinha tomado banho e usava uma calça jeans bonita, com uma camisa de flanela toda abotoada.

– Eu guardei – disse ele.

Franzindo a testa, tentei entender do que ele estava falando.

– O espelho. Eu guardei o pedaço. Na época, não soube por quê, mas, quando varri os cacos do chão, guardei um pedaço. Eu queria me lembrar de você. Como não esperava vê-la de novo, fiquei com um caco do espelho.

Nossa. Ah, nossa. Segurei a caixa com mais força enquanto o encarava.

– Guardei o livro também – acrescentou. – Quando você conseguiu lê-lo, liguei para o seu professor e pedi que ele me vendesse o livro. Queria me lembrar de você lendo essas palavras para mim. A forma como você estava tímida no começo e depois foi ficando mais forte e mais segura a cada dia... Foi a coisa mais linda que já testemunhei.

Meu coração parecia prestes a explodir. Eu até levei a mão ao peito para não o deixar sair.

Mase se aproximou de mim e estendeu um pedaço de papel. Parecia um recibo de compra.

– Isto não é algo que um homem costume mostrar a uma mulher, mas eu preciso que você veja esta data e compreenda o que ela significa. Devido a questões de timing e às circunstâncias, foram necessárias três semanas para chegar daquele momento a este.

Peguei o recibo da mão dele, mas, antes que pudesse olhar para o papel, Mase estava se ajoelhando.

Não. Aquilo não estava acontecendo. Eu não queria. Eu dissera a ele que não

queria. Comecei a balançar a cabeça enquanto as lágrimas enchiam meus olhos. Não queria que toda aquela doçura se tornasse parte de uma lembrança ruim.

– Preciso que você olhe para esse recibo, gata. Por favor – pediu Mase, olhando para mim.

Senti um nó no estômago. Minha garganta queimava, e meus olhos estavam borrados. Ele não havia me escutado? Eu não queria forçá-lo a nada. Pisquei e tentei focar a visão no recibo. Mais uma vez, a data estava marcada com um círculo em vermelho. Exatamente como a cópia que ele havia deixado para mim. Era o mesmo recibo, mas neste o item não estava riscado, só o preço.

Anel de morganita rosa lapidação pera com aliança em ouro rosa.

Reli as palavras e inclusive as pronunciei baixinho enquanto assimilava a informação. Era um anel que ele havia comprado três semanas atrás.

– Era perfeito pra você. Só não era do seu tamanho – sussurrou ele.

Levantei o olhar para encontrar o dele, e vi que agora Mase segurava um anel na mão direita.

– Precisei mandar ajustar pra servir no seu dedo – falou baixinho.

– Ah – foi tudo o que consegui dizer com aquele bolo na garganta.

– Reese Ellis, você entrou na minha vida e a iluminou. Tudo o que era sem graça ganhou brilho. Você me transformou. Deixou a minha vida completa. Então, por favor, me dê tudo o que eu quero nesta vida e diga que será minha esposa.

Meu rosto estava inundado de lágrimas quando ele acabou de falar. Tudo o que eu sabia era que aquilo estava certo. Era aquilo. Era daquele jeito que deveria ser. E eu nunca havia amado outro homem como amava Mase.

– Sim – consegui responder em meio aos soluços.

Mase colocou a aliança no meu dedo e se levantou para me dar um beijo na boca.

Foi o melhor de todos os contos de fada.

EPÍLOGO

MASE

Reese não havia insistido que nos casássemos antes de o bebê nascer, mas eu queria que seu sobrenome fosse Colt Manning antes de trazermos uma criança ao mundo. Nós seríamos uma família. O tipo de família que nós dois não tivemos.

Hoje, Harlow tinha vindo a Dallas para comprar um vestido de casamento com a minha mãe e Reese. No dia seguinte, Reese, Harlow e eu iríamos a Los Angeles para contar a Kiro sobre o casamento e o bebê. Ele não estava mais bebendo até cair, mas a condição de Emily tinha piorado e Harlow estava preocupada com ele. Eu não queria que ela fosse vê-lo sem mim, e preferia contar as novidades a ele pessoalmente. Não era algo que eu pensava em fazer por telefone.

Não sabia se ele se importaria com o bebê ou com o casamento, mas era meu pai e devia pelo menos ser avisado. Tentei agir da melhor forma possível pelo bem de Harlow.

Charlie parou na frente dos estábulos e me entregou minha correspondência, como fazia na maior parte dos dias em que saía para conferir nossas caixas postais.

– Tem algumas coisas hoje – disse ele.

Subi a colina até a caminhonete dele para pegá-las.

– Obrigado – falei.

– De nada. Está tranquilo por aqui, com Major em Rosemary Beach e Aida longe. Tenho mais tempo agora que não preciso escutar sua mãe falar sobre o drama que eles aprontaram.

Dando risada, repassei a correspondência nas mãos.

– É, Major sempre deixa as coisas interessantes. Como tio Chap está encarando o fato de ele estar no ramo dos restaurantes?

Charlie balançou a cabeça.

– Não está orgulhoso, mas eu disse que pelo menos ele tem um emprego. Não acho que Chap algum dia vá superar o fato de o filho ter dormido com a mulher dele. Não sei o que ele esperava, casando com uma mulher quatro anos mais velha do que o filho.

Eu precisava concordar com ele.

– Mas deve ser difícil ser filho do Chap.

Nunca invejei o pai de Major. Chapman Colt era osso duro de roer. Nunca foi meu tio preferido.

Meu pai resmungou.

– Provavelmente. Bom, tenho coisas a fazer. Vejo você mais tarde. Acho que vamos ser só nós dois para o jantar, com as mulheres fazendo compras.

Assenti, sorrindo.

– Vamos dar um jeito.

Ele se afastou e eu voltei a olhar a correspondência. Um envelope chamou a minha atenção, e eu coloquei os outros no bolso do casaco para poder abri-lo. O envelope branco simples não tinha endereço de remetente. Havia um carimbo de Chicago e era endereçado a mim.

Abri o envelope e tirei um maço grosso de papéis dobrados. Uma outra coisa caiu no chão, mas, antes de pegá-la, abri os papéis e meus olhos imediatamente viram as palavras *Fundo Fiduciário* no topo. Logo abaixo, estava o nome completo de Reese.

Dei uma lida rápida na documentação e vi que Reese tinha um fundo no valor de 10 milhões de dólares, que estaria disponível quando ela completasse 21 anos. Confuso, continuei a ler e vi o nome de Benedetto DeCarlo. Ele havia feito aquilo. Ele tinha conhecimento de onde a mãe dela estava, porque havia criado aquele fundo. Eu não sabia muito bem como contar isso a Reese. Seria esse o jeito de Benedetto me pedir ajuda para contar a ela?

Eu me abaixei para pegar o papel que havia caído do envelope. O cartão pequeno e retangular me pareceu familiar. Eu já havia visto aquilo antes.

Virando o papel, vi que dizia simplesmente *Para a minha menininha*.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer à equipe da Atria. À brilhante Jhanteigh Kupihea. Não poderia desejar uma editora melhor. A Ariele Fredman, não apenas por ter ideias brilhantes, mas por escutar as minhas. A Judith Curr, por dar uma chance a mim e aos meus livros. E a todo mundo na Atria que tenha ajudado na produção deste livro.

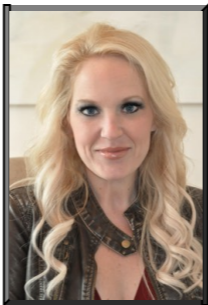
A minha agente, Jane Dystel. Ela está sempre presente para ajudar em qualquer situação. A Lauren Abramo, que negocia meus direitos no exterior. Eu não poderia nem começar a pensar em conquistar esse mundo sem ela.

Aos amigos que me escutam e me entendem como ninguém: Colleen Hoover e Jamie McGuire. Vocês estiveram comigo desde o princípio.

A meus leitores beta, Natasha Tomic e Autumn Hull. Vocês são brilhantes e sabem exatamente onde apontar quando algo está faltando. Muito obrigada por acompanhar minha agenda agitada.

Por último, mas sem dúvida não menos importante: à minha família. Sem o apoio deles eu não estaria aqui. Meu marido, Keith, garante que eu tenha meu café e que nossos filhos estejam bem cuidados quando preciso me trancar para cumprir um prazo. Meus três filhos são muito compreensivos, ainda que, depois que eu saio da minha caverna de escrita, eles contem com minha atenção total, e a recebam. A meus pais, que sempre me apoiaram, mesmo quando eu decidi escrever coisas mais quentes. A meus amigos, que não me odeiam por eu passar semanas afastada, escrevendo. Eles são meu maior grupo de apoio, e eu os amo demais.

A meus leitores. Jamais imaginei ter tantos de vocês. Obrigada por lerem meus livros, por gostar deles e indicá-los a outras pessoas. Sem vocês, eu não estaria aqui. Simples assim.



Abbi Glines nasceu em Birmingham, Alabama. Morou na pequena cidade de Sumiton até os 18 anos, quando seguiu o namorado do colégio até a costa. Atualmente os dois moram com seus três filhos em Fairhope, Alabama. Autora de diversos livros da lista de mais vendidos do *The New York Times*, do *USA Today* e do *The Wall Street Journal*, Abbi é viciada no Twitter ([@abbiglines](https://twitter.com/abbiglines)) e escreve regularmente no seu blog.

www.abbiglines.com

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arque



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarque



skoob.com.br/editoraarquei

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Ao seu encontro](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)